



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS

JIMMY IRAN DOS SANTOS MELO

SKATE NA VEIA: SKATISTAS EM BOA VISTA REPRESENTAÇÕES E
IDENTIDADE (1989 a 2001)

BOA VISTA, RR
2018

JIMMY IRAN DOS SANTOS MELO

**SKATE NA VEIA: SKATISTAS EM BOA VISTA REPRESENTAÇÕES E
IDENTIDADE (1989 a 2001)**

Defesa de dissertação do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF, da Universidade Federal de Roraima - UFRR, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteiras.

Área de concentração: Fronteiras e Processos Socioculturais

Linha de pesquisa II:

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Ferreira de Souza

BOA VISTA, RR

2018

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

M528s Melo, Jimmy Iran dos Santos.

Skate na veia: skatistas em Boa Vista representações e identidade (1989 a 2001) / Jimmy Iran dos Santos Melo. – Boa Vista, 2018.

112 f.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Ferreira de Souza.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira.

1 – Identidade dos *skatistas*. 2 – Espaços urbanos. 3 – Territórios do *Skate*. I – Título. II – Souza, Alfredo Ferreira (orientador).

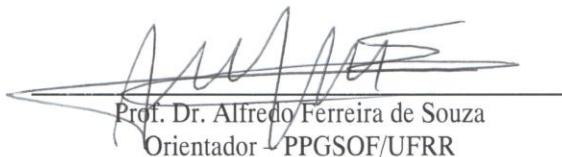
CDU – 796.2

Ficha Catalográfica elaborada pela: Bibliotecária/Documentalista:
Marcilene Feio Lima - CRB-11/507-AM

JIMMY IRAN DOS SANTOS MELO

**SKATE NA VEIA: SKATISTAS EM BOA-VISTA REPRESENTAÇÕES E
IDENTIDADE (1989 a 2001)**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima. Área de concentração: Sociedade e Fronteiras na Amazônia. Defendida em 15 de março de 2018 e avaliada pela seguinte banca avaliadora:



Prof. Dr. Alfredo Ferreira de Souza
Orientador – PPGSOF/UFRR



Prof. Dr. Antonio Tolrino de Rezende Veras
Membro Interno – PPGSOF/UFRR



Prof. Dr. Raimundo Nonato Gomes dos Santos
Membro Externo – História / UFRR

Dedico:

A minha esposa, Cleidinea Matos.

Aos meus pais e irmãos que de diversas maneiras buscaram me apoiar, ajudar, vocês são mais que importante para mim.

Aos meus amigos da Universidade Federal de Roraima – UFRR, que me suportaram com amor e carinho.

A todos os *skatistas* de Boa Vista – RR, que construíram a História.

In memoriam

Aos *skatistas* que vivenciaram o período mais conturbado, que eram apaixonados pelo *skate*, dedicados e que fizeram do seu amor ao esporte a marca deixada a todos. Ewerton de Souza “Tom”; Joelbe Pinho “Mará”; Israel Gomes “Rael”. Saudades Eternas.

AGRADECIMENTOS

A pessoa mais estimada em todos os momentos da minha vida, que me inspirou, traçou metas e elaborou cenário, trouxe momentos de alegrias e desafios, possibilitaram decepções e novos sabores, a pessoa a quem amo e a quem dedico todo meu conhecimento adquirido ao longo do curso do Mestrado, sem ele e sem a sua ajuda nada seria possível na minha vida, Jesus Cristo, o único Deus verdadeiro, autor e consumidor da vida e da existência humana. Ele foi à fonte de toda inspiração para realização de todos os atos ao longo deste tempo acadêmico.

A minha amada esposa, Cleidinea Matos, tudo seria tão sem graça sem você, hoje e ontem, foi e tem sido a causa de lutar, sua participação chegou ao momento certo.

Também, como não se lembrar dos meus pais, Raimundo Melo e Raimunda Júlio, óh! Como seria difícil chegar até aqui sem a contribuição deles, quantas vezes me apoiaram a seguir em frente quando em alguns momentos pensei em desistir, as palavras de encorajamento, as perguntas sobre se “tudo estava bem com o curso”, as discussões em casa sobre algumas decisões difíceis que precisavam ser tomadas, tudo seria tão impossível se estes não estivessem ao meu lado, a participação dos meus pais foi tão fundamental, como o sol que brilha sobre a terra, trazendo luz e vida.

Aos meus irmãos que me apoiaram em tudo em especial ao *skatista*, Idael dos Santos Júlio, o “loro”. Vivemos vários momentos juntos no *skateboard*.

Os meus agradecimentos são dedicados a todos que fizeram e fazem parte da minha vida na caminhada acadêmica ao longo do curso de Mestrado na Universidade Federal de Roraima – UFRR.

A turma do Mestrado de 2016, essa moçada era fera. Deu tanto trabalho aos professores, que alguns viraram Mestres em Sociedade e Fronteiras. Como era bom estar com vocês em sala de aula.

Ao meu Orientador, Dr. Alfredo de Souza, que trouxe luz ao tema, não tinha como visualizar toda a discussão deste trabalho se não fosse a sua participação, suas dicas e ideias trouxeram a precisão deste trabalho. Você tem uma participação especial professor.

A todos os professores do Programa de Mestrado da UFRR, que não apenas entraram em sala de aula, mas expulsaram preconceitos, labutaram pela aprendizagem da construção de um conhecimento interdisciplinar e transdisciplinar.

Os meus amigos *skatistas*, Maurício “Pezão”, Marcelo “Come Rato”, Max Delly “Perna”, Ricardo, “GOG”, André, “Negão”, Luciano, “Bobó”, que se permitiram falar o que é

o *skate* em Boa Vista ao longo de nossa caminhada, vocês são os ícones da história do *skate* em Boa Vista.

Como é difícil falar de amigos, mas cabe o meu muito obrigado a amigos e amigas que não citei aqui e colaboradores que me ajudaram indiretamente, sem os quais a construção da identidade desse pesquisador seria inviável para o desenvolvimento do trabalho, como os colegas do Colégio de Aplicação – CAp/UFRR

Ao *skate*, que me levou em suas rodas a escrever este trabalho. Muito obrigado!

O *skate* é um passo para a rua; é a conquista da rua.

Gyrão

RESUMO

O presente trabalho retrata a construção da identidade dos *skatistas* boavistense tendo como foco o início de suas práticas no Parque Anauá no ano de 1989 e a construção da Pista de *Skate* no Complexo Poliesportivo Ayrton Senna entre os anos de 1999 a 2001. Analisamos também os territórios em espaços urbanos da cidade de Boa Vista, para percebermos como as construções identitárias do grupo contrastavam com a dos galerosos na cidade. Percebemos ainda, como o grupo realizou mudanças ao ressignificar espaço urbano em territórios do *skate*, a partir da arte do *grafite*, *zine* e através de novas redes de relações. Desta forma, foi possível identificar a contribuição social do grupo perante a sociedade boavistense, enquanto participavam da rede global de praticantes do esporte *skate* vinculadas ao cenário amazônico como lugar de diversidade sociocultural. Na pesquisa utilizamos entrevistas semiestruturadas em forma audiovisual com os *skatistas* que vivenciaram os movimentos transitórios identitários e territoriais nos espaços urbanos da cidade. Além de pesquisas documentais em jornais, revistas e fotografias, para identificar a maneira com a qual os *skatistas* construíram a identidade na alteridade boavistense.

Palavras Chaves: Identidade dos *skatistas*; Espaços Urbanos; Territórios do *Skate*.

ABSTRACT

This research aims to portray the skaters' identity construction in Boa Vista city. The observation places where their practices first took place were: Anauá Park in the year of 1989 and the Skate Track in Ayrton Senna multi-sport complex, after its construction, between the years 1999 to 2001. We also analyzed the urban spaces of the city, in order to perceive how the identity constructions of the related group contrasted to gangs' identity construction, in other words, how the skaters differed in their practices from those that emphasized the violence in the city. We also registered how the group made changes to rename urban space in skating territories, from the art of graphite, zine and through new networks of relations. Therefore, it was possible to identify the social contribution for the Boa Vista society, linked to the Amazonian scenario as a place of socio-cultural diversity, while participating in the global skateboarders network. For this research we used semi-structured interviews in audiovisual form with the skaters who experienced transitory and territorial movements' identity in the urban spaces of the city. In addition to documentary research in newspapers, magazines and photographs, to identify the way in which the skaters built their identity on the other side of the city.

Keywords: skaters' identity; Urban Spaces; Skate's territories.

LISTAS DE SIGLAS

ANPUH - Associação Nacional de História

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

BR - Nomenclatura das rodovias federais

CBSK - Confederação Brasileira de *Skate*

FECEC - Fundação de Educação, Ciência e Cultura de Roraima.

MDB – Maria das Dores Brasil

NBR - Norma Brasileira aprovada pela Associação Brasileira de Normas

UFRR – Universidade Federal de Roraima

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Fotografia – <i>Skatistas</i> de Boa Vista- RR na cidade de Manaus – AM	72
Figura 2	Fotografia – II Circuito de <i>Skate</i> na Pista do Pricumã no ano de 2001	73
Figura 3- 4	Fotografia - Mauricio “Pezão” – Boa Vista - RR (figura a esquerda); Mauricio – Sobral - Ceará “Pezão” (figura a direita).....	74
Figura 5	Imagem – Jornal O Diário. 29 de fevereiro de 2000.....	75
Figura 6	Fotografia – 2ª Etapa da Copa, Israel Gomes de Almeida, na pista de <i>skate</i> do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna, ano 2000.....	76
Figura 7	Imagem – A evolução do <i>skate</i> em Boa Vista – RR.....	77
Figura 8	Fotografia – Vista Aérea do Parque Anauá (imagem à esquerda); Pista de <i>Skate</i> do Parque Anauá (imagem à direita).....	78
Figura 9	Imagem - Recorte da Revista Tribo <i>Skate</i> , ano 2001.....	79
Figura 10-11	Fotografias – Transformações na Pista de <i>Skate</i> do Ayrton Senna de 1999.....	80
Figura 12	Fotografia – <i>Grafites</i> em Boa Vista – Territórios do <i>skate</i>	82
Figura 13- 14	Imagem – Jornal, Brasil Norte. Ano, 1999.....	84
Figura 15	Fotografia – Evento sobre a morte do <i>skatista</i> , Israel Gomes de Almeida.....	86

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	A HISTÓRIA DO SKATE NO MUNDO.....	19
2.1	AS MODALIDADES DO <i>SKATEBOARD</i>	21
2.2	A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DA CIDADE DE BOA VISTA E A FORMAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL DA CIDADE	25
2.3	O GLOBAL E O LOCAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE <i>SKATISTA</i>	29
3	A CULTURA DA IDENTIDADE <i>SKATISTA</i>	35
3.1	A CIDADE E A IDENTIDADE <i>SKATISTA</i>	37
3.2	AS REDES DE RELAÇÕES <i>SKATISTAS</i> E O MERCADO DE PRODUTOS	41
3.3	OS TERRITÓRIOS COMO EXPRESSÃO DA IDENTIDADE <i>SKATISTA</i> : A PISTA NO PARQUE ANAUÁ	42
3.4	A SOCIABILIDADE NOS CAMPEONATOS DE <i>SKATE</i>	50
4	CONTRASTES: GALERAS EM BOA VISTA E A IDENTIDADE <i>SKATISTA</i>	54
4.1	EU SOU <i>SKATISTA</i> . EU NÃO SOU UM MARGINAL	63
4.2	OS <i>SKATISTAS</i> NA CIDADE DE BOA VISTA E A VISIBILIDADE DO GRUPO	65
5	ICONOGRAFIA DO SKATE EM BOA VISTA.....	73
6	CONCLUSÃO	87
	REFERENCIA.....	90
	ANEXOS	99

1 INTRODUÇÃO

No ano de 1989, os *skatistas* da capital do estado de Roraima iniciaram a utilização da pista de *skate* no Parque Anauá¹ como novo espaço de lazer e prática do esporte. Este local foi construído como espaço multiuso² para prática de esportes, realização de eventos e lazer. Portanto, é através deste espaço que novas práticas do esporte *skate* em Boa Vista ganharam visibilidade, pois, no dia de inauguração da pista, estiveram presentes *skatistas* profissionais de outros estados brasileiros, ressaltando com isso a importância tanto da pista quanto do esporte para os praticantes.

Após onze anos da data de inauguração, em 2000, a prefeitura de Boa Vista, percebendo um grande número de *skatistas*, que utilizavam a pista de patinação e também a quadra de tênis para práticas do esporte no Complexo Poliesportivo Ayrton Senna, mais conhecido como Praça do Ayrton Senna, resolveu construir no espaço da patinação uma pista de *skate*, possibilitando assim a realização de diversos campeonatos em anos posteriores.

Sobre a construção de novos espaços de lazer em Boa Vista, Veras (2009), apresenta em seu trabalho sobre a Produção do Espaço Urbano de Boa Vista – Roraima, que “nos períodos compreendidos entre os anos de 1993 a 1996, de 2001 a 2004 [...], as mudanças na paisagem urbana de Boa Vista foram visíveis. Nesse período o município estava sob a administração da prefeita Teresa Jucá³. Já em sua primeira gestão de 1993 a 1996 [...]. No ano de 1993 foi implantado o Complexo Poliesportivo Ayrton Senna, localizado em uma das principais avenidas da cidade – Ene Garcez” (VERAS, 2009, p.167-168).

Neste relato de Veras (2009) é apresentada a construção do Complexo Poliesportivo, a qual também segue exposta pelo *Grafiteiro* Max Delly, ao tratar do interesse dos *skatistas* pelo novo espaço em entrevista concedida à pesquisa de Lazzarin (2008), sobre a Negociação da Identidade, Cultura e *Grafite* em Boa Vista, na qual remetendo-se ao período de sua chegada a Boa Vista no ano de 1999 e, vivenciando o período de pré-eleições municipais relata: “tendo chegado em época de eleições, tomou conhecimento de que um político da

¹A pista do Parque Anauá é composta por uma *Mini-Ramp* e um *Half-Pipe*, que segundo a Confederação Brasileira de Skate – CBSK ganha essa denominação devido às condições arquitetônicas serem da *Mini-Ramp* uma variação dos *half-pipes*, não possuindo vertical e com altura geralmente até 2,50 metros. Os *half-pipes* geralmente tem altura de no mínimo 3,50 metros, podendo ser de concreto ou madeira, em formato de meio tudo e com formato parecendo um gigantesco u (letra u) ou *bowls* (bacias), havendo entre o *coping* (cano de ferro) e a parede em curva (transição) uma parede com vertical (90° com o chão, ou, seja, reta) dando o nome para a própria modalidade.

²Alguns espaços atualmente não funcionam para sua finalidade como no projeto original.

³Teresa Jucá, após o divórcio com o Senador Romero Jucá, modificou o sobrenome para Teresa Surita. Optamos em manter o nome de Teresa Jucá no trabalho pelo recorte temporal.

cidade intentava aproximar-se de seus eleitores jovens e estaria disposto a apoiar um grupo de *skatistas*, construindo uma pista de *skate*” (Lazzarin, 2008, p. 26). Com isso, é a partir desse “interesse” da política e dos políticos da época, que surge a Pista de *Skate*, entre os anos 1999 e 2000, sendo que posteriormente, esta seria reformada, ganhando outro formato e novos obstáculos.

Neste período, muitos começam a andar de *skate*, não somente utilizando o espaço na Pista do Ayrton Senna, mas em muitos outros lugares da cidade de Boa Vista, adaptando mobiliários urbanos para realização de manobras e apropriando-se destes para andar de *skate*, como: a Praça da Bandeira, Rodoviária Internacional – José Amador de Oliveira – Baton, Escola Maria das Dores Brasil, Esquina do Rio Branco, Praça das Águas e Portal do Milênio, nos quais vários *skatistas* se reuniam para realizar manobras e “trocar ideia”⁴ durante a semana. Tais práticas promoveram a construção das representações e da identidade *skatista*, sempre contrastando com a alteridade.

São estas representações ligadas a identidade *skatista* que serão identificadas e analisadas, privilegiando a arte do *grafite* como forma de inscrição urbana⁵ do grupo em Boa Vista, as produções e significações das *zines*⁶, revistas independentes dos *skatistas*, e as fotografias nos arquivos do grupo. Desta forma, a pesquisa objetiva analisar a construção da identidade *skatista* enquanto agente social que ressignifica territórios, buscando compreender quais práticas de grupo influenciaram a construção identitária destes indivíduos nos espaços urbanos. Por fim, objetiva também, identificar e diferir as práticas aliadas às representações “marginais” que se confundem com a representação do *skatista*.

As pesquisas relacionadas ao *skate* ainda são escassas em Boa Vista. Entretanto, podem ser citados alguns trabalhos que já foram desenvolvidos sobre a presente temática como: LAZZARIN (2008) – cuja pesquisa foi produzida sobre um dos símbolos da cultura *skate* na cidade de Boa Vista, a arte do *grafite*, sendo que apresenta questionamentos relacionados à condição da identidade negociada do *grafiteiro* Max Delly, *skatista* no ano de

⁴Expressões utilizadas pelos *skatistas* em Boa Vista, para falar sobre diversos assuntos do cotidiano.

⁵Sobre o conceito de *grafite* veja Lara (1996). LARA, Arthur Hunold. **Grafite: arte urbana em movimento**. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

⁶A palavra *Fanzine* surgiu da contração do inglês *fan*, de *fanatic* (fanático), *fã* de algo, e *Zine*, de *magazine*, (revista, jornal). Portanto, conforme MAGALHÃES (2008, p.27) a *Fanzine* “é uma publicação independente e amadora, quase sempre de pequena tiragem, impressa em mimeógrafos, fotocópias ou pequenas impressoras ‘offset’, produzidos por fãs isolados, grupos e associações ou fã-clubes de determinada arte, personagem, personalidade, ‘hobby’ ou gênero de expressão artística, para um público dirigido, podendo abordar um único tema ou uma mistura de vários” MAGALHÃES, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines** – João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003. p. 27. Contudo, os *skatistas* utilizaram o nome *Zine* para a revista como uma abreviatura da palavra *Fanzine*.

1999. Este diz que o político no qual afirmava que construiria uma pista para o grupo dos *skatistas*, ofereceu a ele latas de *spray* para expor seu trabalho na pista do Parque Anauá, sendo está a ideia de identidade negociada. (LAZARRIN 2008, p. 26).

Em nível nacional, temos os seguintes autores: BRANDÃO (2006) – que retrata no seu trabalho o entendimento de modelos de comportamento e hábitos culturais construtores de identidades e diferentes discursos sobre a construção do *skatista*, mostrando que a representação do viver o *skate*, é capaz de redefinir os sentidos de cultura, do esporte e da sociedade em suas dimensões culturais; BRUSQUE (2006) – trata sobre as características do design como campo do conhecimento em razão do surgimento e desenvolvimento do *surf*, *skate* e *snowboarding*. Assim, busca apresentar o processo adaptativo em relação aos três *boardsports*⁷ praticáveis em ambientes distintos, tendo como foco o modo como se desenvolveu os modelos das pranchas esportivas, relacionando com elementos do design como campo do conhecimento; BRITO (2007) – versa sobre o papel da fotografia no desenvolvimento do *skateboard*, revelando ser este um grupo que vem ganhando notoriedade dentro dos estudos acadêmicos. Ambas, destacam o *skatista* como protagonista produzindo cultura, significando espaço e constituindo suas subjetividades a partir da alteridade e das práticas socioculturais características deste grupo.

Assim como estes autores fomentaram discussões sobre os *skatistas*, o trabalho que desenvolvemos no ano de 2013 “*Skatistas boavistense: Trajetória do Skatismo entre 1989 a 2001*” trouxe posteriormente, a necessidade de aprofundar algumas considerações, tais como: o lugar de apropriação dos *skatistas* e pertencimento nos territórios em espaços urbanos pelo contraste com o outro, levando em consideração a marginalização⁸ dos *skatistas* na forma de representação social.

Entretanto, nos trabalhos analisados para discussão, surgiram similarmente outros pesquisadores que desenvolveram tipos de trabalhos com temáticas aproximadas, e abordando determinadas facetas e enfoques da problemática proposta, com interesses até semelhantes a presente pesquisa, como BRUSQUE (2006), citado anteriormente, que, apesar de o cenário ser diferente do espaço sociocultural boavistense, o grupo é o mesmo.

⁷Para Brusque (2006) *Boardsports* tem o significado em inglês de esportes de prancha e o termo usualmente adotado para identificar as atividades que utilizam a prancha como equipamento principal, para a prática esportiva.

⁸Grupos de jovens que se reúnem para cometerem atos infratores ou crimes. VIEIRA, Fagner Pereira. **Diversidade e produção de estereótipos: Um estudo etnográfico da formação e atuação do soldado policial militar em Roraima.** 2011. 116p. (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus – AM, 2011.

Posto isto, a pesquisa analisou elementos para esclarecer a questão: de que forma os agentes *skatistas* construíram a identidade na alteridade, em face das representações contrastadas pela alteridade e pelas práticas de grupos galerosos. Foram realizadas pesquisas documentais em recortes de Jornais da Folha de Boa Vista, Brasil Norte e o Diário, compreendendo o período de 1998 a 2001 que faz parte do acervo da Associação dos *skatistas* em Boa Vista, para verificar como os *skatistas* são representados. Além de fotos e vídeos disponíveis no arquivo da Associação de Skate para entender as práticas *skatistas*.

Após essa etapa, no trabalho de campo foram adotadas entrevistas semiestruturada⁹ com os *skatistas* que frequentaram as pistas de skate no Parque Anauá e no Complexo Poliesportivo Ayrton Senna, nos quais, se encontram na faixa etária acima de 18 anos de idade, tendo como base o recorte temporal entre os anos de 1989 a 2001. No decorrer das entrevistas que foram audiovisuais, com o consentimento dos entrevistados, estes relataram as vivências no cotidiano do esporte skate na cidade de Boa Vista.

Utilizamos as técnicas das entrevistas semiestruturadas em forma audiovisual com dois *skatistas* que vivenciaram os movimentos transitórios identitários, territoriais dos espaços. Desta forma a pesquisa documental e as entrevistas, depois de selecionadas foram utilizadas na construção do trabalho.

⁹O conceito de entrevista semiestruturada será aborda segundo Severino (2007, p.124).

2 A HISTÓRIA DO SKATE NO MUNDO

O capítulo aborda a discussão do surgimento do *skate* no mundo e como a construção das modalidades do esporte proporcionaram variações no estilo dos *skatistas*. Outro aspecto analisado se deu com relação à formação dos espaços urbanos na cidade de Boa Vista, pois, através destes espaços surgiram novas práticas de lazer na construção dos territórios do *skate*. Apresenta-se ainda parte da temática identitária do grupo na influência do global para o local, ainda que, os aspectos da cultura *skate* local, não se modifiquem completamente pela circulação da comunicação global, como na construção da identidade *skatista*.

A História das práticas do *skate* no mundo apresenta algumas controvérsias sobre seu surgimento, mas existe certo consenso entre os pesquisadores, sendo que para a maioria, o *skate* teve ampla divulgação depois da segunda metade do século XX nos Estados Unidos. Não obstante, pesquisas mencionem práticas entre jovens estadunidenses desde o início do século XX, as quais poderiam ser reconhecidas como os primórdios dos *skates* no mundo. Entre estas controvérsias, apresenta-se uma de jovens que utilizavam caixas de laranjas com rodas em 1920 nos Estados Unidos, para locomover-se na cidade, assim ficaram conhecidos por *scooters*¹⁰ (BROOKE, 1999; BRANDÃO, 2010; DIAS 2011).

Embora haja diversas origens do *skate*, encontramos informações que na segunda metade do século XX, alguns *surfistas* da Califórnia nos EUA resolveram acoplar rodas de patins embaixo das pranchas de *surf* (esporte que utiliza pranchas para deslizar sobre águas no mar) no final dos anos 50 e, na época foi chamado de *Sidewalk Surf* (em inglês, “*Surf* de Calçada”) (UVINHA, 2001, p. 90).

Desta forma, eram utilizadas pranchas com rodas para deslizar no solo e desviar de obstáculos. Primariamente, os *surfistas* equilibravam-se sobre as pranchas nas ruas e calçadas. Depois, essas pranchas foram transformadas em outro modelo, o *shape* (prancha de madeira), que era dotada de quatro pequenas rodas e dois eixos, os *trucks* (eixo de metal com duas rodas acopladas) e já servia para realização de manobras em solo (BRITO, 2007, p.7).

A partir dessa “onda do mar”, ou, melhor, essa saída do mar para a “onda” do asfalto, o crescimento foi tão grande que muitos *surfistas* trocaram definitivamente as ondas pelo novo esporte, já conhecido como *skateboard* (em que em inglês “*skate*” significa patinar, e “*board*” significa “tábua”). O *skateboard* era o ato de patinar sobre uma tábua nas ruas, e assim surgiam os primeiros *skatistas*. Sendo assim, podemos dizer que, as práticas do *skate*,

¹⁰Patinetes antigos feitos de madeiras (BRANDÃO, 2010).

estiveram intimamente ligadas às práticas dos *surfistas* californianos da costa oeste de Los Angeles (BRITO, 2007; BRANDÃO, 2010; DIAS, 2011; UVINHA, 2001).

Entretanto, enquanto o *skate* ganhava adeptos na Califórnia nos EUA, na década de 1960, chega ao Brasil, com grupos que começaram a *surfar* influenciados pelos anúncios da revista *Surfer*. Na época o nome era “*Surfinho*”, feito de patins pregados numa madeira qualquer, sendo as rodas de borracha ou de ferro. De acordo com o pesquisador Tony Honorato, há rumores do surgimento do *skate* no Rio de Janeiro em 1964, mas como nada foi documentado torna-se difícil apontar o ano de forma precisa, embora outros relatos da época apresentem narrativas com diferentes versões¹¹ (HONORATO, 2013; CHAVES; BRITO, 2000).

Descreve ainda Chaves (2000) que em 1968 havia duas paixões em sua vida: a prancha de *surf* e o *skate* com rodas de massa (*Clay Weels*) de madeira laminada, que havia adquirido do filho de um embaixador do Consulado Americano, o qual ficava andando com um “carrinho¹²” pra lá e pra cá numa quadra da Fortaleza de São João, na Urca/RJ.

Embora o ano exato da introdução do *skate* no Brasil seja difícil de determinar com clareza, não há dúvidas de que sua prática teria começado durante a década de 1960, ganhando maior proporção a partir da segunda metade da década de 1970, “com o aparecimento de pistas de *skates*, equipes, fábricas, revistas especializadas etc.” dando visibilidade aos praticantes do *skate* no Brasil (BRANDÃO, 2012, p.98).

Ao abordar sobre o ano de 1978, Dias e Domingues (2011, p.3) afirma que em abril “aconteceu o primeiro campeonato no Clube Federal, no Rio de Janeiro [...] Os lugares de práticas na época eram as ladeiras da Maria Angélica e do Cedro, RJ [...], e as descidas do bairro do Sumaré, em São Paulo”. Mesmo havendo polêmica sobre o ano exato, a maioria dos autores considera o “ano de 1976 para o primeiro campeonato” no Brasil (BRANDÃO, 2010, p. 44).

Nos anos 1990, o *skate* atinge seu ápice, com muita exposição na mídia, grande número de marcas, revistas, produtos, sites, programas de TV e campeonatos fixos. O *skate* se estabilizou. Hoje, grandes *skatistas*, entre eles brasileiros, “faturam alto¹³” através de seus patrocinadores (DIAS e DOMINGUES, 2011).

¹¹Marcos ‘ET’, *skatista* e redator da Revista Tribo *Skate*, identificou em 1990 um músico que contou seu envolvimento com o *skate* no ano de 1966. **Revista Tribo Skate**. v. 5, n. 16, 1995, p. 04 e Revista Tribo *Skate*. 1997. Ano 07 nº 26. p.48.

¹²Carrinho é um nome dado pelos *skatistas* ao *skate*.

¹³Os praticantes do *skate* profissional começaram a ganhar muito dinheiro, bem como patrocínios.

A partir do ano 2000, a popularidade do *skate* vem dos grandes ídolos (*skatistas* de alto nível) do esporte e da cobertura da imprensa, como bem coloca DIAS e DOMINGUES (2011, p. 4) ao afirmar que “nos últimos anos, o crescimento do esporte trouxe um grande número de patrocinadores e os campeonatos cada vez mais disputados”, mostrando que, o *boom* do *skate*, estava relacionado com a circulação de informações promovidas pelas mídias, o que para Hall (2005, p.69) se caracteriza por “[...] ‘compressão espaço-tempo’ e, a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor, e as distâncias mais curtas [...]”, construídas nas redes de informações globais, as quais serão discutidas adiante no trabalho.

2.1 AS MODALIDADES DO SKATEBOARD

Sobre as formas e modalidades praticadas no *skate*, cabe ressaltar os diferentes modos em que foram ganhando novos adeptos. Sendo assim, as diversas maneiras de praticar o esporte são definidas como categorias ou estilos, o que atualmente, apenas duas têm maior visibilidade: a modalidade *Street Skate*¹⁴ e o *Skate Vertical (Half Pipe)*¹⁵, e nos últimos anos, o retorno as práticas do *Downhill/Speed* (ladeiras e declives) utilizando os *longboards* (prancha alongada).

Brito (2007, p.8) apresenta uma discussão apontando que, nos anos 1960, o *skate* já era fortemente praticado nas ruas e já contava com manobras próprias, em que o estilo predominante era o *Freestyle* (do inglês “estilo livre”), de onde mais tarde surgiu a maioria das manobras utilizadas até hoje.

Na mesma época, houve um racionamento de água nos EUA em muitas casas. Diante da falta de água, muitos moradores começaram a esvaziar suas piscinas. Não demorou muito para os *skatistas* descobrirem nessas piscinas vazias um novo espaço. Este era o início do que mais tarde seria conhecido como o novo estilo *Half Pipe* (VIGARELLO, 2011, p.13).

¹⁴Consiste em praticar o *skate* em obstáculos que são encontrados nas ruas das cidades como: monumentos, praças, bancos, corrimãos, muretas, escadas, rampas de entrada de garagens, palcos, buracos, barrancos, *guard-rails* (mureta), paredes com inclinação entre 30° e 80°, entre outros. Também é praticado em *skateparks* (pistas de *skate*) onde existem rampas que simulam a arquitetura urbana de um modo adaptado ao *skate*”. **MODALIDADES.** Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/pags/street.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

¹⁵Modalidade Vertical: Praticada em pistas com no mínimo 3,50 m de altura, podendo ser de concreto ou madeira, em formato de *half-pipes* (meio tubo e com formato parecendo um gigantesco U) ou *bowls* (bacia), havendo entre o *coping* (cano de ferro) e a parede em curva (transição) uma parede com vertical (90° com o chão, ou seja, reta) dando nome para a modalidade. **VERTICAL.** Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/pags/vertical.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

Já o *skate* vertical tem algumas variações de estilo¹⁶. Temos o *half-pipe*, que é praticado em pistas do tipo meio tubo (*half-pipes*), com formato parecendo um 'U'. O *skatista* realiza um voo e retorna na própria pista, ou pode realizar manobras de borda, onde se desliza o eixo, o *shape* ou as rodas por cima de uma borda metálica (*coping*). O *Bowl* é praticado em uma pista do tipo bacia (*bowl*). As pistas de *skate* em formato de *bowl* foram inspiradas nas piscinas californianas, geralmente possuem mais de 3 metros de profundidade e termina em parede curva (transição). Andar em velocidade é a marca desse tipo de pista.

A *mini-ramp* é uma variação dos *half-pipes*, mas com um vertical menor. É uma modalidade que apresenta uma mistura de *street* com vertical, além de ser uma das mais democráticas do *skate*, pois é praticada por adeptos de diversas modalidades (*street*, *longbord* e vertical) e também por pessoas de diferentes gêneros e gerações, haja vista que a *mini ramp* é um excelente obstáculo para se treinar e criar manobras, principalmente as que utilizam bordas.

No Brasil existem muitas dessas rampas espalhadas pelas cidades. A pista *banks*, é uma variação dos *bowls*, sendo que seu *vert*, geralmente tem altura até 2,50 metros, ou, seja, o fundo é mais raso do que no *bowl* e não chega ter 90° nas bordas. Foi muito popular durante a segunda metade da década de 1980. Nessa modalidade o *skatista* se concentra em linhas de velocidade e de manobras corridas de borda.

A Megarampa, também chamada de *Big Air*, a modalidade foi idealizada pelo *skatista* norte-americano Danny Way¹⁷. As dimensões de uma megarampa variam um pouco, mas em média a rampa de *drop* (descida) possui 27 metros de altura, onde o *skatista* pode atingir 80 km/h, em seguida, há outra rampa, separada por um vão livre de 20m de comprimento, e mais uma rampa de descida que o impulsiona para um *quarter-pipe* (metade de um *half-pipe*) com aproximadamente 9 metros de altura, neste momento o *skatista* pode atingir uma altura de até 16 metros do solo. Atualmente, a Megarampa é modalidade mais radical e de maior visibilidade do *skate*.

¹⁶ As explicações sobre, *Half-Pipe*, *Bowl*, *Mini-ramp*, *banks*, Megarampa, *Ollier-air* e os principais nomes do *skate* mundial, são interpretações realizadas pela pesquisadora Giuslaine de Oliveira Dias na Dissertação de mestrado para Universidade Federal de Brasília no ano 2011. Trabalho intitulado de: **Skateboard para além do esporte: manifestação social e movimento cultural**.

¹⁷ Conforme Leonardo Brandão, o *skatista* Danny Way é o idealizador da Megarampa, conferindo uma nova visibilidade ao *skate* no mundo. BRANDÃO, L. **A Megarampa e o desenvolvimento do campo esportivo**. In: XVI Encontro Regional de História ANPUH-RIO: Saberes e práticas científicas, 16, 2014, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2014. p. 2-7.

Todas as competições de vertical requerem o uso obrigatório de equipamentos de segurança, como, capacete, cotoveleiras, joelheiras e luvas. Nos anos de 1980, surgem os grandes nomes do *skate* vertical, Steve Caballerro, Tony Hawks, Tom Sims, Lance Montains, Christian Hosoi, esses fizeram e fazem muito sucesso no mundo do *skate*¹⁸. O Brasileiro que ficou reconhecido no *skate* vertical nesse período foi Bob Burnquist, ao competir no Canadá. Apropriando-se das técnicas de *switchstance* (variação de base, o pé utilizado para chutar as manobras passa a batê-las com o pé no *tail* (parte de trás do *skate*). Sendo assim, se o *skatista* usa o pé esquerdo no *tail*, vai passar a utilizar o pé direito e vice-versa), e nesta competição ganhou em primeiro lugar.

Contudo, nos anos de 1980, ocorreram problemas relacionados à falta de apoio financeiro para muitos *skatistas* e, não tendo mais as pistas, e as contribuições das revistas, começam a levar tudo o que aprenderam para as ruas, usando qualquer coisa que fosse encontrada pela frente, como: obstáculo de corrimãos, calçadas e bancos, criando assim, um novo estilo de andar, o chamado *Street Skate*. Prática que ocorre inicialmente com o *ollie-air* (saltar com os dois pés grudados ao *skate* pela lixa).

O *ollie-air*, inventado pelo *skatista* Alan Gelfand¹⁹, no ano de 1979 proporcionou a revolução do *street*, assim, poderiam ultrapassar obstáculos elevados, sendo este a base para qualquer manobra do *street*. Nessa modalidade, os *skatistas* apropriam-se da arquitetura urbana das cidades e mobiliários urbanos, como: bancos, monumentos, praças, muretas, rampas de entrada de garagens, palcos, buracos, barrancos, *guard-rails*, hidrantes, paredes com inclinações entre 30° e 80°, escadas, corrimãos, e tudo que pode se transformado em obstáculos para realização de manobras.

Desta forma todas essas criações de manobras do *skate* acontecem com os impulsos de mudanças que ocorriam no campo social em meio à juventude do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, com constantes transformações quanto às práticas cotidianas da vida e do esporte, possibilitando adaptações para os *skatistas* em diversos espaços urbanos.

O exemplo disso, Brandão (2010) afirma que em São Paulo entre anos 1975 e 1980 houve proibições do *skate*, por causa do crescimento acelerado dos números de praticantes do

¹⁸Segundo Dias (2011, p. 83) “Eles inovaram a maneira como os *skatistas* deveriam abordar o *half*”, contribuindo para o progresso do *skateboard* mundial.

¹⁹Alan Gelfand, em 1978 (aos 15 anos) durante uma *sessions* com os amigos, foi dar um *f/s air*, e sem querer não pegou no *deck* (*no-handed*), mesmo assim completou a manobra, assustado Alan tentou *f/s air* (desta vez propositalmente sem pegar) e acertou, na mesma hora os amigos da *session* o apelidaram de “*ollie Pop*” e nasceu ali uma das manobras mais intrigantes para época. **Alan "Ollie" Gelfand**. Disponível em: <<http://www.skatecuriosidade.com/skaters/alan-ollie-gelfand>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

esporte em ruas paulistanas. O próprio presidente da República participou do ato de proibição. Alguns pesquisadores atribuem às proibições da modalidade de rua à “influência da cultura *punk*²⁰ e ao desenvolvimento do *streetskate*” (BRANDÃO, 2010, p.37) que na época, incomodava os moradores nos lugares em que eram praticados.

Ao mesmo tempo, em que ocorriam todas essas transformações no mundo do *skate*, o extremo norte não era esquecido. Quanto a isso, na abordagem de Vigarello (2007), temos a discussão que correlaciona com esse período.

Muitas práticas novas, desde as décadas de 1970 e 1980, se desenvolveram à margem dos esportes tradicionais. Muitas delas reivindicam uma “contracultura”, uma pertença específica, essa resistência às instituições que a sociedade mais individualista parece manifestar nos dias de hoje (VIGARELLO, 2007, p. 238).

Essa contracultura, estado de rebeldia que se expressa contra a cultura da sociedade, misturada às práticas do esporte *skate*, chega a Boa Vista no início dos anos 1990²¹, visto que na cidade iniciam-se conexões com mudanças que já vinham ocorrendo nos anos 1980 nos grandes centros brasileiros, tendo assim a abertura para novos agentes²² sociais, como os próprios *skatistas*, a qual ganha nos espaços urbanos lugares para práticas de esporte e lazer no *skate*.

Portanto, é nessa tessitura de panoramas criados a partir de diversos relatos de como o *skate* chegou até nossos dias, que podemos perceber o mundo simbólico do *skatista* no final dos anos 1980 em Boa Vista, e como a construção das pistas de *skate* no Parque Anauá e, no Complexo Poliesportivo do Ayrton Senna no final de 1999, proporcionaram visibilidade aos praticantes do *skate*, sendo que, após esse período, os *skatistas* encontraram novos lugares para o esporte.

²⁰Sobre o surgimento do *punk* parece um consenso entre diversos autores que se deu na Inglaterra na década de 1970 (GALLO, I. C. D'ÁVILA. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 24, nº 40: p.747-770, jul/dez. 2008).

²¹Segundo Veras (2009, p. 219, grifo nosso) a modernidade em Boa Vista ultrapassou o tempo lento para incorpora-se ao tempo rápido por meio de novas tecnologias em virtude de sua posição estratégica e geopolítica. A essa modernidade associam-se diversas franquias de telefonia móvel e fixa, empresas automotivas, serviços de *fast-food*, perfumaria, entre outras. Todas essas circulações de mercadorias, facilitaram uma conexão **rápida com outros estados brasileiros e países e incorporam ao mercado da cidade novos processos de produção socioespacial.**

²²Neste trabalho adotaremos o conceito de **agente** proposto por Bourdieu, para demonstrar que os *skatistas* não estão apenas sujeitos as estruturas sociais. PIERRE, Bourdieu. **Coisas ditas**. trad. R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. ed. Brasiliense. São Paulo. 2004.

2.2 A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DA CIDADE DE BOA VISTA E A FORMAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL DA CIDADE

A utilização dos espaços urbanos nas cidades e as práticas do *skate* devem ser relacionadas às construções identitárias, bem como às representações em territórios construídos na cidade, pois, os espaços urbanos da cidade como: ruas, calçadas, praças, bancos, escadarias, monumentos e estacionamentos, podem ser apropriados pelos *skatistas* e, ressignificados para práticas de manobras. Desta forma, os mobiliários urbanos de cada localidade podem significar espaços para novas práticas de lazer²³ no *skate*.

Diante disso, o espaço urbano deve ser contemplado na forma material e social, isto é, “o espaço como um texto, onde formas são portadoras de significados e sentidos” (GOMES, 1997, p.38), pois o espaço tem a expressão de quem o utiliza, pois ele não é apenas um emaranhado de objetos espalhado pela paisagem do lugar, mas é “a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais” (SANTOS 1999, p.88) na construção da sociedade. Desta maneira, Santos (1999) atribui aos objetos das cidades ações que interagem continuamente, construindo formas indissociáveis, solidárias e, continuamente contraditórias.

Pensando o espaço urbano em termos gerais “define-se como o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si” (CORRÊA, 2000, p.7), uma vez que as sobreposições das culturas e as inovações técnicas são fatores importantes na constante dinamicidade da reestruturação urbana.

Este conjunto de usos da terra é a organização espacial da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado e articulado, ou seja, “reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais” (CORRÊA, 2000, p.10), desta maneira esses locais podem ser chamados de espaço urbano, existindo através dos agentes que participam da construção da cidade, através de relações de poder exercidas no espaço urbano

²³O lazer cotidianamente é uma construção social moderna conforme afirma Melo; Alves Júnior, (2003) “o surgimento deriva de circunstâncias e contextos sociais específicos. A contínua busca de formas de diversão não significa ter sempre existido o que hoje chamamos por lazer, na medida em que tais formas de diversão guardam especificidades condizentes com cada época, que devem ser analisadas com cuidado. Por certo, existem similaridades com o que foi vivido em momentos anteriores – e mesmo por isso devemos conhecê-los –, mas o que hoje entendemos como lazer guarda peculiaridades que somente podem ser compreendidas em sua existência concreta atual. O fato de haver equivalências não significa que os fenômenos sejam os mesmos” (MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. 2003, p. 2).

construído, tendo a construção da forma urbana²⁴ de Boa Vista a própria explicação do surgimento do estado (RAFESTIN, 1993).

Sobre os nomes dos objetos e as pequenas construções que ocupam os espaços urbanos e as calçadas das cidades, existem confusões quanto ao uso do nome, alguns chamam de **equipamentos urbanos**, enquanto outros chamam de **mobiliário urbano**, nesse sentido a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT utiliza nomenclaturas diferentes para identificar os mesmos objetos, ou seja, na norma NBR 9283 de março de 1986, apresenta o termo mobiliário urbano para definir que são “todos os objetos, elementos e pequenas construções integrantes da paisagem urbana, de natureza utilitária ou não, implantada mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados²⁵”. Na NBR 9284²⁶ de março de 1986, esta faz referência à mesma definição, utilizando o termo equipamento urbana. Desta forma adotaremos o conceito de mobiliário urbano.

Quanto à origem do mobiliário urbano nas cidades é de complexa definição, o que vamos aqui tratar é à importância da construção destes nos espaços urbanos²⁷. Assim, segundo Tessarine (2008) os mobiliários urbanos têm as seguintes funcionalidades

estão vinculados à prestação de serviços, como características específicas que atendem as necessidades comuns de todo cidadão urbano, como os quiosques para venda de flores, pontos de ônibus, totens de informação, telefones públicos, pontos de táxis, lixeiras e bancas de jornal (TESSARINE, 2008, p.15)

Portanto, o mobiliário urbano é identificável por meio de objetos dispersos, ordenados e desordenados, representados, ou não representados na cidade, de maneira que a imaginação do morador urbano participa de forma silenciosa nos significados destes, ao mesmo tempo em que contribui para facilitar seu dia a dia, considerando que qualquer cidade, comunidade e sociedade necessitam do mobiliário na cidade (TESSARINE, 2008). Com isso,

²⁴Para Vale (2014, p.96) O próprio surgimento do estado, estava condicionada a evolução de Boa Vista, o que segundo a autora “Boa Vista *estava e era* o próprio Estado”. Tudo funcionava a partir do poder que se centrava nela, como os recursos disponibilizados pela União.

²⁵NBR 9283 – Trata do conceito e definição do Mobiliário Urbano.

²⁶NBR 9284 – Trata do conceito e definição de Equipamento Urbano.

²⁷Claudia Mouthé (1998) conceituando aspecto funcional, estabelece algumas categorias, identificando os objetos ora como “elemento” e ora como “mobiliário”. Elementos decorativos – esculturas e painéis de prédios; Mobiliário de Serviço – Telefones públicos, caixa de correios, latas de lixo, abrigos de ônibus, banheiros públicos e protetores de árvores; Mobiliário de Lazer – Bancos de praça, mesas de jogos; Mobiliário de Comercialização – Bancas de jornal, quiosques, barracas de vendedor ambulante e de flores, cadeiras de engraxate; Mobiliário de Sinalização – Placas de logradouros, placas informativas, placas de trânsito (MOURTHÉ, 1998, p.13-14).

poderemos compreender as mudanças que ocorreram nos espaços urbanos da cidade de Boa Vista por meio da implantação do seu plano urbanístico.

Entretanto, enquanto buscamos entender como ocorreram as mudanças nos espaços urbanos da cidade de Boa Vista, devemos levar em consideração que a partir destes novos espaços são construídos os territórios e as territorialidades *skatistas*. Costa (2011) coloca que não tem como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-lo num determinado contexto geográfico, territorial, pois, as diferentes formas de pensar a territorialização devem ser discutidas através do conceito de “[...] território simbólico, ou um espaço de referência para a construção de identidades” (COSTA, 2011, p. 20-25) por meio dos agentes que participam da dinâmica na cidade.

Como se vê, essa abordagem de Costa (2011), nos remete a entender o território tanto como lugar delimitado de apropriação *skatista*, como lugar de construção identitária, pois é possível que estes diversos territórios nos espaços urbanos influencie amplamente a formação da identidade do grupo *skate*, enquanto são modernizados na cidade ao longo dos anos.

Portanto, entre meados das décadas de 1940 e 1980, vários incentivos do governo contribuíram para o crescimento da população urbana na capital, sendo que estes grupos estavam concentrados na “área central atual, delimitada pelo igarapé Calungá e pelas avenidas Terêncio Lima e Major Williams” (VALE, 2005, p.84). Esse crescimento foi impulsionado principalmente pela presença de migrantes em busca de ouro. Eles adentravam a capital nesse período, interessados no garimpo, localizado em regiões como as da serra do Tepequém, nos vales do rio Maú, Cotingo e Suapi (VALE, 2014).

Não obstante, importa considerar que, outros espaços da cidade receberam mudanças significativas a partir da presença do exército. Em 1970, com a instalação do 6º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC), o bairro Mecejana fora construído. Bairros como, Aparecida e São Pedro, também continuaram a crescer. Já o 31 de março, São Francisco e Canarinho, obtiveram novas formas de ocupação (VALE, 2014; SILVA, 2009).

O crescimento urbano boavistense, atrelado ao incentivo das políticas de imigração no governo de Ottomar de Souza Pinto²⁸ e Romero Jucá²⁹, vem acompanhado de novas áreas de lazer e cultura, e dentre elas está a criação do Parque Anauá inaugurado em 1983

²⁸Ottomar de Souza Pinto nasceu em Petrolina (PE) no dia 19 de janeiro de 1931, filho de Félix Pinto e Otília Sousa Pinto. Este envolvido durante muito tempo com a política no estado de Roraima.

²⁹Atualmente senador da República do Brasil.

Na década de 1980 é criada a unidade de gestão pública para as ações de cultura em Roraima, **com o propósito de organizar o setor cultural**. Neste período, são instaladas a Biblioteca Pública, a Escola de Música, o Museu Integrado de Roraima e reformado o Teatro Carlos Gomes, que abrigou, na década de 1960, uma sala de cinema e estação de rádio AM local. Neste período **é criado ainda o Parque Anauá, com a finalidade de uso da cultura, esporte e lazer**. Todos esses equipamentos estão instalados na cidade Boa Vista (FIORETTI, 2009, p.102, grifo nosso).

As mudanças no aspecto urbano da cidade de Boa Vista, com novas áreas de lazer, construções de bairros, ações de agentes políticos, estratégias geopolíticas para região da Amazônia e incentivo dos governos locais para migrantes ocuparem espaços rurais e urbanos, temos a gênese de um novo tempo no aspecto cultural e urbano da cidade de Boa Vista, pois todas essas transformações possibilitaram modificações no cotidiano do boavistense, bem como diversos novos espaços da cidade passaram a ser utilizados por *skatistas*, para práticas do esporte.

Desta forma, as modificações continuaram ocorrendo nos anos de 1990, devido à transformação do Território Federal para a condição de Estado, exigindo do governo de Roraima, investimento em infraestrutura na cidade, para atender as demandas dos quadros de funcionalismo estadual e para a chegada de migrantes nordestinos. A conclusão da BR 174 (Manaus/Boa Vista/Venezuela) e a construção parcial da BR 210 (Perimetral Norte) possibilitou um crescimento desordenado em direção a Boa Vista, o que exigiu a expansão de infraestrutura básica e de serviços nos anos 2000. Tais exigências permitiram que a prefeitura reformulasse leis para atender a área urbana, devido à criação de novos bairros na cidade (VALE, 2014).

É também no ano 1993, que ocorre a construção o Complexo Poliesportivo Ayrton Senna na Avenida Êne Garcez, com 75.000 metros de área urbanizada, bem como, reformas em diversos equipamentos urbanos da cidade, construções de prédios públicos, serviços de drenagens, sistema de iluminação (VERAS, 2009). Nos anos de 1999 a 2001, transição dos prefeitos, Ottomar de Souza Pinto do comando da prefeitura de Boa Vista, para a prefeita Teresa Jucá, um grande número de *skatistas* utilizavam a pista de patinação e também a quadra de tênis para praticarem o esporte *skate*. Os agentes políticos resolveram construir no espaço para patinação uma pista de *skate*, o que possibilitou nestes anos, diversos campeonatos com a participação da prefeitura, sendo que, esta estrutura física construída inicialmente para a pista de *skate* do Ayrton Senna, fora modificada na gestão da Teresa Jucá, como parte das reivindicações dos *skatistas* (LAZARRIN, 2008).

Neste período, muitos começaram a andar de *skate*, não somente utilizando o espaço na Pista do Ayrton Senna, mas em outros lugares da cidade de Boa Vista, adaptando

mobiliários urbanos para realização de manobras e apropriando-se destes para andar de *skate*, como: a Praça da Bandeira, Rodoviária Internacional – José Amador de Oliveira – Baton, Escola Maria das Dores Brasil, Esquina do Rio Branco, nos quais vários *skatistas* se reuniam para realizar manobras e “trocar ideia³⁰” durante a semana. É a partir das análises nos espaços urbanos transformados em territórios de práticas do *skate*, que poderemos perceber e buscar entender a construção das representações identitárias dos *skatistas*, contrastadas com a alteridade local. Sendo abordadas nos próximos capítulos.

2.3 O GLOBAL E O LOCAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SKATISTA

Em Boa Vista, diante de todas as mudanças que aconteciam no espaço urbano da cidade, os *skatistas* passam a receber influências das culturas globais no local, através da comunicação global do *skate* promovida pelo “crescimento exponencial de novas indústrias culturais” (HALL, 2003, p.56). Desta maneira, os agentes construtores da mobilidade urbana da cidade, possibilitaram o estabelecimento de vínculos com outros lugares do Brasil e países, influenciando à própria construção da identidade *skate* local.

Portanto, através desse sistema global de comunicação, que se dar por meio da televisão, internet, revistas, rádio, músicas e outras formas de circular informação. É que, os *skatistas*, podem se inserir na rede de interação das novas modalidades de comunicação, proporcionadas pela revolução tecnológica, através dos contatos com imagens de outros *skatistas* e atletas do esporte.

Corroborando com a ideia de circular informação de forma global, é que Ianni (1996, p.111) enfatiza sobre “as referências habituais na constituição do indivíduo, compreendendo língua, dialeto, religião” [...] o que tornam possíveis, surgimentos de “outros elementos culturais [...] por signos e símbolos em circulação mundial” e, assim, permite novas modalidades das circulações de imagens e estereótipos do *skate*, promovendo a identidade *skate* e, forjando aspectos da vivência em grupo. Que no caso de Boa Vista, percebemos a apropriação de línguas estrangeiras como o inglês, nos nomes de manobras, bem como obstáculos e as gírias.

Assim, a comunicação visual e, a vivência com outros grupos, possibilitou o conhecimento e o desenvolvimento dos nomes de manobras, obstáculos e gírias em inglês. E, ao ser pronunciado, tornar-se perceptível como se deram a circulação de informações por outros grupos nas cidades. Países de língua inglesa como: Estados Unidos da América,

³⁰Expressões utilizadas pelos *skatistas* em Boa Vista, para falar sobre diversos assuntos do cotidiano.

Inglaterra, Canadá, entre outros, aproximavam-se dos grupos por meio dos símbolos da língua. O inglês, como parte do conjunto da linguagem do *skate* em Boa Vista e no Brasil, reafirmava como se deram as circulações e os significados do mundo *skate*.

Este elo de comunicação global na formação das identidades locais do grupo é permeado pela multiplicidade de imagens, dos signos e das linguagens que influenciam a vida dos *skatistas* na construção dos territórios e das territorialidades na cidade. Por meio desse sistema de comunicação global, a cultura *skate* torna-se mediada através de uma rede global interativa, que se dar por sistemas de linguagens visuais, como discute Castells (2009)

a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais como o passar do tempo (CASTELLS, 2009 p.414).

Com isso, é possível perceber que novas formas da comunicação em redes de interação global estavam ocorrendo na cidade, pois as alterações dos códigos de condutas e dos espaços de mediações criaram novas formas de sociabilidades entre os próprios agentes do *skate*. Nisso, a identidade local do grupo ao ser analisada, reflete valores inerentes ao estabelecimento de limites identitários, no fortalecimento de laços entre o grupo. Instigando a vontade de compartilhar valores com outros grupos urbanos. Embora, não seja preocupação por parte do grupo, mas que, termina por construir marcadores da diferença em meio à sociedade boavistense (WOODWARD, 2000).

O convívio e a coexistência em meio às diversas e diferentes formas culturais urbanas na cidade permitem a confluência que dá sentido às relações humanas, como coloca Semprini (1999, p.11) “a diferença é antes de tudo uma realidade concreta, um processo humano e social, que os homens empregam em suas práticas cotidianas e se encontram inseridas em um processo histórico”. Diante disso, as práticas de grupos urbanos estabelecidos na cidade, quando analisadas na perspectiva da construção da identidade, toma como fato inicial, a compreensão da sua própria complexidade, proporcionando a diferença no grupo.

Nesse sentido “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais” segundo Hall (2005 p.12) “tornou-se mais provisório, variável e problemático”. Sendo que, a identidade passa a não ter um eixo central permanente, mas variações de influências e novas formações identitárias, principalmente nos contextos urbanos, onde existe uma maior circulação de informações e símbolos culturais.

Desta forma, quanto maior for o contato e o acesso a outras sociedades, Hall (2005, p.13) afirma que “os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam”

permitindo que, as pessoas sejam confrontadas por múltiplas identidades, com as quais cada indivíduo poderia mesmo que provisoriamente, se identificar, por meio de certos significados simbólicos de grupos urbanos (MONTEIRO, 1997).

Por conseguinte, a dinâmica das práticas e representações em que se constitui a identidade *skatista*, poderá ser articulada na compressão dos tempos e espaços, característica das sociedades modernas, e a partir da qual as comunidades ao redor do globo se veem cada vez mais interconectadas na construção de identidades flexíveis e móveis, diante do cenário global (HARVEY, 2003).

Essa compressão se dá em função do aumento da velocidade de produção e de troca de informações em tempo real através das mídias eletrônicas e dos meios digitais, que no caso de Boa Vista, eram recebidas inicialmente por meio de revistas, filmes e outras produções sobre o *skate*, dado o impulso da troca de informações globais e os aumentos das viagens internacionais pela expansão de mercados produtores e consumidores, que são prescindidos de fronteiras nacionais, proporcionando o acesso a diversas fontes de informações e as circulações de mercadorias no mundo do *skate*.

É a partir dessas imagens e informações que as identidades mostram-se como artefatos abertos e flexíveis, tornando-se “desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos que parecem flutuar livremente” (HALL, 2005, p.75), proporcionando a problemática da formação da identidade e da subjetividade. Ou ainda, “um mundo globalizado” [...] construindo o “fenômeno de desterritorialização e descentramento, quando aponta os efeitos instaurados pela globalização e mundialização com a reconfiguração de identidades culturais que se manifestam como híbridas, fragmentadas e transitórias” (SIDEKUM, 2003, p.19), na qual os *skatistas* procuram conectar suas vidas a comportamentos, estéticas e valores que circulam em diferentes lugares, produzindo diversas perspectivas de vida e possibilidades de identificação com o mundo do *skate*.

A partir desta análise, é possível perceber o conceito da identidade *skatista* boavistense fazendo parte da rede global, recebendo influência diária que permite criatividade e novas adaptações. Desta forma, cabe ressaltar que se torna impossível desvincular as práticas do *skate* e a formação da identidade, sem perceber o mundo interconectado e toda a influência de símbolos culturais dos *skatistas* na construção da própria identidade em Boa Vista.

Na capital roraimense, a prática do *skate* se deu em novos espaços criados por agentes públicos, que possibilitaram a construção de certas sociabilidades a partir de uma “sensação coletiva” (MAFFESOLI, 2010, p. 147), pois nesses lugares não há o rigor e

preocupação de uma socialização rígida, sendo esta sociabilidade uma experiência partilhada no seio das sociedades por grupos urbanos, em laços mais afetivos, com signos e representações próprias do grupo que o vivencia.

Desta maneira, outro espaço territorializado que ganha significado é a Pista do Parque Anauá, considerada pelos *skatistas* o seu lugar, um “pedaço” deles, algo que dizia somente a eles. Magnani (2003) aborda o conceito de “pedaço”, como o

espaço entre o privado (a casa) e o público (a rua) onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 2003, p.116).

Portanto, é por meio desses lugares de convivência que são estabelecidas relações mais duradouras e personalizadas, promotoras da identidade, aproximando da ideia de “sociabilidade” usado por Maffesoli (2010), onde o “eu” *skatista* pode se expressar livremente e sem restrições sociais, se comparada a outros espaços utilizados na cidade. Segundo este conceito, o que estaria em jogo na noção de pedaço seriam dois elementos, “um de ordem espacial, física – configurando um território claramente demarcado ou constituído por certos equipamentos – e outro social, na forma de uma rede de relações que se estendia sobre esse território” (MAGNANI, 2002, p. 21). Este sentimento de pertencimento fazia com que os *skatistas* se encontrassem naquele local para vivenciar o estilo de vida *skate*.

Embora, haja “pedaços” espalhados por toda a cidade, o *skatista* observa novos lugares na cidade. Para ele não há como desvincular o andar de *skate* com o mobiliário urbano, a cidade é um emaranhado de obstáculos devidamente organizado para realizar manobras, a cidade é vista pelo *skatista* como lugar de desafio, uma expressão local que passa a ser ressignificada a cada nova manobra, seja ela no asfalto, calçadas, bancos de praças e escadarias, ou, na “onda dura” (*half-pipe*). Andar de *skate* na cidade é algo prazeroso.

Entre 1989 a 2000, os *skatistas* começam a reivindicar um pertencimento, mostrando que não bastava andar de *skate*, era necessário se afirmarem na cultural local, criando um novo momento, a prática do *street* em Boa Vista, não que esta não ocorreu anteriormente, mas houve uma valorização maior a partir dos anos de 1997, que futuramente possibilitou a utilização do antigo espaço de patinação no Complexo Poliesportivo Ayrton Senna, transformado pela Prefeitura de Boa Vista na Pista de *Skate* do Ayrton Senna, onde ocorreram diversos campeonatos em 2000 e 2001.

Esta pista é composta por alguns equipamentos, entre eles tem o *quarter* que lembra um quarto de um tubo, a rampa de 45° graus, corrimão no chão e um *funbox*, constituído na

forma de caixa com um topo plano e uma rampa em dois ou mais lados, entre outros obstáculos que eram construídos pelos próprios *skatistas*, sendo estes obstáculos que também faziam parte da pista de *skate* no bairro do Pricumã, chamada de Pista do Pricumã, apenas com a diferença de proporções e tamanhos entre as Pistas, pois os obstáculos tinham um grau maior de dificuldade devido altura dos equipamentos, além de um caixote de concreto para executar determinadas manobras de solo, e o piso que é de péssima qualidade até hoje.

A partir daí o *skate* em Boa Vista ganha novas expressões com os trabalhos de Max Delly “Perna” no *grafite* e a produção da *Zine 29*, revista de *skate* produzida por Max Delly “Perna” e Marcelo Tobias, o “Bocão”, que tinha como foco mostrar o dia a dia dos *skatistas*, produções de *Grafite* do “Perna” e, criticar algumas ausências que os *skatistas* atribuíam ao poder público local. Sobre isso, lemos na proposta da *Zine 29* o que objetivavam os *skatistas*

no começo, porém considerada o fim, entre o Monte Roraima e Manaus está uma pequena cidade chamada Boa Vista, onde de dois anos para cá, vem crescendo um esporte diferente. Porém, praticado em todo o mundo. E é a partir disso que surge a 29, uma *Zine* que vai dar continuidade a uma homenagem de uma grande revista³¹ (100%) que lançou a edição 28 em homenagem a Israel Gomes de Almeida. A 29 é a continuidade da 28, que surgiu a fim de tentar dar total apoio para o desenvolvimento do *skate* em Boa Vista. Diga não à violência e seja mais forte (DELLY; BRITO, 2000).

É exatamente essa posição dos *skatistas*, analisada ao longo da *Zine 29*, que revela na sociedade boavistense a existência de um grupo diferente, uma cultura, uma identidade, com valores próprios que contrariam a aceitação por parte de alguns sobre a condição e a posição de ser *skatistas*, que pode ser percebida na fala de Marcelo Brito “Bocão” e Max Delly “Perna” quando afirma na *Zine 29* “um abraço para toda a galera³² sk8, que vem conseguindo superar perseguições, preconceitos e falta de apoio da família. Ajude-nos nesta luta. Desonestidade é *prejú* e você nunca ganha³³”.

Percebe-se, portanto que neste contexto de reivindicar e pertencer à identidade *skate*, faz-se a diferença dos outros grupos locais, como os “galerosos” (VIEIRA, 2011, p.90) diversos grupos de jovens na cidade de Boa Vista que nos anos de 1999 e 2000 praticavam roubos, assassinatos, e diversas brigas em lugares públicos com grupos rivais e, ficaram

³¹As revistas especializadas com destaque no mercado editorial brasileiro: Cemporcento (100%) *skate*.

³²Termo galera é usado pelos *skatistas* em Boa Vista que remete-se a ideia de amigos, diferente do termo “galera” usada pela sociedade boa-vistense que se interpreta por “marginais”, jovens envolvidos com assassinatos e diversos crimes na cidade de Boa Vista.

³³As imagens estão no anexo da dissertação. (DELLY, Max; BRITO, Marcelo. **A Primeira Zine de Boa Vista**, 29. Ed. 1, Ano I, 29. Nov. 2000).

conhecidos por este termo, pela população de Boa Vista. Assim, possivelmente, os *skatistas* boavistenses, sentiam-se estigmatizados e identificados pela sociedade como marginais (galerosos), mesmo que não aceitassem a condição de ser comparados aos grupos marginais que conviviam na cidade, antes demonstravam que eram diferentes e que, tinha a identidade *skatista*, ligadas ao esporte *skate*, e que não eram envolvidos, com a criminalidade praticada pelas galeras.

Em outro momento na *Zine* 29, estes ao escreverem sobre o campeonato da Pista de *Skate* na Praça do Pricumã, aparece à imagem de uma viatura da polícia, quando afirmam: “mesmo com um sol quente, o público não deixou de comparecer ao campeonato e até a polícia deu atenção e compareceu” e depois tem uma indicação, “olha a polícia” e a imagem da viatura está circulada (DELLY; BRITO, 2000). Neste contexto, depreendemos que os *skatistas* buscavam a “aceitação” da população boavistense quando dizem: “o público se fez presente”, pois traçam a ideia de acolhimento, inferindo a interpretação de que o “público” representando a sociedade boavistense estava valorizando aquele momento; ao mesmo tempo, à “polícia”, que representava a luta contra o crime, ao fazer parte da experiência, buscava fiscalizar o local.

O *Grafiteiro* Max “Perna”, vem auxiliar nessa luta simbólica contra o *skatista* marginal e estigmatizado construído perante a sociedade boavistense. Max busca demonstrar aspectos do que seria o *skatista* ideal, ou seja, como desejavam ser vistos perante a sociedade. Lazzarin (2008) cita a fala do *grafiteiro* Max “Perna”: “Eu estou na fase de fazer críticas sociais, utilizando o *grafite* como uma forma de linguagem, uma forma de intervenção mesmo”³⁴. Que posteriormente vai se transformar no primeiro professor e fundador da escolinha de *grafite* em Boa Vista.

Portanto, é através das pistas de *skate*, como territórios de sociabilidade e construções da identidade, que se fundam marcos das diferenciações perante a sociedade boavistense. Assim, podemos perceber as construções identitárias multifacetadas dos *skatistas* nos territórios boavistenses, a partir de espaços urbanos na cidade que, mesmo sendo influenciadas pelos processos da globalização, estas não se tornaram em identidades homogeneizadas, antes possibilitaram novas formas de sociabilidades e alteridade nas representações pelos lugares em que praticavam o *skate*.

³⁴Trecho da entrevista de Max Delly, o “Perna”, extraída do trabalho de Lazzarin (2008, p. 28).

3 A CULTURA DA IDENTIDADE SKATISTA

Embora, a discussão sobre identidade tenha sido iniciada no capítulo anterior, aqui procuraremos aprofundar os debates sobre a identidade e a alteridade *skatista*. Desta forma, analisamos as posições adotadas pelo grupo, bem como, as significações na construção da identidade e alteridade *skatista* na cidade. Abordamos ainda, as redes de relações estabelecidas enquanto grupo na formação de novas identidades do *skate*. Além do que, percebemos como os territórios construídos pelo grupo em espaços urbanos, passaram a expressar os significados e as significações da identidade *skate*.

O *skate* e o *skatista* são inseparáveis. Tudo que está relacionado à cultura do *skate* ocorre por meio das práticas e representações no grupo de praticantes do *skateboard*, de modo que em diferentes lugares são construídas realidades sociais. Com isso fica evidente que as representações são construídas para moverem-se culturalmente nos agrupamentos sociais, e assim as significações da cultura *skate*, tornam-se acessíveis na sociedade em que vive o grupo (CHARTIER, 2002).

Ao pensarmos a cultura dos agentes *skatista*, podemos entender as práticas e representações do grupo em espaços urbanos, como uma elaboração comunitária mediante a qual os indivíduos se reconhecem se autorrepresentam e assinalam significações comuns ao mundo que os rodeia. Diante disso, a cultura se apresenta como forma simbólica nas ações dos agentes sociais, pois a realidade simbólica admite que os sentimentos conferidos às palavras, às coisas, às ações se apresentam de forma cifrada nos diversos agrupamentos sociais (PESAVENTO, 2008; MONTIEL, 2003).

Desta forma, é que a cultura dos *skatistas* torna-se uma expressão da realidade simbólica enquanto condição de grupo, pois, todas as práticas e as representações demonstram uma “identidade social de ser no mundo”, e passa a “significar simbolicamente um estatuto e uma posição” enquanto grupo (CHARTIER, 1991, p.183). É neste sentido que as apropriações identitárias tornam-se práticas diferenciáveis, e as representações podem ser classificadas como “lutas” na “exibição de uma presença”, por meio da “apresentação pública”, uma vez que as representações identitárias *skatistas*, estabelecem-se por uma autorrepresentação como agentes contraculturais na sociedade em que vivem (CHARTIER, 2002, p.17-20).

Tal constatação demonstra as posições tomadas pelos agentes *skatistas*, bem como o modo de identificação do grupo, pois, as posições adotadas como estratégias de afirmação na “luta” por classificação, são formas de manter-se no espaço social pela diferença

(BOURDIEU, 1983). Com isso, todas as “posições ocupadas por eles (agentes), [...] exprimem a vontade de transformar” os espaços sociais (BOURDIEU, 2007, p.162), enquanto constroem a identificação do lugar por meio da visão de mundo da cultura *skate*.

Portanto, é a participação dos agentes nas construções de espaços sociais que permite tomada de posições, e “práticas classificáveis” (BOURDIEU, 2007, p.162), o que implica na própria construção do *habitus*, conforme Bourdieu (2007)

O *habitus* é, com efeito, **princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação** (*principium divisionis*) de tais práticas [...] que definem o *habitus*, ou, seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além de capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida (BOURDIEU, 2007, p. 162, grifo nosso).

É nessa perspectiva que aparecem as lutas de classificação por parte do grupo, nas quais passam a obter, por meio do *habitus*, a prática da distinção perante outros grupos. Logo, a explicitação das lutas de classificação dentro dos espaços sociais nos grupos vem a ser a própria lógica da sua existência, como bem apresenta Bourdieu (2007) ao afirmar

O princípio de práticas ajustadas às regularidades inerentes a uma condição [...] opera continuamente a transfiguração das necessidades em estratégias, das obrigações em preferências, e engendra, fora de qualquer determinação mecânica, o conjunto das “escolhas” constitutivas de estilos de vida classificados e classificantes que adquirem seu sentido – **ou seja, seu valor – a partir de sua posição em um sistema de oposições e de correlações**. (BOURDIEU, 2007, p.166, grifo nosso).

Certamente, as lutas de classificação dos agentes participantes dos grupos, ao fazerem escolhas por meio das distinções, posicionam-se e correlacionam-se às formas de representações identitárias no espaço social, e formam uma “ordem simbólica” atribuída por ele como um esquema de classificação social, um “estilo distintivo da vida, por quem possua o conhecimento prático das relações entre os sinais [...] que é o produto da incorporação [...] do espaço social” possibilitando novas práticas e representações como grupo *skatista* (BOURDIEU, 2007, p.166).

Vale ressaltar ainda que, os agentes *skatistas* nas relações em grupo ao posicionarem-se dentro do espaço social consoante às ações do próprio grupo por meio do *habitus* e pelas lutas de classificação na alteridade, definem-se como grupo pelas “diferenças” (BOURDIEU, 1996, p. 48), pois as semelhanças estabelecidas nos espaços sociais têm a função de construir a identidade, bem como as diferenças têm o papel de representar coletivamente os agentes em grupo de sistemas classificatórios (WOODWARD, 2000, p. 54).

Sendo assim, podemos compreender como os *skatistas* tomam posições sociais ao se autorrepresentarem como grupo no espaço social boavistense, e utilizando códigos de

condutas, afirmam a identidade pela diferença, demonstrando que as condutas devem contrastar com a identidade local da cidade, pois segundo Hall (1996)

as identidades culturais são pontos de identificação, pontos instáveis de identificação ou sutura [...] Não uma essência, mas um posicionamento [...] uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa lei (HALL, 1996 p.70).

São nessas posições estabelecidas pelos agentes, que as relações de poder tornam-se perceptíveis, definindo quem é incluído e, quem é excluído pelos grupos sociais, pois as diferenciações e as relações sociais permitem a classificação da diferença na construção da identidade, e as opções tomadas pelos agentes na construção identitária do grupo, possibilitam a marcação simbólica em um sistema cultural *skatista*. Deste modo, a identidade dos *skatistas* em Boa Vista analisada como “uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente [...] representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2005, p.12), cria maneiras de identificações de grupo, diferenciando-os a partir da identidade na alteridade boavistense (WOODWARD, 2000).

Nesse sentido é que Sidekum (2003, p. 238) apresenta as diferenças e, as posições dos agentes, quando estes tomam “consciência de si e determina-se como realidade oposta a outras realidades com as quais se relaciona historicamente, com a possibilidade de entendê-las e transformá-las como ser de cultura”. Desta maneira, a identidade e a diferença são estritamente dependente da representação, pois é por meio da representação, que a identidade e a diferença adquirem sentido no espaço social vivido (SILVA, 2005).

3.1 A CIDADE E A IDENTIDADE SKATISTA

Na cidade os *skatistas* diferenciam-se e expressam as identificações como grupo ao traçar o estilo próprio do ser e viver como *skatista*, enquanto constroem pequenos núcleos de convivência social através de padrões de comportamentos, que os representa na alteridade. Maffesoli (2010) tratando sobre microgrupos urbanos na contemporaneidade utiliza conceitos como “tribalismo”, “novos nômades” para atribuir, representar e identificar grupos urbanos

argolas na orelha, uniformes nas roupas, modos de vida miméticos, jargões de linguagem, gostos musicais semelhantes e práticas corporais, tudo transcendendo as fronteiras e testemunhando uma participação comum e um espírito do tempo feito de hedonismo, de relativismo, de viver o presente, e de uma espantosa energia concreta e cotidiana (MAFFESOLI, 2010, p.66).

Para Maffesoli (2010), os grupos identificados pelas roupas, adornos e expressões corporais, demonstram marcações e significações urbanas para diferenciá-los na sociedade. É importante ressaltar, essas representações e significações culturais podem ser definidas como

estilo³⁵, forma de identificação que constrói identidades por meio de ligações expressa pelos grupos urbanos. Tais considerações apontam a influência do estilo no mercado da moda. No final dos anos de 1960, segundo Villaça e Góes (1998)

o advento dos *teenagers* (entre 13 e 20 anos), vai determinar o surgimento de uma palavra mágica, o **estilo** [...] fim das roupas pesadas, sérias e obedientes. O **estilo** passa a marcar uma mudança de geração (VILLAÇA e GÓES, 1998, p.118, grifo nosso).

Diante disso, Brandão (2006, p.53) assevera que o “vestuário faz parte da história da cultura material e pode ser observado pelos seus aspectos simbólicos” e Burke (2005, p.92) coloca que “a história das roupas [...] dizem muito sobre as civilizações. Códigos de vestuário revelam códigos culturais”. Portanto, os *skatistas* procuravam vestirem-se diferentes dos esportes tradicionais. Nada de uniforme de equipe, utilizavam calças jeans e *tactel*, rasgadas e surradas, com bolsos largos, tênis com *silver tape* (fita adesiva), camisas com estampas contendo imagens de bandas de rock e *rap*, alguns com um estilo mais ligado ao movimento *punk*³⁶, cintos com rebites, braceletes e cabelos compridos, expressando o estilo da contestação (BRANDÃO, 2006).

E ao considerar essa perspectiva é importante enfatizar que, a identificação dos *skatistas* com o estilo *punk* na cultura das roupas deu-se com afastamento do mundo surfista, conforme explica Brandão (2006, p.99) “pouco a pouco (os *skatistas*) abandonando o visual surfista: cabelo comprido, shorts, roupa mais alegre e descontraída. [...] começaram a se envolver com diversos aspectos do universo conturbador do *punk*”. Por outro lado, enquanto a cultura *punk* influenciava a construção da identidade *skatista*, trouxe consigo os aspectos da contracultura, bem como o espírito da contestação, irreverência e rebeldia, formando o cenário das práticas *skatistas* dos anos de 1980, em algumas cidades do Brasil (BRANDÃO, 2006).

Nesse sentido, percebe-se que a experiência urbana vivenciada pelos *skatistas* constituiu um importante espaço de representação, pois os valores do grupo revelam significados que os aproximam, tais como: gostos musicais, linguagens, formas de se

³⁵Para Bourdieu, o **estilo** seria “às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. [...] Instrumentos de apropriação, transmutadas, assim, em distinções simbólicas” (BOURDIEU, 1983, p. 82, grifo nosso).

³⁶Segundo Gallo, o surgimento do *punk* “se deu na Inglaterra na década de 70, num momento de ascensão dos conservadores ao poder e de recessão econômica que teria provocado o desemprego e afetado, sobretudo, os jovens brancos pobres” (GALLO, 2008, p.750).

vestirem, que através da comunicação da semelhança³⁷ de gostos e, pela prática de compartilhar códigos de condutas no interior do grupo, constroem locais de encontros que podem ser tanto as pistas de *skate*, como as ruas, praças, ou qualquer lugar da cidade (UVINHA, 2001; HALL, 2016).

É importante ainda citar que, os diversos espaços da cidade como as ladeiras, ruas, praças e monumentos, se configuram como lugares de aprendizado, lazer e sociabilidade na construção de identidades, mesmo que estes não tenham sido projetados para tal fim. Assim, podemos notar uma coesão dos estreitamentos de laços de afinidade, da ajuda mútua, bem como a preocupação com o rendimento³⁸ do outro (DIAS, 2011). Diante de tal concepção é necessário lembrar que, as práticas não deixam de representar transgressão às normalidades no espaço urbano, como afirma Brandão (2006) ao perceber traços da influência *punk* no universo das práticas *skatistas*

possivelmente, (a cultura *punk*) deu forças e coragem para que os *skatistas* deixassem de se aventurar somente por locais como ruas, ladeiras ou praças e passassem, numa apropriação que carrega um bom tom de transgressão, a utilizar outros aparelhos urbanos, tais como corrimãos, escadas e bancos. O que se procura colocar, portanto, é que existe uma semelhança entre a atitude do *skatista* de deambular por locais não projetados para sua prática com a atitude do movimento *punk* em negar qualquer tipo de imposição social. Em suas novas representações do urbano, os *skatistas* carregavam também um pouco do espírito utópico desse movimento, pois ambos enxergavam a realidade como algo possível de ser questionado, negado e refeito a sua própria vontade (BRANDÃO, 2006, p. 107).

Conforme se pode constatar, são essas sociabilidades, práticas e representações no comportamento dos *skatistas* na cidade, que os identifica como agentes da diferença, pois, as relações de grupo em espacialidades urbanas configuram comportamentos e práticas para a formação da identidade, proporcionando estilos de vida, comportamentos, valores e personalidades, que demonstram práticas sociais específicas enquanto grupo. Portanto, é por meio da busca de ser diferente e apropriar-se da cidade para andar de *skate*, que se constroem as representações do grupo (DIAS, 2011).

Entretanto, a maneira lúdica como os *skatistas* fazem a exploração da cidade, se depara com a desconfiança dos moradores, pois as ruas da cidade não servem apenas como locais de experiências juvenis, mas atendem a diversos propósitos comunitários. Apesar de, para os *skatistas* os locais significam a singularização da vivência no cotidiano. Deslizar pela cidade, explorar outros espaços e, inventar maneiras de ser *skatista* (Brandão, 2014).

³⁷Conforme Hall (2016, p.23) os “membros da mesma cultura compartilham conjuntos de conceitos, imagens e ideias que lhes permitem sentir, refletir e, portanto, interpretar o mundo de forma semelhante”.

³⁸Prática de observar outro *skatista* desenvolver habilidades novas com o *skate*.

Por isso, as ruas tornam-se palco das manobras do *skate*, logo, os mobiliários urbanos da cidade são dados novos significados. A escultura serve agora de inclinação para manobras; Os bancos das praças tornam-se perfeitos lugares para saltos; As bordas das calçadas em obstáculos; Os corrimões, que serviam de apoio nas escadarias são utilizados para deslizar. Todavia, as práticas podem ocasionar conflitos territoriais entre os moradores locais e os *skatistas*. Já que, os moradores usam o espaço para irem ao trabalho, passear com a família e realizarem atividades diárias, o que acaba por esbarar nas práticas do cotidiano *skatista*.

Assim, dropando³⁹ ladeiras, descendo ruas, “rasgando” asfalto com velocidade, os *skatistas* ligam-se à cidade cotidianamente. Essa busca da aventura e da vontade de viver situações de risco torna-se a excitação dos *skatistas*. Prazer este refletido na própria identidade do grupo. Dessa forma, os novos territórios ressignificados pelos *skatistas* são antes de tudo uma questão à criatividade e ludicidade, local de aventura na arquitetura das cidades, que no caso de Boa Vista, aconteciam em áreas mais urbanizadas como o centro da cidade.

Diante disso, BRANDÃO (2012) ao exemplificar as práticas *skatistas* nas ruas, menciona que os espaços da cidade são reinventados

deste modo, ao imaginar ou ao ler o espaço de uma forma diferente do usual, os *skatistas* passam a projetar sobre seus elementos constitutivos outras funcionalidades que ultrapassavam seus sentidos primeiros, construídos pelos engenheiros, arquitetos e demais pensadores da cidade. Tal prática redefine ou redesenham os sentidos originais projetados a esses espaços (BRANDÃO, 2012, p.12).

A cidade é reinterpretada pelos *skatistas* quando comparativamente é vista como um texto⁴⁰, que experimenta a reescrita em cada nova manobra. Eles exploram picos⁴¹ na arquitetura urbana e com isso, apresentam diversas formas de significações e ressignificações. Posto que, a excitação de andar de *skate* na cidade forma expressões da identidade que os diferenciam na cultura local e, essas atitudes estabelece o ser *skatista* para os moradores do lugar, contrastando a identidade com outros grupos urbanos e sociais.

³⁹Descer de uma ladeira, ou, do *Half Pipe*.

⁴⁰RICCA JÚNIOR (2001) trata a cidade como um texto. Para o autor, a cidade pode ser compreendida, questionada e interpretada.

⁴¹Lugares onde os *skatistas* praticam as mais diversas manobras. Locais marcados para fazer *sessions*.

3.2 AS REDES DE RELAÇÕES SKATISTAS E O MERCADO DE PRODUTOS

Os *skatistas* afirmam que: “*skate* é vida. *skate* na veia⁴²”, isso quer dizer que o “carrinho” (nome dado ao *skate*), está tão ligado às suas vidas que tudo acaba “girando⁴³” em torno dele, seu modo de pensar, seus valores. Desse modo, corrobora por construir redes de relações sociais entre diversos agentes que fazem parte do mundo do *skate*, tais como: os próprios *skatistas*, representantes do poder público, mídias e empresários do ramo do *skate*, entre outros agentes. Além disso, as redes de relações são construídas em torno de diversos interesses, como bem coloca Machado (2011)

relações criadas pelos *skatistas* para interagir com a dinâmica urbana, e participar de várias situações que ocorrem simultaneamente [...] pode-se andar de *skate* na parte do dia com os amigos, e logo após ir para alguns shows na companhia dessas pessoas. Com isso, interage-se com diversos atores e instituições, com as mais diversas intenções, desde políticas até religiosas. E em cada momento, conhecem-se novas pessoas, vivenciam-se novas experiências, aprendem-se novos códigos, realizam-se trocas simbólicas, estabelecem-se mediações (MACHADO, 2011, p. 68-69).

As redes também passam a formar novas sociabilidades e promover a identidade *skatista*. Porquanto, as relações sociais estabelecidas em rede são construídas por meio de significados e vínculos para viver o estilo de vida em grupo. Desta forma, o grupo constrói redes de relações que servem para além das relações de afetividade⁴⁴, consumir diversos produtos do mercado do *skate*, como: roupas, tênis, bonés, acessórios e equipamentos de *skate*, tanto por meio de compras, como através do apoio de patrocinadores e empresários do ramo do *skate*; donos de lojas de roupas, supermercados, confecções, prefeituras e governos locais que investem nos eventos, festas, campeonatos para que haja divulgação das lojas, marcas e, empresas da cidade.

Na mobilidade destas redes, os *skatistas* passam a comprar acessórios dos mais variados: rolamentos, rodas, *trucks*, *shapers*, lixas e, alguns equipamentos para proteção do corpo como: luvas, joelheiras, capacetes, tudo que pode facilitar a prática de manobras em pistas, asfaltos, corrimões e, outros mobiliários urbanos. Isso vem facilitar a ampliação das redes de contato com outros grupos, influenciando nas construções de redes de comércio entre os próprios *skatistas*, pois alguns, além de abrirem lojas de acessórios e roupas com

⁴²Essa frase é utilizada pelos *skatistas* brasileiros para afirmar que o *skate* está dentro deles.

⁴³O uso da palavra **girando** nesse contexto, está relacionado as práticas do cotidiano *skatista*.

⁴⁴Os praticantes dos esportes radicais, formam laços entre si que vão além do contrato de mercado, elaborando relações por um processo complexo de atrações, de repulsões, de emoções e de paixões (Maffesoli, 2001)

marcas de *skate*, compram peças para fazer o próprio comércio informal nas pistas e, eventos do *skate* (BRANDÃO, 2012).

Outros aspectos relacionados ao mercado de produtos se davam quando os *skatistas* escolhiam músicas que mais combinavam com seu estilo de andar de *skate*. Com isso, influenciados pelo próprio gosto musical, estabeleciam contatos através das redes de marcas de roupas para consumirem os produtos cujos emblemas e estampas são de bandas preferidas, permitindo que, os *skatistas*, se identifiquem na própria representação construída, ao expressarem gostos musicais por meio das roupas em campeonatos e nas *sessions* pela cidade (BARRETO, 2012).

Portanto, se gostavam de bandas de *rap* e *hip hop* seguindo o ritmo da música, executavam manobras em estilos mais soltos e leves. Todavia, quando realizavam manobras agressivas e rápidas nos obstáculos, procuravam colocar músicas de estilos como: *punks*, *rock* e *hardcore*, o que caracterizava a própria identidade *skatista* dentro do grupo, com o fim de dar sentido às representações construídas nos espaços urbanos, como práticas elaboradas enquanto agentes sociais (CAIAFA, 1985; MACHADO, 2011).

3.3 OS TERRITÓRIOS COMO EXPRESSÃO DA IDENTIDADE SKATISTA: A PISTA NO PARQUE ANAUÁ

Os *skatistas* comunicam-se e expressam a identidade nos territórios criados para andar e viver o estilo de vida *skate*. Em muitas áreas da cidade de Boa Vista, procuravam reivindicar a pertença do lugar como espaço e território do *skate*. Sendo que, através destes momentos de reivindicações por parte do grupo, ocorreram as ressignificações dos espaços na cidade. E, assim, praças, ruas, quadras, esquinas, tornaram-se territórios temporários para realização de manobras. É preciso acentuar que alguns destes espaços, através das reivindicações por parte do grupo foram territorializado de forma permanente.

No ano de 1989 em Boa Vista, um dos lugares utilizados pelos *skatistas* para andar, era o Parque Anauá. Conforme relata Maurício⁴⁵, o “Pezão”, este comenta que ao chegar à cidade, encontrou um grupo de *skatistas* utilizando um espaço no Parque para realização de manobras

Eu vim de Manaus e, em Manaus, em 86, a gente pegava reboque com *Rang Ten*, um *skate* de fibra de vidro. De 87 até 88... Assim, 89, eu pegava, ficavam atrás de ônibus e meus pais vieram morar de vez pra cá em 88, 89. E aí, aqui, a Pista de *skate* do Parque Anauá estava sendo... A forma dela já estava sendo feito e aí já tinha um

⁴⁵LIMA, Maurício Rocha. **Maurício Rocha Lima**. *Skatista Profissional*. Concedeu entrevista em 20 de outubro de 2017 em Boa Vista – RR. Entrevista Gravada.

pessoal aqui que era o George Fino, o Val, o Ronilson, o Pedro Alencar. Os caras estavam aqui todos os dias, eles moravam aqui perto, tinha uns *skates* assim meio bandeirantes, e eu passava aqui de bicicleta, tinha uma *bicicross*, e aí ia pra lá, pra pista que onde é agora o tobogã. Em 89 não tinha tobogã, foi em 89 e começo de 90, que começou o tobogã, mas, antes, em 88 e 89 tinha um evento de *bicicross* e eu passava aqui sempre. Tinha um pessoal ali andando de *skate* e olhava e pensei: Poxa! Eu passei um tempão andando de *skate* em Manaus... Aí eu os vi pulando um tijolo, aí eu olhei e falei: Caramba! Poxa! Isso é tão fácil! Mas eu nunca tinha visto, mas eu olhei na minha experiência de *skate*, e falei: Poxa! Só é bater e passar por cima. Eu peguei e levei uma queda tão feia que o cara começou a rir, tal, aí eu fiquei assim: Cara vai ser muito, mas eu vou ter que andar de *skate*.

Depreende-se no relato, que aquele encontro ocorrido no ano de 1989, com outros *skatistas*, possibilitara vivenciar experiências que já tinha obtido em Manaus, andar de *skate*. Desta forma, menciona que enquanto os *skatistas* aguardavam a conclusão da pista no Parque Anauá, o *Half Pipe* e a *Mini-Ramp*, esses utilizavam outro espaço, o parque aquático atualmente⁴⁶. Diante de tal situação, Maurício explica que, o encontro com o território dos *skatistas*, se deu devido ao evento de *bicicross*⁴⁷ e, na época praticava também o esporte. É necessário ressaltarmos que aquele espaço no qual estavam, era território temporário do *skate*.

Maurício⁴⁸ enfatiza ainda, que o espaço construído no Parque Anauá (a pista de *skate*), tornar-se-ia em território permanente do grupo, o que segundo ele na época, veio a ocorrer por meio da participação efetiva do departamento de esportes do Governo, que os estimulava aguardar com expectativa, o dia da inauguração

Ai foi à abertura. Ai existia o Jean, do Departamento de Esporte, que ele chegou ali no Parque Anauá, naqueles bancos, a gente ficava andando por ali e tudo e vendo a pista ser construída. E aí, falava assim: Não, vai ter uma grande inauguração. E a gente tem os patrocínios na cidade. Que era o Marukão, o Tostão, era uma drogaria daqui, umas lojas, a Moda Brasil 2000, que tinha lá no Centro Comercial, eles bancavam um tênis, até o Samello. Tênis Samello nas premiações. Mochila [...] existia a Toque Final, é perto ali do Acadêmico, ali embaixo, que veio os *shapes* da *Plancton*, que era o Tio Liba, a... Sérgio Negão, Rui Moleque, da *Life Style*... Aí, todo mundo tinha que comprar lá. Aí, a Foto Mora ali no Centro, que até hoje a gente fala que era Moura, mas era Mora, M. O. R. A. Aí, isso em 89, assim. E isso tudo, vindo as peças de *skate* pra abertura da pista de *skate* aqui.

Assim, o território em construção, a pista vertical, tornou-se para muitos do grupo, o lugar de representação da identidade *skatista* na cidade. Maurício enfatiza ainda as mobilizações de apoio por parte das lojas na cidade, com a anuência do departamento de

⁴⁶O Parque aquático do Parque Anauá, encontra-se desativado atualmente.

⁴⁷Inspirado no *Motocross* o *Bycycle Motocross*, *BMX Racing* ou *BICICROSS*, teve início com jovens Californianos, que nos anos 60 copiando seus heróis da versão motorizada levaram suas bicicletas pouco adaptadas para as trilhas de terra chegando a cidade de São Paulo no início dos anos 80 (*BICICROSS*. Disponível em: <http://www.apbmex.com.br/_upload/repository/Site/Apresentacao_APBMX_2009.pdf>. Acesso em 07 de nov. 2017).

⁴⁸Idem, 2017.

esporte. Essas disponibilizavam vendas de acessórios para o dia da inauguração da pista no Parque Anauá. De modo que, os *skatistas*, além de comprarem acessórios nas lojas indicadas pelo departamento, também recebiam delas algumas peças de *skate* como patrocínio, conforme exemplificará, o que corroborou na própria identificação dos *skatistas* com o espaço transformando em território permanente, promovendo a formação identitária dos participantes na cidade

Esse Jean, do Departamento de Esporte, queria que quem fosse os melhores dali iam nesses (*lojas*). Ai ele pegava o nome e dizia: Ó! Tu vai lá ao Tostão. E olhava assim, pra gente, e falava: E tu, vai lá à Toque Final. Quando a gente chegava lá tinha um *shape*, tinha uma roda, ai a gente ficava: Caramba! Isso já era um incentivo pra inauguração que viria uma galera de Manaus, que era o Matchele, o Andrew e o Rodrigo, de Manaus para a inauguração.

Portanto, a aproximação por parte do governo local com os *skatistas*, através do departamento de esporte, estimulou ainda mais os participantes a identificarem-se com aquele local, mediante toda à expectativa que fora criada em torno da inauguração. A presença de representantes do esporte vindos de outro estado, como o Amazonas⁴⁹, possibilitou o aprendizado de novas habilidades do *skate* e, ao mesmo tempo, incentivou várias pessoas que participavam da inauguração a andar de *skate* no Parque Anauá

Os caras de Manaus vieram pra cá, trouxeram uma fita cassete pra gente que, eram seis horas de fita cassete pra gente ver. E deram a base pra gente e tudo, né? Então, e depois desse evento que teve essa inauguração que... Poxa! Era muita gente que... Tinha o Caio, tem o menino que hoje é delegado... Tem várias pessoas que... O Cleyton, o Cleyton que hoje é delegado. Tem o Dylon que hoje é fisioterapeuta em Curitiba. E ele tava na inauguração ai, né? Então, tem o Douglas, o Maicon Douglas, que tava na inauguração. Tem o Ted, tem o Régis, pô! O Régis. Todo mundo tem um nível bacana na sociedade. Tem, assim, alguma forma do social, de está fazendo alguma coisa, por causa daquele tempo. Assim, da oportunidade que o Ottomar assim. Falou assim, Poxa! Em 89 dar essa pista de *skate*. Que em 86 teve a revolução Erundina,⁵⁰ de todo mundo ser preso. E o *skate* ficava preso e tudo. E o Ottomar fez e, até hoje eu fico imaginando: Qual foi a ideologia dele em fazer uma pista de *skate*? E falar assim: ‘ele é muito quebra de tabu’.

A partir daí, a inauguração da pista de *skate* no Parque Anauá, tornou-se marco para os *skatistas* naquele período, visto que, a visibilidade obtida após a inauguração favoreceu o processo de formação identitária do grupo, uma vez que, o espaço fora transformado em

⁴⁹Maurício comenta, que após a inauguração da Pista, ocorreu a participação dos *skatistas* profissionais dos grandes centros urbanos do Brasil: “veio, o Cabeção e o Cezinha Chaves. Em um campeonato à parte. “Mas, na inauguração, mesmo, foi o pessoal de Manaus que veio inaugurar” (Idem, 2017).

⁵⁰Conforme Brandão (2014), a prefeita Erundina em São Paulo, revogou a Lei 25871 de 1986 em 08 de janeiro de 1989, a qual proibia práticas de *skate* na cidade de São Paulo, instituída pelo então prefeito Jânio Quadros. Já em 1988, vésperas das eleições municipais, a futura prefeita, aproximou-se dos *skatistas*, a ponto de subir em um *skate* afirmando seu interesse. (BRANDÃO, 2014, p. 303-315).

território do *skate*, tornando-se elo do grupo e, proporcionando laços de *brodagem*⁵¹ na construção da alteridade pela identidade. Maurício⁵², ao lembrar momentos vividos no Parque Anauá, elucida o que significa laços de afetividade à condição de *skatista*

Diz que são os paradigmas de uma revolução de dizer que fomos perseguidos nos anos 80 e no final dos anos 80 a gente já foi mostrando qual era a nossa ideia, que era a família, a família não, dos amigos. Essa coisa da família do amigo, como eu falei assim: Nós somos centenas de irmãos de diferentes mães. Vai na casa de um come, vai na casa de outro, vai toma água, dorme, entendeu? **Então tudo isso é uma forma do skate, da essência do skate.** Que até hoje eu gosto de andar, ser *skatista* por causa disso: Dessa essência que nunca vai acabar. Eu acho que não vai acabar. E vai passar muita gente e um cara vai entender que o *skate* é uma simplicidade total. Que é uma coisa desse tempo, que por isso que comecei a andar, que deu essa abertura dos anos 80.

Diante disso, podemos analisar que andar de *skate* vai além das práticas esportivas convencionais, demonstrando que através dos territórios permanentes ou temporários, esses criaram códigos de compartilhamentos em grupo, traçando o estilo de ser *skatista* na cidade. Entretanto, durante os anos de 1992 a 1996, muitos daqueles que participaram da inauguração da pista se distanciaram devido ao trabalho, prestação do serviço militar e, aos estudos em outros estados. Ocorrendo encontros esporádicos, e somente a partir do ano de 1997, o *skate* ganha novos delineamentos na cidade, conforme relata Maurício⁵³

Porque eu já fui umas das pessoas que andei sozinho, aqui. O Aldemar foi estudar, o Tom foi estudar em 92, aí acabou. Daí eu fui para a Base Aérea, aí ninguém se encontrava mais. Outro foi para o Exército... Mas aí aquela ideologia do *skate* sempre, da gente dizer assim: A gente se conheceu no *skate*, e não só por causa do *skate*. A gente dorme, a gente vive, a gente come, então, né?![...] Veio a geração de 97 da Rodoviária, que já entra aquela ideia do pessoal dizer: Como vai ser? Aí tinha os cabeludos do Pricumã.

Em face do exposto, se iniciou a fase do *skate* em Boa Vista voltada para as práticas de rua⁵⁴, devido à urbanização de novos espaços na cidade como praças e calçamentos. Desta maneira, surgiram reivindicações dos *skatistas*, a exemplo, o pedido ao prefeito de construir uma pista de *skate* no Complexo Poliesportivo Ayrton Senna, entre anos de 1999 a 2000. Nesse ínterim, o grupo procurava obter na praça uma pista de *skate* no local construído para

⁵¹Segundo Palma (2010, grifo nosso), o Neologismo **brodagem** mescla a expressão em inglês – *brother* (irmão) - com a desinência abreviada "agem" para designar uma forte relação de cooperação mútua entre grupos urbanos, que compartilham visões sobre a arte, esportes e o mundo e, que concordam em modos de vidas.

⁵²Idem, 2017 (grifo nosso).

⁵³Idem, 2017.

⁵⁴Na entrevista com Maurício, este menciona vários lugares da cidade que andavam de *skate*. “Tinha a Praça da Bandeira, que tinha só a quadra, a gente ficava na quadra porque não tinha muito urbanismo ali. Em 89, 90, onde era a Esplanada tinha o show do Jaber Xaud. A gente andava de *skate*, fica ali na Jaime Brasil andando, até aquele bloquinho que tem naquela rotatória ali do Caxambu. A gente pulou aquilo ali. “Ficava as pessoas fazendo uma ala ali pra gente pular aquele bloquinho ali só pra saber como o *skate* voava” (Idem, 2017).

espaço de patinação, visto que, esses utilizavam a quadra de tênis para andar de *skate*. E, a pista de patinação, não era frequentada por praticantes de patins⁵⁵. Maurício⁵⁶ comenta que houve o encontro com o prefeito Ottomar para reivindicar à construção de uma pista de *skate* no local de patinação

Em 98 teve a ideia da Sequinhos (*loja de skate*). Que o Emerson lá da Prefeitura, cunhado do “Gog”, que a irmã do “Gog” era casada com o irmão do chefe de Gabinete, o Jessé. O Jessé era casado com a irmã do “Gog”, e ele era irmão do chefe de Gabinete do Ottomar, em 98. Eu sei que começou a ideia: Vamos fazer um evento de *skate*, da Sequinhos, que era do “Gog”, que vai trazer *skate*, que vai comprar. Fizemos um campeonato em 98 no Maria das Dores. Ai chegamos com o prefeito. Marluce, Ottomar, Emerson: E aí? O que vocês querem? Nós queremos uma pista de *skate* na Praça Ayrton Senna.

Do mesmo modo, corroborando com a entrevista de Maurício, Lazzarin (2008) menciona que o “chefe de gabinete do prefeito”, tinha interesse em concorrer ao cargo público de vereador, sendo aquele período vésperas de eleições municipais. Esse, ao aproximar-se do grupo, prometeu construir a pista de *skate* na Praça do Ayrton Senna⁵⁷. Obra que na gestão do prefeito Ottomar de Souza Pinto, veio a ser concluída. E, o espaço de patinação, fora transformado em uma pista de *street skate*⁵⁸. Outra vez Maurício⁵⁹ comenta como se organizaram antes da construção da pista

Não tinha nada na quadra de tênis. Era mais quebrada. A gente arrumou e ficou lá com os obstáculos. Aí a gente foi lá pra casa do “Gog”, fizemos um projeto, Mará, Eltinho... Caxote, trilho... Ai chegou essa ideia de fazer essa pista e, o Ottomar, em 99, vendo isso com o Enmerson, falou: Vamos fazer!

Mas a gente já tava na quadra de tênis. Ai ficou aquela da pista vai sair. E a gente fazendo os eventos na pista do Ayrton Senna [...] Ai quando aconteceu de fazer a pista, quando dá dia 20 e pouco de novembro, o cara fala que vão embargar por conta do final do ano e só daqui a um ano. Ai fomos pra Câmara, de manhã cedo, entramos na Câmara. Era um dia 20 de novembro e todo mundo de *skate* e, o Parimé Brasil ia embargar a obra, porque ia ser ponto de prostituição, de galeragem, de droga. Ai o Ottomar doido pra fazer a pista pra gente sair da quadra de tênis. Ai olha todo mundo lá e a pauta era Parimé Brasil e todo mundo batendo. E pediram ordem. Nada a declarar. Ai era 30 de novembro. Conquista massa! E no ano que vem vai ter o campeonato na pista nova.

Portanto, o que se percebe nas reivindicações dos agentes *skatistas*, é que nesse período, todos os pedidos foram atendidos por meio da participação do poder público.

⁵⁵LAZZARIN, 2008.

⁵⁶Idem, 2017.

⁵⁷Ainda que a função do Legislativo não seja a construção e criação de obras, o mesmo, pertencia ao grupo político que elegeu o Prefeito da época em Boa Vista – RR.

⁵⁸Idem, 2008. p. 26.

⁵⁹ Idem, 2017.

Entretanto, enquanto esse espaço transformado em território do *skate* e, construído para atender a reivindicação do grupo, a cidade, continuava sendo palco de manobras, conforme expressa Maurício “Mas, o *skate*, independente disso, a gente é da rua, a gente vai tá na rua, a gente vai tá na calçada, descer corrimão⁶⁰”, reafirmando o lugar da identidade do grupo.

Pode se dizer que assim, a cidade permaneceria transformada em território temporário para práticas do esporte, como, a esquina do Rio Branco nas proximidades da escola Ayrton Senna, localizada no centro da cidade. Muitos *skatistas* aos finais de semana se aglomeravam na esquina para realizarem manobras de *street*, com saltos pelas escadarias⁶¹. E, ficavam evidentes, que aquele espaço público ao ser utilizado pelos *skatistas*, naquele momento, passava à condição de território do *skate* (DELLY; BRITO, 2000).

Nessas trajetórias de se territorializarem em espaços públicos na cidade para andar de *skate*, temos a apropriação da Rodoviária, José Amador de Oliveira - Baton em Boa Vista, como destino de muitos *skatistas*. Contudo, esse espaço será reivindicado à condição de território permanente do *skate*⁶². Assim, foram colocadas rampas de material de compensado no asfalto da rodoviária⁶³ simulando uma pista de *street skate*. Com isso, estudantes que praticavam o *skateboard* na Escola Maria das Dores Brasil⁶⁴ ao lado da rodoviária, saiam da escola aos finais de tarde e, usavam aquele local para praticar *skate*, com vários outros membros do grupo, conforme relatam os entrevistados Ricardo⁶⁵ e Maurício⁶⁶

É... tinha uma pista que montaram. Uma pista móvel. Digamos assim, de madeira de compensado, na quadra de tênis do Complexo Ayrton Senna. **Tinha uma pista que morreu literalmente no... na rodoviária. Um pedaço de asfalto que tinha lá, que era usado. Que, o asfalto era acessível à brincar, andar. E, só que, ééé... aconteceu algum incidente, que a pista sumiu, e tal.** E... tinha, o Parque Anauá também. Eu, não cheguei muito a andar no Parque Anauá, e tal, mais. Eu peguei um pouco do... da pista de madeira do Complexo Ayrton Senna e da quadra de Tênis (grifo nosso).

⁶⁰ Idem, 2017.

⁶¹ Maurício comenta em sua entrevista, que existe uma espécie de ritual de passagem dos *skatistas* em Boa Vista com determinados territórios: “Existe a esquina do rio, que isso é histórico. “Todo *skatista* tem que pular a esquina do rio aqui em Boa Vista” (Idem, 2017).

⁶² Entrevista concedido no estúdio de Tatuagem pelo Ricardo Rodrigues de Aguiar, em 01 de Novembro de 2017, *skatista* atuante nos anos de 1999 a 2000 em Boa Vista – RR.

⁶³ Lâminas de madeiras sobrepostas.

⁶⁴ Na revista *Zine* 29, (DELLY; BRITO, 2000 p. 3), encontra-se uma foto do *skatista* André executando uma manobra e a sigla MDB, que significa: Escola Maria das Dores Brasil – MDB. O que pode ser relacionando com o *skatista* e a escola.

⁶⁵ Ricardo, 2017.

⁶⁶ Idem, 2017.

Na fala de Maurício,

Eu sai da Base Aérea em 97/98 e comprei um carro. Ai já podia levar os caras pros picos. Ai começou em 97 em frente da Rodoviária. A gente fazia uns obstáculos e os caras jogavam na fossa. Ai chegou o Pernambuco, o primeiro contato do Pernambuco, o *grafiteiro*, **ele chegou pela Rodoviária e já ficou lá mesmo com a galera**. Ai já ficou lá. E foi para a casa do Marcelo. Já encontrou essa união que desde o começo é isso. Tem que voltar aquilo lá (grifo nosso).

Percebemos que os *skatistas* ao relatarem lugares em que praticavam o esporte, mencionam reivindicações do grupo à territorialidade do lugar, quando enfatizam que na rodoviária da cidade houvera o incidente com a pista de *skate*, que desapareceu do local em que tinha sido posta. Sendo assim, mesmo não deixando explicitado, subentende-se que naquele lugar em que ficava a pista na realidade era a rua de circulação dos ônibus interestaduais, explicando assim, o porquê da pista desaparecida ser encontrada nas proximidades da rodoviária na galeria do esgoto⁶⁷.

Outro lugar *skatável* da cidade era a Praça da Bandeira, em que se aglomeravam vários *skatistas* nos finais de tarde. Na revista *Zine 29*, contém a imagem da arte do *grafiteiro* Max Delly, o “Perna”, que *grafitando* seu próprio rosto, aparece com cabelos em estilo *dreadlocks*⁶⁸, uma lata de *spray* em suas mãos e a sigla “PE”, que significa Pernambuco, ou como a própria revista o identifica em outro *grafite*, o “Perna”. Sendo que, esse apelido está relacionado ao seu estado de origem. Desta maneira, o *grafite* na Praça da Bandeira, pode ser identificado não apenas como arte urbana, mas como parte da representação territorial do grupo, pois o próprio Max Delly, andava de *skate*.

Portanto, a arte de Max Delly demonstra que seu interesse pelo espaço não se dava apenas por promover trabalhos com *grafites* na cidade, como consta nas páginas da *Zine 29*, mas, demarcar locais como territórios do *skate*. A própria *Zine*, apresentam lugares os quais foram *grafitados*, tais como: a Praça do Ayrton Senna e a Pista de *skate* do Pricumã⁶⁹.

Uma polêmica levantada pelo grupo na *Zine 29*, está relacionada ao período de construção da Pista de *Skate* do Pricumã, devido à infraestrutura da pista. Desta forma, os *skatistas* comentam

um dos grandes projetos de nossa cidade já começou a ganhar novos adeptos. **E ao seu lado um pequeno projeto (pista do pricumã) que poderia ser melhor**

⁶⁷Ricardo, 2017.

⁶⁸Para Bezerra (2012) os Rastafáris jamaicanos, surgiram como uma pequena seita que acreditava que Haile Selassie, I imperador da Etiópia em 1930, era o Messias.

⁶⁹Vejam nas páginas 78 e 81, os lugares *grafitados* na cidade.

elaborado. Porém já está sendo de grande serventia para os iniciantes e amadores do *skate* (DELLY; BRITO, 2000, grifo nosso).

Desse modo, a controvérsia levantada pelos autores sobre a pista de *skate*, está relacionada ao piso no local. Este era grosso, isto é, sem um bom acabamento. E, os obstáculos que foram construídos, não possibilitavam condições adequadas para executarem manobras complexas. O que poderia causar sérios problemas para os praticantes do esporte, principalmente, se durante a realização de manobras, ocorressem quedas naquele tipo de piso⁷⁰, vindo a sofrer lesões mais graves no corpo dos competidores e praticantes do *skate*.

No texto da *Zine* 29, abordando sobre a Pista da Praça do Pricumã, contém a imagem do único viaduto da cidade de Boa Vista, que fica ao lado da praça. Entretanto, aparecem críticas feitas pelos autores, ao enfatizarem “grandes” e “pequenos projetos”, aos quais estavam se referindo, aspectos que envolviam investimentos no local, sendo que, a construção do viaduto seria o “grande projeto” e, o “pequeno projeto”, a pista de *skate*, a qual não haveria a observância quanto às condições mínimas de segurança para se andar de *skate*. Desta forma, pode se concluir que, embora tenha sido mencionado que a pista “poderia ser melhor elaborada” e, que os “*skatistas* amadores e iniciantes” já utilizavam aquele espaço para praticar o esporte, contrariamente, no ano 2000 ocorrera etapas do II Circuito de *Skate* na pista do Pricumã, espaço esse bastante criticado (DELLY; BRITO, 2000).

Ainda se tratando da revista na galeria de fotos e, na sua segunda edição lançada no ano de 2002⁷¹, aparecem o Portal do Milênio, representado como parte dos territórios temporários adaptados para praticar *skate*. Porém, atualmente a prefeitura da cidade de Boa Vista, colocou placas explicativas no local à população com proibições de algumas atividades esportivas, dentre elas aparece o *skate*⁷².

Portanto, estes espaços construídos pelo poder público, são apropriados pelos *skatistas* e ressignificados pelo grupo. De modo que, os *skatistas*, deslocam-se na cidade em busca de aventura. E, ao utilizar mobiliários urbanos, como escadarias, bancos, corrimãos de praças, promovem criatividade e improviso na busca da excitação e prazer enquanto praticam manobras. Consequentemente, os mobiliários urbanos encontrados nas trajetórias em que passam, tornam-se obstáculos para serem superados. E, ao adaptá-los das mais variadas

⁷⁰No capítulo sobre iconografia, contém as fotografias do II Circuito Municipal de *Skate*, troféu Israel Gomes de Almeida, 2001, no qual é possível observar o piso da pista de *skate* do Pricumã.

⁷¹No ano 2002 é lançada a 2ª edição da Revista: 29 *Skate Zine*.

⁷²A fotografia com a Placa da Prefeitura de Boa Vista encontra-se no anexo da dissertação.

formas, permitem a construção da territorialidade e a desterritorialização pela alteridade, através dos lugares em que praticam o *skate*.

3.4 A SOCIABILIDADE NOS CAMPEONATOS DE SKATE

Cabe ressaltar que, por meio do surgimento dos campeonatos de *skate* no Brasil, ocorre o processo da esportivização do *skate*. Para alguns pesquisadores brasileiros, o primeiro campeonato ocorreu no ano de 1975, na Quinta da Boa Vista (Rio de Janeiro). O evento trouxe consigo novas especificidades às práticas do *skate*, ocasionando “formas de agrupamentos que asseguravam a representação e a defesa dos interesses dos praticantes”, (HONORATO, 2004, p.101) proporcionando a distinção entre aqueles que praticavam *skate*. Desta forma, através dos níveis das dificuldades para executar manobras no campeonato entre os *skatistas*, tornou-se o elemento diferenciador na sociogênese do esporte no Brasil (BRANDÃO, 2000; HONORATO, 2004; ELIAS, 1994).

No ano de 1976, com a inauguração da primeira pista de *skate* da América Latina em Nova Iguaçu/RJ, ocorre a transição das modalidades *freestyle* e *slalom*⁷³ do estilo livre praticado nas ruas, calçadas e ladeiras e, surge o estilo *bowlriding*, com a construção dos *bowls* (bacias), sendo está transição de modalidades advinda da influência da Revista *Skateboarder*, a qual mostrava *skatistas* estadunidenses executando manobras em piscinas vazias com muita velocidade (BRANDÃO, 2006; HONORATO 2004).

Assim, as mudanças que vinham ocorrendo nas práticas do *skate* aos finais da década de 1970 no Brasil, proporcionaram novos significados para os *skatistas*, pois, o processo das mudanças exigiu novas regras e normas aos praticantes, como bem coloca Honorato (2004), ao afirmar

os primeiros campeonatos, as instruções de como julgar uma competição, as manobras, a evolução dos equipamentos, a divisão de categorias (sênior e júnior) e o novo estilo (vertical), ilustram ações iniciais da esportivização da prática do *skate* como meio para constituir e instituir regras e condutas racionais e especializadas. Isso demonstra que, **para a emergência de uma prática cultural esportiva, exige-se um regulamento previamente acordado e aceito pelos praticantes** (HONORATO, 2004, p.100, grifo nosso).

O que chama atenção nesta abordagem de Honorato (2004) é a construção das regras e condutas para se andar de *skate*, sendo que, as novas práticas elaboradas pelos *skatistas*, visavam especializar os competidores em determinadas modalidades. Ou seja, basicamente, os acordos estabelecidos entre os praticantes do *skate* criavam novas regras ao esporte, quanto

⁷³Consiste em passar pelo maior número de cones sem derrubar, e na maior velocidade possível.

possibilitavam traduzir sentimentos. E, com isso, expressavam sensações ao público presente, como o controle e o autocontrole das emoções, ousadia, improvisação e espontaneidade nas realizações de manobras nos campeonatos (DIAS, 2011; HONORATO, 2004).

Maurício⁷⁴ comenta sobre campeonatos que ocorriam no Parque Anauá no início dos anos 1990

no *skate* existe o paradigma da quebra das manobras, onde todo mundo que vê eu andar sabe o ano que eu sou, que eu ando, pô. Se tu ver um cara que começou hoje, tu sabe. Um cara que começou nos anos 70, 80, 90 tu sabe. Eu sou de uma geração que existia um número de manobras que faziam. Que era o *olie*, *olie* de *back*, *olie* de *from*. Coisa até dos campeonatos de *skate* daqui, quando a gente foi preparado, que o locutor [George Fino] falava: Agora, Paulinho, até o Paulinho e o Álvaro Neto, o Paulo é o filho do cara do Pedro Coelho que mataram ele atrás do Palácio da Cultura. Ele era pai dos dois *skatistas*, o Paulinho e o Álvaro Neto, eles eram de Brasília e sabia dar *kickflip*. Eu falava: Caramba! E quando era nos campeonatos eles erravam. E a gente andava e ganhava do cara. Mas eles andavam muito. Um tinha 16 e outro tinha 15. E a gente tudo 14. Ai o locutor chamava o cara: E agora na pista: Pedro Alencar. Lá vai o Pedro Alencar *dropou yeahhhh*. Batida de *back yeahhhhhh*. Batida de *from uoowww*. Batida de *back*, outra batida de *back*, batida de *from yeahhhhhh* ai voltava *fakie*, *to fakie*, outro *to fakie*, 360! *Uooooooooow*, caraca! Todo mundo aplaudia e era uma loucura. Olha lá as manobras do tempo era isso. Agora, Ronilson! Ronilson não consegue dropar. Ai lá vai o Ronilson, fazendo *fakie*, Ronilson batida de *back uowwwww*, valeu Ronilson. Acabou o teu tempo.

Sendo assim, percebemos como se diferenciavam os *skatistas* pelas habilidades de realizarem manobras e, como se identificam nelas no grupo. Da mesma maneira, os campeonatos de *skate*, apresentavam-se como lugar da sociabilidade, lazer e expressão da identidade, além de serem espaços de aprendizado. Por isso, a própria a organização de um campeonato de *skate*, envolve a mediação com vários agentes. Na capital de Roraima, no ano de 2001, ocorre o II Circuito Municipal de *Skate* de Boa Vista⁷⁵ e, na primeira etapa, teve a participação da Associação de *Skate* de Boa Vista, Fundação de Educação, Ciência e Cultura de Roraima – FECEC e Equipe 28⁷⁶, além das lojas de *skate*, Adrenalina, *Skate Shop*, *Skate Company*, *Fiksperto*.

Nessa etapa do circuito dividiram-se em quatro categorias, com premiações até o quinto lugar. Iniciante I, amador I, amador II e o feminino, bem como a participação de *skatistas* profissionais: Erik Balboa e José Eduardo, o “Anjinho”. Na categoria feminino a campeã foi Edmidiam de Oliveira, a “Garrafinha”, já o iniciante I, Luciano fora o campeão, com o patrocínio da loja *Fiksperto*. Nas categorias Amador I e II, temos o Alex, “Cachaça”,

⁷⁴Idem, 2017.

⁷⁵Revista *Tribo Skate*. Ano 2001, p. 86.

⁷⁶A Equipe 28 era formada por *skatistas* que moravam no bairro 13 de Setembro e estudantes da Escola Maria das Dores Brasil – MDB.

com apoio da loja de *skate* Adrenalina e, Marcelo Santana, “Come Rato”, que também recebeu apoio da loja *Fiksperto*, sendo esses os campeões das categorias.⁷⁷

Na revista *Tribo Skate*, do ano de 2001⁷⁸, encontram-se algumas fotografias dos *skatistas* no circuito, o que chama atenção nas fotografias é a ênfase dada as *skatistas* mulheres, que aparecem como protagonistas do esporte em Boa Vista. Também, verificam-se pelas imagens fotográficas, a vista aérea do campeonato, enquanto várias pessoas assistem ao circuito. Entre as fotografias da revista, temos um *skatista* descendo o corrimão de *rockslide*⁷⁹ na rampa do *franbox*, sendo que, esta rampa aparece *grafitada* com as siglas, sk8 (*sk+eight* em inglês, fica *skate*).

Sobre a ênfase dada na revista *Tribo Skate*, na participação do *skate* feminino no II circuito de *skate* no ano 2001, notam-se nas fotografias, características indumentárias que podem ser relacionadas à identidade nas quais os *skatistas* buscavam representarem-se perante a sociedade, através dos estilos de roupas que usavam no campeonato. Desta forma, as meninas trajavam bermudas largas, calças folgadas, além de blusas folgadas e bonés. Através desse estilo, buscavam comunicar ao público, a maneira de serem *skatistas*. Ao mesmo tempo, no ambiente familiar das garotas, ocorriam desconfortos quanto às praticas representadas identitariamente, conforme relato na *Zine 29*

o crescimento das meninas que andam de *skate* vem causando grande preconceito por parte dos pais e, da sociedade. Porém, isso já era de se esperar de uma cidade esquecida e isolada do mundo. Que vive de injustiça. Onde quem está em cima só sabe pisar em quem está em baixo em vez de estender a mão e ajudar. Coragem meninas e arrochem! (DELLY; BRITO, 2000).

Nesse trecho da *Zine 29*, analisamos pelos relatos dos autores as dificuldades em que o *skate* feminino enfrentava nos anos 2000. Preconceitos por parte dos pais das garotas e da própria sociedade local. Para mais, é apontado pelos autores como um dos motivos para o preconceito, o isolamento da cidade em relação ao restante do país, conforme mencionado anteriormente, sobre a ligação por terra entre os estados de Roraima e o Amazonas que, ocorreram somente no ano 2000. Contudo, a não transformação desse sistema sociocultural, cujos autores criticaram na revista, estavam representados consonantes à marginalização atribuída as *skatistas*, devido ao desconhecimento do *skate* feminino no restante do país.

⁷⁷Idem, 2001, p.86.

⁷⁸Na página 78, capítulo Iconografia, encontram-se as fotografias da Revista *Tribo Skate*.

⁷⁹Deslizar com o *shape* do *skate* sobre o corrimão. O *skatista* era o Adriano, atualmente dono da Loja, Anarquia.

Portanto, são através desses territórios construídos como lugares significantes da identidade, que os *skatistas* na cidade, buscaram demonstrar as práticas dos amantes do esporte *skate*. No entanto, a partir de 19 de dezembro de 1999, muitos *skatistas* foram confundidos com marginais, os chamados *galerosos* de Boa Vista, devido ao assassinato a facadas do *skatista*, Israel Gomes de Almeida, no Parque Anauá. Com tudo, foi nessa época em que ocorreram os contrastes pela alteridade, entre a identidade *skatista* e a identidade *galerosa*.

4 CONTRASTES: GALERAS EM BOA VISTA E A IDENTIDADE SKATISTA

O capítulo traz uma discussão sobre as galeras em Boa Vista, e como a partir das práticas marginalizadas do grupo encontradas em jornais de grande circulação formaram-se representações estigmatizante de grupos urbanos de jovens na cidade. Desta maneira, o capítulo apresenta os contrastes entre os grupos de *skatistas* e galerosos e, como o grupo do *skate* se posicionou perante a sociedade boavistense como representantes do esporte. Assim, abordamos o momento na qual a identidade *skatista* é estigmatizada por suas práticas de grupo por causa das galeras na cidade.

Nos anos de 1997 a 2001, a cidade de Boa Vista será marcada pela presença de um grande número de grupos identificados como galerosos⁸⁰. Esses estavam espalhados pela cidade em áreas periféricas e não periféricas, praticando vários tipos de crimes contra a população. Destruindo patrimônio público e, principalmente, brigando em diversos espaços, tanto públicos quanto privados, conforme explica Lima (2017)

A utilização do termo galera em Roraima remete à associação de grupo de adolescente entre 12 a 16 anos, composto por ambos os sexos, mas predominantemente pelo sexo masculino, que a pé ou em suas bicicletas se reúnem para “zoar” se divertir junto, ir a festas, consumir drogas e defender seu território e proteger uns aos outros. Alguns andam armados com facas, facões, terçados e praticam roubos nas ruas da cidade. Cada bairro tem sua galera e uma galera está impedida de adentrar o bairro da outra galera. É frequente o confronto entre galeras rivais que se encontram e se enfrentam em espaços territorializados – as praças de seus bairros – e não territorializados, a exemplo do Parque Anauá e Praça das Águas, lugares estes frequentados nos finais de semana por famílias e onde se realizam os principais festejos da cidade (*carneval, festas juninas*) (LIMA, 2017, p. 178).

Neste período, entre 1997 a 2001, em Boa Vista, o índice da violência envolvendo galerosos era altíssimo⁸¹. Ocorreram vários tipos de assassinatos com participações de membros das galeras. A própria população tornava-se frequentemente vítima destes grupos, ao ponto de existirem mobilizações nas ruas da cidade, exigindo que autoridades públicas tomassem providências quanto à situação. O exemplo disso, foi o caso do taxista lotação

⁸⁰Para FILHO e SOUSA (2016), existem diferenciações entre grupos de jovens e galerosos, pois a “expressão <galera> tem sido cada vez mais popularizada em Boa Vista (RR) para qualificar turmas (grupos) de jovens. De modo geral, os meios de comunicação local, a polícia e o imaginário social tomam gangue <galera> e turma (grupos) de jovens envolvidas em ações delituosas como termos correlatos, não fazendo distinção entre: as consideradas <formas legítimas> de agregação juvenil, que levam os jovens a estarem juntos por interesses bem alheios à violência, mas que não os impedem de cometer transgressões e delitos; e as <formas delinquentes> de agregação, nas quais a transgressão e violência são norma” (FILHO; SOUSA, 2016, p. 191).

⁸¹Embora os dados da violência entre jovens não podem ser negado, Pereira (2011), apresentam uma pesquisa com fontes jornalísticas em Boa Vista, por meio dos Jornais: **O Diário, Brasil Norte e Folha de Boa Vista a partir de 1996**, pelo qual discutiu falas estigmatizadoras nos jornais, em relação as condições dos jovens na cidade.

morto por membros das galeras no exercício da profissão, como consta no Jornal Folha Boa Vista no ano 2000.

Neste Jornal, percebemos as reivindicações dos taxistas lotações⁸² sobre a condição da violência na cidade. Na reportagem, estes buscam respostas no poder público para solucionar a criminalidade das galeras: “os jovens podem escolher seus governantes, mas não podem responder por crimes que cometem. Alguma coisa está errada e isso é preciso ser revisto pelas autoridades” (FOLHA, dez. 2000, p. 5). Assim, esse quadro de violência, cometido contra a população por jovens de galeras, eram constantes nas páginas dos jornais da cidade de Boa Vista.

Pesquisas⁸³ apontavam que as taxas de violência entre os jovens da cidade de Boa Vista eram altíssimas, sendo que estes dados apontavam a violência como fora do controle do poder público ao ponto de tais índices, na capital de Roraima, ocuparem o 8º lugar no ranking das capitais mais violentas do país de acordo com Rodrigues (2012)

Em 1998 o município de Boa Vista ocupava a 8º posição no ranking nacional, como umas das capitais mais violentas do Brasil. Dez anos depois, o índice de homicídios caiu 55,9%. Se em 1998 o município registrou 34 homicídios envolvendo jovens, chegando a 41 em 2002, em 2008 esse número caiu para 15 (RODRIGUES, 2012, p. 51)

Assim, as marcas da violência estavam em toda parte da cidade envolvendo principalmente jovens. Vários fatores poderiam ter contribuído para o aumento da violência na cidade no período entre eles, as condições em que foram sendo formados os bairros da zona Oeste, em 1991. Como se podem constatar as construções destes novos bairros pela cidade, foram incentivadas por causa da diminuição de trabalhos nos garimpos através das políticas assistencialistas e eleitoreiras desenvolvidas na construção do recente estado (SOUZA, 2005).

Diante disso, Staevie (2011) menciona que, a falência dos projetos de assentamentos rurais e as ondas de migrações para cidade proporcionaram crescimento desordenado de bairros sem infraestrutura em Boa Vista

Os anos de 1990 reproduziram a expansão urbana ocorrida na década anterior, num ritmo ainda mais intenso. Com o crescimento da migração interestadual, em função da desativação dos garimpos e da falência dos projetos de assentamentos rurais no interior do estado, houve uma desordenada expansão da área urbana (STAEVIE, 2011, p.76).

⁸²LEI Nº 1.492, DE 17 DE JANEIRO DE 2013, da Prefeitura Municipal de Boa Vista – RR, define o serviço do Táxi Lotação como: “serviço de transporte alternativo de passageiros”. Transporte de até quatro passageiros.

⁸³Em 2001, o programa Braços Abertos da Prefeitura municipal de Boa Vista – RR, realizou diagnósticos socioeconômico da população e da infraestrutura física e social dos bairros (BATISTA, 2013, p.134).

Portanto, eram estas zonas pobres da cidade de Boa Vista os lugares mais propícios à formação das galeras⁸⁴. O bairro União a exemplo nos anos de 1998 pode ser utilizado como modelo para entender os jovens que estavam envolvidos com as práticas de galeras. Rodrigues (2012), comentando a chegada de uma família na época da formação do bairro União explica como era a situação daquele lugar

Shiriu (13 anos) veio com a família do bairro 13 de Setembro, onde morava há seis meses. Era recém chegado ao bairro União. O imóvel em que se estabeleceu não passava de um pequeno barraco de madeira, comprado a preço baixo. Para ser mais exato, por R\$ 800,00. Casebre de 3 m², mas que teria de comportar sete pessoas [...] A área era cercada por fios de arames farpados e enferrujados, sustentados em estacas podres (RODRIGUES, 2012, p. 30-31).

Este relato feito por Rodrigues (2012) reflete a condição de muitos jovens nas áreas afastadas do centro da cidade, embora, alguns grupos envolvidos com galeras, estivessem em bairros próximos ao centro e, participassem ativamente das práticas criminosas dos galerosos. Obviamente, o fator de maior contribuição na formação de galeras eram as condições relacionadas à pobreza e à vulnerabilidade social, vinculadas às moradias de bairros mais afastados do centro. Todos esses fatores contribuíam para que os jovens tivessem envolvimento com grupos marginalizados da sociedade boavistense (BARROS, 2004; RODRIGUES, 2012).

Por isso, a representação da violência tornou-se uma constante na cidade de Boa Vista e a cada novo dias apareciam às vítimas dos galerosos, como o caso da menina que ao defender o irmão de uma briga de galera na noite da véspera do natal de 1998, teve parte da mão decepada a golpes de facão, conforme consta no Jornal Folha de Boa Vista de 1998

As galeras estão deixando um rastro de terror, marcado por uso de drogas, pichações, pequenos roubos, depredação do patrimônio público e privado e, muitas vezes, agressões físicas que ocasionam mortes. São mais de 50 grupos juvenis, que se autodenominam de galeras, que aterrorizam a cidade de Boa Vista e destacam-se como um dos principais responsáveis pela violência urbana dos últimos tempos. Um dos fatos mais recentes da atuação de um desses grupos se deu na noite de 24 de dezembro, quando a maioria da população celebrava o Natal, a jovem Cledila Melo Bezerra, 18, ao tentar proteger o irmão, Emerson Melo Bezerra, 22, foi agredida por golpes de terçado, ficando com três dedos da mão decepados e um corte profundo na cabeça. O ataque sofrido pelos irmãos Bezerra, no bairro Jardim Primavera, tem sido uma constante, principalmente nos finais de semana e dias de festas especiais. O desafio que se apresenta para as autoridades e para a própria sociedade roraimense organizada é: “Como solucionar o problema da violência infanto-juvenil, ou seja, das galeras? (FOLHA, 1998, dez. p.6).

⁸⁴De acordo com Leal (1993) a formação de galeras em centros urbanos podem aparecer devido fatores “de múltiplas variáveis [...] pela diversidade de fatores endógenos e exógenos [...] de forma alguma, pode ser vista de um ângulo isolado. Entre os fatores exógenos estão incluídos: o desenvolvimento; a urbanização; a pobreza; a família; a falta de escolaridade; o convívio social impróprio; e os meios de comunicação social”.

Assim, a representação⁸⁵ da violência das galeras era construída para sociedade boavistense através dos jornais de maiores circulações da cidade. Outro fator observado na construção da identidade dos grupos galerosos, está relacionado à forma como estes utilizavam as indumentárias para saírem em grupos, como bem coloca Rodrigues (2012)

Zona oeste de Boa Vista, novembro de 1998. Um grupo de jovens se reúne todos os dias no interior de um barraco de madeira. Meninos e meninas, rapazes e moças, dividem sonhos, histórias, inseguranças e aventuras. São jovens ligados por uma afinidade marcada pelo preconceito e que, além disso, desperta curiosidade, medo e certa inveja em outros jovens do Bairro. São um grupo diferenciado, **cujos membros vestem roupas exóticas, como as camisas de tamanho exagerado, calçam sandálias de números bem maiores que o tamanho de seus pés, ostentam tatuagens espalhadas pelo corpo mostrando ícones tribais em tom escuro e no formato de rabiscos com características aerográficas** (RODRIGUES, 2012, p. 29 grifo nosso).

Neste sentido, as roupas usadas pelos galerosos eram formas de marcações simbólicas na sociedade boavistense, demonstrando que as características no estilo de se vestirem faziam com que esses grupos tornassem diferentes diante alteridade, pois, as roupas atribuíam valores e significados na construção da identidade galerosa. Desta forma, ao frequentar certos lugares enquanto utilizavam as roupas, como praças, ruas, festas e, outros bairros da cidade, poderiam ser identificados como membros de galera. Outros marcadores simbólicos da identidade eram o uso de uma linguagem específica dentro do grupo, contribuindo assim, na formação da identidade marginalizada⁸⁶. Rodrigues (2012) apresenta parte do diálogo entre membros da galera do Bairro União

Ei otário, passa aí essa parada?
Cadê a cola?
Sai dessa, maluco! Pega aqui o goró que tá acabando.
Beleza...
Me dá um trago aí desse cigarro.
Pow, muleque, só pobre aqui... a gente tem que roubar umas *bikes* pra gente comprá umas “paradas”!
Ei, pow, tem gente aí fora...
Putz! São os muleques do Caranã. Caralho!
Como é que a gente vai brigar com esses caras?! Cadê os terçados? Não tem nenhuma faca!
Que nada, vamos aguentar esses otários na base de ripas.
O que vocês querem?
Esse barraco é nosso, seus filhos da puta! Vazam daí, bando de noiado!

⁸⁵Para Hall (1997, p.1 grifo nosso), a representação é o significado a partir dos sistemas simbólicos para dar sentidos as coisas que “envolve o uso da linguagem, de signos e **imagens** que respondem por, ou, representam coisas”.

⁸⁶A identidade marginal está associada as práticas das galeras de Boa Vista naquilo que Bourdieu (1996) apresenta como “[...] os agentes sociais não agem de maneira disparatada. [...] eles não são loucos, [...] há uma razão para os agentes fazerem o que fazem, [...] um conjunto coerente de princípios”(BOURDIEU, 1996, p.138).

Que, Mané, sair⁸⁷? (RODRIGUES, 2012, p. 29-30).

Sendo assim, o uso da linguagem específica entre os galerosos, confirmavam parte da identidade marginal e da vivência desse grupo na cidade. Nesse contexto, percebemos também que o uso das drogas pelo grupo os aproximava dos traficantes e do mundo do crime, relacionando ainda mais a identidade desses jovens com a criminalidade urbana. Essa condição à drogadição pode ser constatada pela facilidade do acesso às “bocas de fumo”, pontos de vendas de drogas. Marques (1998), ao entrevistar O.S.L de 18 anos, galeroso em 1998, traz o seguinte relato, a experiência com drogas na galera

na minha galera no início rolava mais era cola e cachaça. **Depois que os caras começaram a fumar, se viciaram e deixaram a cola de lado.** Agora é só na pasta e no mel, direto. É fácil demais se conseguir pasta de cocaína em Boa Vista. É só chegar numa 'Boca de Fumo' e dizer: 'Olha aí, cara, 10 paus (R\$ 10,00), eu tô a fim de um mel'. Aí o cara já coloca rápido a droga na tua mão. Aí o cara sai fora. Só no meu bairro **tem duas bocas de fumo.** Uma agora está fechada, acho que foram os PMs que mandaram fechar, não sei porque, se os próprios PMs sempre iam nessas bocas buscar o mel pra fumar, que eles não são otários. Cansei de ver PMs indo lá buscar, chegavam de monte... tanto os policiais militares como os civis também. **Eu conheço muitos deles que fumam. Agora, eles gostam mesmo é de cheirar um pó (...).** (MARQUES, 1998, p. 56, grifo nosso).

O membro da galera envolvido com drogas, nessa entrevista, representava as práticas dos grupos galerosos perante a sociedade boavistense de como estavam envolvidos em consumo de drogas ilícitas. Pois, entre as galeras, as drogas eram parte das práticas diárias. No entanto, é necessário ressaltarmos que o envolvimento com as drogas, brigas e práticas criminosas, estariam condicionadas às territorializações dos bairros na cidade. Por isso, cada galera reivindicava a identidade do bairro devido à territorializações estabelecidas em grupo e, por causa delas, ocorriam às brigas e crimes, sendo justificadas pelas demarcações territoriais.

Marques (1998), entrevistando um membro de galera, D.L.S, de 14 anos, relata como se davam as relações territoriais do grupo galeroso com o bairro

galera é um grupo de meninos que querem botar ‘moral’ **no seu bairro.** Se uns meninos vierem de lá, **de outro bairro,** para querer mandar **naquele bairro,** aí os moleques dali não vai querer deixar. Se são de **outro bairro,** vão ter que pegar couro, pegar porrada... Agora, se o menino é do **próprio bairro** e quiser botar moral, aí eles deixam. Mas, se é de **outro bairro** e quiser botar **moral no bairro dos outros,** aí é o jeito entrar na sola, apanhar... Uma galera é formada pelos ‘defensores do bairro’, existe para **proteger o seu bairro.** Agora, pra mim pessoalmente, **galera é um esporte,** pra todo mundo que pratica isso, é um esporte, porque quase todo mundo (adolescente) gosta disso... A galera é ‘legal’ por uma parte e por outra não, porque a gente sendo dessas coisas a gente agarra altas gatas. Algumas meninas se amarram nessas coisas. A dona que namora com um cara de galera, que é respeitado, ela fica respeitada também, e aí, ninguém mexe com ela... **Mas também a gente fica marcado pelo bairro inteiro e por outras galeras** (MARQUES, 1998, p. 49, grifo nosso).

⁸⁷ **Cola:** Cola de Sapateiro, era utilizada por meio de inalação; **Goró:** Cachaça misturada com refringentes, ou, sucos; **Parada:** Drogas ilícitas; **Noiado:** estado de drogadição.

Embora os objetivos das galeras fosse a defesa dos territórios em bairros da cidade, por meio de brigas, isso era visto por muito deles como uma forma de lazer e esporte, conforme explica, D.L.S, o jovem galeroso entrevistado. Portanto, é a partir das análises desses grupos de jovens na cidade de Boa Vista, os galerosos, que poderemos contrastar com o outro grupo, os *skatistas*. Entretanto, na época, a mídia reproduzia representações na cidade de que todos os jovens pertencentes a grupos urbanos poderiam ser membros de galeras, mas, os *skatistas*, buscavam posicionar-se na identidade contrastiva⁸⁸ por causa das práticas galerosas.

Posto isto, a representação dos jovens nos jornais locais entre os anos de 1998 a 2001, construiu aos boavistenses o estereótipo de marginais para grupos urbanos, ou seja, para a população, qualquer grupo que se movimentasse na cidade sempre estaria envolvido em ações criminosas, pois, os principais jornais impressos e de grande circulação, como a Folha de Boa Vista, o Diário e o Jornal Brasil Norte, reforçavam a cada dia, as condições marginalizadas desses jovens vinculadas às experiências urbanas em grupos de galeras (PISSINI, 1998; LIMA, 2001).

Portanto, a condição da marginalização dos grupos urbanos descrita nos jornais impressos da cidade, não somente estigmatizava os galerosos à representação de transgressores da lei, como também estendia essa ideia a todos os jovens da cidade que estivessem reunidos em formas de grupos. Abordando a construção do estigma entre jovens, Romera (2008, p. 30), propõe como esses grupos chegaram à marginalização na sociedade “[...] envolvimento com brigas, drogas, violência, vandalismos, atos irresponsáveis e desrespeitosos”, formam a identitária marginalizada dos jovens na cidade.

Desta forma, podemos entender a estigmatização⁸⁹, como uma representação social do conceito negativo do Outro, levando grupos à exclusão de lugares, espaços e territórios da cidade. Goffman (1975, p. 5) entende que na sociedade, podem ser construídas concepções às condições dos grupos estabelecidas por estigmas, por meio do “total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros”. Na perspectiva de Goffman (1975), o estigma ocorre quando há contrastes nas relações entre o normal e aquilo que é fora do padrão de normalidade da sociedade, sendo criados os estereótipos marginalizantes. E, assim, o estigma

⁸⁸A identidade contrastiva está colocada neste trabalho naquilo que Hall (2005) chama de “identificações culturais”. Desta forma, os agentes acionam as identidades que lhes ligam a causas e interesses.

⁸⁹Na leitura do trabalho, o estigma deverá ser compreendido como uma forma de atribuir conceitos negativos aos grupos de jovens urbanos. Desta maneira, ao estigmatizar, tenta-se criar marcas na identitária dos grupos por meio das representações pejorativas como forma de juízo de valor.

sobre os *skatistas* se dá principalmente pela perspectiva transgressora relacionada do grupo nos territórios em espaços urbanos da cidade.

É nesse sentido, que se dar a formação da estigmatização dos grupos urbanos em Boa Vista, sendo construídas por meio dos encontros culturais⁹⁰ na sociedade, devido às diferenças nelas estabelecidas. Assim sendo, a estigmatização, ocorrem também em territórios construídos para práticas do *skate*, tornando-se alvos dos grupos de poder conforme Elias & Scotson, (2000) os define, afirmando que grupos **estabelecidos** podem transformar qualquer grupo urbano em **não-estabelecidos**,⁹¹ inclusive os *skatistas*

a estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e *não-estabelecidos*, associa-se, muitas vezes, a **um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido**. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão – o preconceito – que seus membros sentem perante os que compõem o grupo *não-estabelecidos* (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 35, grifo nosso).

Com tal característica, são construídas as condições para os grupos *não-estabelecidos* e estigmatizados, intercorrendo principalmente, por meio dos jornais impressos de grande circulação, que detém o “monopólio das principais fontes de poder” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 24). Sendo assim, as informações veiculadas nos jornais elaboravam representações, as quais vários grupos de jovens terminavam por ser identificados, como marginais. De modo igual, as estratégias da identidade marginalizadora dos jornais, não faziam distinção entre o ser galeroso e o pertencer ao grupo dos *skatistas*.

Correia (2008) define as disputas territoriais da representação não marginalizada ao retratar, o período da construção da pista de *skate* na Praça Germano Augusto Sampaio, demonstrando a existência de grupos rivais por causa do território na Praça

lá desenrolou uma luta pela apropriação do espaço que foi além dos conflitos entre as galeras dos dois bairros. Havia um terceiro grupo que reivindicava seu espaço, os *skatistas* que queriam a pista, segundo ponto de vista deles, “fora” dos conflitos por território das galeras. **Para eles, aquele lugar tinha que ser “neutro” a todo o conflito das galeras e a linha concreta de “divisão” entre esse campo simbolicamente tratado como pertencente aos *skatistas* era o alambrado em volta da pista** (CORREIA, 2008, p. 24, grifo nosso).

⁹⁰Os encontros culturais é na perspectiva de Hall (2003, p. 85-255) no sentido de que “todos os termos da identidade dependem do estabelecimento de limites – definindo o que são em relação ao que não são [...] tendo como [...] essencial que este espaço permaneça heterogêneo e pluralístico e que os elementos de negociação dentro do mesmo retenham sua *différance* [...] Ainda que [...] práticas culturais não se situam fora do jogo do poder [...] mas sejam [...] campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas”.

⁹¹Optou-se em traduzir o termo *outsiders* para não-estabelecidos enquanto que, o termo *establishment* ficou como estabelecidos, embora o próprio tradutor do livro, reconheça a dificuldade de tradução das palavras (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.7).

Ao mesmo tempo em que lutavam contra as representações estigmatizantes que marcavam a maioria dos jovens, os *skatistas* reivindicavam posições esportivas para serem identificados e, com isso, provarem que de fato eram diferentes dos galerosos. A maneira de demonstrar tal identidade foi mediante a adrenalina e radicalidade do esporte, ou ainda, com práticas que admitiam o risco da apropriação criativa e transgressora dos espaços urbanos. Desse modo, a construção da identidade desejável no grupo seria representada pelo estilo de vida dos *skatistas*, pois era necessário ser reconhecido como esportista do *skate* pela sociedade, afastando assim, a ideia das práticas transgressivas das galeras, as quais não eram aceitas no grupo, demonstrada por Pietro (2012)

skatista mesmo, para mim, é o cara que já passou preconceito, já foi chamado de vagabundo, de moleque, de maloqueiro. O cara que perdeu uma mina do sonho porque não admitia vestir-se como ela queria, frequentar os lugares que ela frequentava. Que enfrentou constrangimentos na sala de casa, com a família achando tudo muito estranho. *Skatista* é o cara que leva o *skate* como estilo de vida, todo o tempo, o tempo todo. Além de, obviamente, andar de *skate* (Pietro, 2012, p. 22).

Corroborando com essa perspectiva, Maurício⁹², compreende a estigmatização do *skatista* como

quando a sociedade está nos vendo, aí a sociedade muda. Mas quando nós vemos a sociedade, é a mesma coisa. Todos nós, que é *skatista*, mesmo, vê a sociedade dê um jeito. Mas cada sociedade nos vê diferentemente. Se eu for em Mucajá, vão me ver diferente, mas eu sou o mesmo *skatista*. Depende do que uma geração lutou para aquele momento, daquele estado, daquele município local seja valorizado. Quando a gente entra, a gente tá entrando num mundo que já teve muitas batalhas. Se eu entrar na sociedade de Manacapuru lá já teve muitas batalhas, porque os caras de lá já brigaram pelo *skate*. Lá o *skatista* é bem-vindo. Mas, se eu chegar na Compensa, em Manaus, lá tu é visto como marginal. Porque lá os *skatistas* roubavam. Vamos entrar em vários mundos. Por isso a primeira coisa é a humildade. Sem falar, sem xingar. Esse é um dos princípios básicos das relações urbanas. Olhando pra sociedade, eu vejo a sociedade igual, mas dependendo de cada uma sociedade ele vai ver o que fizeram pelo *skate* naquele local.

O que chama atenção no fala dos *skatistas* é a percepção da sociedade em sua alteridade, ou seja, o Outro. Enquanto, que a própria sociedade é representada por meio da autorrepresentação da entrevista e da citação. Diante disso, as relações dadas à condição estigmatizada dos grupos urbanos em Boa Vista, como a dos *skatistas*, proporcionaram a luta de classificação pelo interesse de autoidentificarem-se fora do estigma marginalizador que se encontravam os grupos galerosos. Ainda que, as práticas translouçadas do grupo de *skatistas* pelas ruas e nas praças da cidade, não estivessem desvinculadas de representações transgressoras em comparação as galeras que praticavam crimes.

Todavia, esses procuravam se posicionar nos espaços urbanos pelos territórios simbólicos através da identidade construída em torno do esporte, como mostra Olic (2014)

⁹²Idem, 2017.

o *skate* passou a se distanciar dos ideais da cultura *punk* que inspiraram sua prática nos anos 80, pois, ao invés de negar o Estado e evitar qualquer tipo de cooptação pela a “ordem vigente”, como prega o ideal anarquista, os *skatistas*, cada vez mais, **começaram a se organizar por meio de associações de bairro, municípios e estados com o objetivo de estreitar o diálogo com o poder público** para, sobretudo, viabilizar a construção de pistas destinadas exclusivamente à sua prática. Aqui é importante destacar que embora **a essência *skatista* esteja em prática na rua**, a pista costuma ser um local cobiçado e desejado por seus praticantes em razão das condições ideais oferecidas nestes locais. A arquitetura das pistas de *skate* é inspirada nos obstáculos que os *skatistas* buscam encontrar nas ruas, como corrimãos, bordas e transições, com o diferencial de que nestes espaços os obstáculos são destinados exclusivamente a sua prática. **Se na rua é preciso enfrentar o risco da apropriação indevida do espaço, na pista, por sua vez, o risco é canalizado apenas para a radicalidade das manobras** (OLIC, 2014, p.82, grifo nosso).

Logo, os contrastes das identidades na cidade levaram vários *skatistas* de diversos lugares a obterem associações e o reconhecimento dos governos locais. Em Boa Vista, ocorreu o desejo do grupo de organizarem-se através de uma Associação do *Skate*, bem no início das práticas no Parque Anauá, em 1990. Dessa maneira, perceberam a necessidade em terem a associação do *skate*, e assim, poderem pleitear junto ao poder público e nas lojas da cidade, patrocínios para investirem no esporte, como enfatiza Maurício⁹³ durante a entrevista. Esse lembrou que em 1990, havia interesse do grupo em construir a associação, o que além de facilitar os patrocínios, poderiam também identificá-los como praticantes do esporte *skate*, sendo possivelmente um dos principais motivos para construírem a Associação

a gente queria até alugar um quarto pra gente levar as gatas. 15 anos a gente tinha, e a gente querendo ser os **da associação, depois da federação, e a gente tinha que ter um local**, e a gente tinha que ter um nível intelectual, tinha que levar as pessoas pra lá e a gente queria fazer isso [...] **A gente alugou, comeu ninguém, não fizemos nada [...] A gente queria viver do skate. Saber que os caras vinham de fora, pô! Caramba! O cara viaja de skate, cara. Pô! Então deve acontecer isso mesmo. A gente tinha aquela coisa, não era ambição, mas pô, a gente pode viajar andando de skate, cara! Não acredito! Entendeu? (grifo nosso).**

No tempo em que, os *skatistas* procuravam meios de organizarem-se para viver do *skate*, os galerosos tinham interesses diferentes, conforme demonstra Rodrigues (2012), ao expor a fala de Rodinha, ex-integrante de galera no ano de 1998

Eu não sei o que acontecia comigo. Quando a gente faz parte de uma galera, a gente cria coragem. Eu não tinha medo de nada. Os caras de outras moçadas chegavam com terçado bem pertinho de mim e eu não corria. A polícia pegava a gente, dava muita bicuda e coronhada e, alguns minutos depois, já estava abrindo coro, ou seja, começando uma briga com outras galeras (RODRIGUES, 2012, p. 50).

Percebemos que, a identidade galerosa e seus interesses estavam em profundo contraste com a dos *skatistas*. E, ao observarmos esses contrastes nos deportamos ao pensamento de Hall (2005, p.110), exemplificando que, as identidades só podem ser

⁹³Idem, 2017.

“construídas por meio da diferença e não fora dela”. Contudo, o assassinato do *skatista* Israel Gomes de Almeida, no Parque Anauá em 1999, por um membro de galera, proporcionou o aprofundamento dos contrastes entre identidades galerosas e dos *skatistas*.

É exatamente nesse contexto sociocultural, que os agentes *skatistas* buscaram autorrepresentarem-se como praticantes do esporte *skate*, aproximando-se do poder público devido ao período eleitoral. Essa aproximação aumentavam as possibilidades de construções das Pistas de *Skate*, no Ayrton Senna e na Praça do Pricumã, visando à apropriação de novos espaços territorializados para o esporte.

4.1 EU SOU SKATISTA. EU NÃO SOU UM MARGINAL

O Jornal Brasil Norte em 14 de Novembro de 1999⁹⁴ lança a matéria na página do esporte intitulada de: Estilo Próprio. *Skate*: emoção e adrenalina sobre rodas. Criado em meados dos anos 60, na Califórnia, o *Skate* atravessa um de seus melhores momentos no estado de Roraima. Na reportagem do jornal, apresentava a trajetória dos *skatistas* no mundo e como viviam o grupo de *skate* em Boa Vista, no ano de 1999. Assim como, informavam sobre o I Torneio Radical de *Skate*, que aconteceria na quadra de tênis da Praça do Ayrton Senna.

No entanto, ao analisarmos o Jornal, percebemos pelas entrevistas dos *skatistas*, que ao falarem da experiência com o *skate* em Boa Vista, atribuíram-se autorrepresentações estigmatizantes perante a sociedade boavistense. Pois, ao examinarmos a entrevista de Maurício, o “Pezão”, no jornal, comprovou que de fato existiram diferenças entre ser *skatista* e membro de galera. Em sua fala, esclareceu que: “muitos jovens curte drogas e gostam de andar em galeras. Nós optamos em preencher nosso tempo andando de *skate*”. Por essa fala, dar-se a entender que existiam naquela época a necessidade da autoafirmação identitária do grupo *skate*, devida a presença de grupos galerosos na cidade (BRASIL NORTE, 1999, p. 12b).

Dando continuidade a análise do Jornal, constatamos que o repórter ao caracterizar o grupo de *skatistas* na cidade de Boa Vista, explica como esses poderiam ser identificados. Para isso, remete-se aos locais que utilizavam para andar de *skate*: “ruas de Boa Vista [...] e todas as tardes na pista do Parque Anauá, a única da cidade”. Desse modo, o repórter estabelece marcações territoriais nos espaços urbanos da cidade, quando menciona os lugares

⁹⁴BRASIL NORTE. **Estilo Próprio. *skate*: emoção e adrenalina sobre rodas. Criado em meados dos anos 60, na Califórnia, o *Skate* atravessa um de seus melhores momentos no estado de Roraima.** Boa Vista, 14 de nov. de 1999.

das práticas do grupo. Por essa razão, a matéria ainda trata de identificar as representações indumentárias que o grupo estampava ao andarem de *skate*: “calças largas e caídas e camisetas folgadas. Nos tênis, o *silvertape* (fita adesiva que serve como remendo) é o artigo essencial”. E, conclui o trecho da reportagem, abordando outro aspecto da identificação do grupo, os tipos das músicas que escutavam: “basta ter um bom *Hard-Core*, um *Rap*, ou até mesmo um *Hip-Hop* rolando nas caixas que lá estão eles”. Assim, verificamos vários elementos da identidade *skateboard* (BRASIL NORTE, 1999, p 12b).

Portanto, a partir destas representações construídas na reportagem à condição do grupo de *skate*, permite-nos perceber significados em marcações simbólicas e territoriais, conforme estabelece Silva (2005, p.14) “marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais” e, assim, ficam “definido [...] quem é excluído e quem é incluído”. Sendo desta forma, instituída a “classificações da diferença” nas experiências “vividas das relações sociais”. Com isso, a representação elaborada na reportagem sobre os *skatistas*, retratava-os diante da alteridade boavistense através das diferenças, para assim afirmar o “estilo próprio”, na identificação do grupo pela construção da identidade no esporte (BRASIL NORTE, 1999, p 12b).

Por causa da presença de galeras em Boa Vista, a reportagem enfatizou o posicionamento diferenciado dos *skatistas* perante a sociedade boavistense. Desta forma, as identificações culturais são percebidas ao longo da matéria, por meio de contrastes identitários e comportamentais no grupo. Em outro trecho, descreve o grupo como sendo: “tranquilos [...] um grupo diferente dos demais. Não gostam de brigas, apenas de fortes emoções e, de preferência, em cima do *shape*”. Aqui, a diferenciação enfatizada está relacionada à fala do *skatista* Charles, o Muruca⁹⁵, proprietário da loja de *skate* Adrenalina, que estava localizada no centro da cidade⁹⁶.

Assim, para Charles, o grupo dos *skatistas* era visto como não violentos: “nos damos bem com diversos grupos”. E, desta forma, o *skatista*, se autorrepresentava em diferenciação identitária dos demais membros de grupos urbanos, principalmente, quando sentia-se comparado aos membros das galeras em Boa Vista. Portanto, está condição de ser representado como galeroso, jamais poderia ser vinculada ao estilo de vida do grupo, sendo a luta de classificação em que estavam engajados na alteridade (BRASIL NORTE, 1999, p 12b).

⁹⁵O Jornal, coloca o apelido do *skatista* Charles, como Muruca, sendo na verdade Mucura. Nome popular para identificar o gambá da Amazônia.

⁹⁶No mapa que se encontra no anexo da dissertação, pode ser localizado o antigo endereço da Loja.

Diante de tal afirmativa, podemos entender que as diferenciações e as posições identitárias construídas na reportagem pelos *skatistas*, tinham como objetivo central, contrastar a identidade das galeras à condição esportistas do grupo, uma vez que, as galeras findaram por ser representada na reportagem pelo seu envolvimento com constantes brigas e, portanto, não poderiam ser vinculadas, ou comparadas aos praticantes do esporte *skate*. Sendo assim, as vivências em grupo dos *skatistas* relacionavam-se ao esporte, enquanto que, a criminalidade era apontada para membros das galeras.

Por conseguinte, é nessa perspectiva que Woodward (2000, p. 17) ao explicar os sistemas de representações simbólicas afirma que: “a representação inclui as práticas da significação [...] Os significados produzidos pelas representações, trazem sentido à nossa experiência e aquilo que somos”. Desta maneira, os *skatistas* ao posicionarem-se na reportagem como esportistas e não membros de galeras constroem a representação da identidade do grupo, diante da alteridade em que se encontram.

Hall (2005) ao comentar as formações da identidade, demonstra com clareza à representação dos agentes nas posições adotadas perante a alteridade

a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, **pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros** (HALL, 2005, p. 39, grifo nosso).

Portanto, a autorrepresentação do grupo de *skatistas* estaria relacionada ao contexto sociocultural ao qual pertenciam em 1998 a 2001. Boa Vista, estaria demarcada por territorializações e práticas galerosas, onde crimes e contraversões possibilitavam identificações dos grupos, tanto galerosos, como *skatistas*, em razão das diferenças identitárias perante a alteridade. O grupo do *skate* em suas autorrepresentações posicionava-se e representavam-se como esportistas. Mesmo assim, suas práticas eram consideradas marginais, apesar de reafirmarem-se como do esporte. Desta forma, embora não cometessem crimes semelhantes aos galerosos, as autoidentificações⁹⁷ representava-os como transloucados na cidade.

4.2 OS SKATISTAS NA CIDADE DE BOA VISTA E A VISIBILIDADE DO GRUPO

As dimensões alcançadas pelo grupo na cidade de Boa Vista, podem ser percebidas na organização do I Torneio Radical de *Skate*. O evento foi estimado em um número aproximado de 90 (noventa) competidores, divididos em quatro categorias: Feminino,

⁹⁷ **Prefeitura apoia campeonato de skate.** Jornal Folha de Boa Vista, 15 de Fev, 2000.

Iniciantes, Amador II e I. E, conforme a reportagem havia expectativa em relação a alguns competidores no torneio, como: o Formiga, Chaparral, Marcelo, “Come-Rato”, Israel e a Adriana, a “Magrela”, todos esses eram considerados pelo grupo como favoritos ao primeiro lugar. Além disso, o torneio receberia patrocínio da Prefeitura de Boa Vista, através da FECEC, do Grupo Barrudada, da Sequinhos *sk8* e Adrenalina *Skate Shop*, bem como, a participação de alguns dos *skatistas* da cidade de Manaus para prestigiarem o evento (BRASIL NORTE, 1999, p 12b).

No mesmo ano em que o Jornal Brasil Norte escreveu a reportagem sobre os *skatistas* de Boa Vista, Rodrigo Araújo, autor da *IB SK8 ZINE*, revista eletrônica, *skatista* da cidade de Manaus, estivera na cidade para contar a experiência e a vivência dos *skatistas*. O que chama atenção na matéria é como esse buscava localizar o grupo pela cidade. Primeiramente, apresenta o Parque Anauá como território do *skate*, um dos principais lugares de encontro. Porém, ao encontrar o local na cidade ocorreria certa frustração, pois, embora tivesse visto os *skatistas* andando na Pista do Parque Anauá, resolveu visitar o Museu Integrado de Roraima e, após retornar à visita do Museu, não encontrou mais o grupo conforme relata na experiência da revista

desfiz as malas e segui para o Parque Anauá, onde existe uma pista de vertical e obstáculos de *street*. De longe avistei alguns *skatistas*, mas resolvi visitar o museu do Parque antes de ir para pista, pois pensei que no final da tarde a galera local estaria reunida. Quando saí do museu, para meu desespero, os *skatistas* tinham desaparecido. Esperei até o final da tarde, mas apenas os *bikers* apareceram. Rodei por toda a cidade durante a noite de sábado e a manhã de domingo, mas não encontrei nenhum *skatista*. A última esperança era seguir para o parque e esperar para ver se alguém aparecia. No início da tarde de domingo os locais chegaram ao Parque (IB *SK8 ZINE*, 1999, p. 6).

É interessante notar na narrativa da passagem do *skatista* manauara em Boa Vista que, ao procurar pelos praticantes do esporte na cidade, não ocorrem problemas de rivalidades na chegada do esportista. Portanto, podemos contrastar a experiência vivenciada do autor às práticas galerosas, pois, enquanto as galeras de marginais defendiam territórios em bairros contra possíveis rivais, os *skatistas*, utilizavam a comunicação aberta com outros grupos de *skate*. Desta forma, ao analisarmos a experiência do próprio Rodrigo Araújo na visita a cidade, não identificamos pela narrativa qualquer tipo de insegurança, ou, ameaças por parte do grupo do *skate*, antes, o autor demonstra forte expectativa em encontrar os praticantes do *skate*.

Na reportagem, Rodrigo ficou impressionado com alguns *skatistas*, como o Marcelo, o Come-Rato, e Maurício, o “Pezão”, pois as manobras que estes realizaram durante a sessão de fotografias revelava alto grau de dificuldade, como menciona o repórter e *skatista*, ao

destacar Maurício na realização de uma manobra: “dar *blunt to nose blush*⁹⁸ na transição menor com facilidade”, relacionando as habilidades dos *skatistas* boavistense a uma conexão global⁹⁹. Ainda, tratando-se da experiência em Boa Vista com o grupo de *skate*, esses o levaram para alguns dos territórios da cidade para andarem de *skate*

depois da pista, fomos para a Praça da Bandeira, onde encontramos calçadas em diferentes níveis, que possibilitam uma grande variação de manobras. A praça também tem uma quadra de esportes onde os locais (*skatistas*) colocaram um trilho de ferro e uma pequena rampa de *jump*. Mas, o melhor local para a prática do *street* é o centro da cidade. Várias praças com bancos de concreto liso e escadas de diferentes tamanhos ficam a disposição dos *skatistas* aos domingos. Fim de Tarde, fim de *session*. **Troca de informações, distribuição de adesivos e a certeza de que Boa Vista sempre será uma boa opção para *skatistas* que procuram novos lugares para praticar o esporte** (IB SK8 ZINE, 1999, p. 7, grifo nosso).

A descrição em detalhes sobre os lugares das práticas do esporte na cidade demonstravam que Boa Vista, através do *skate* estaria aberta para receber esportistas de todos os lugares do Brasil e, reafirmava que, a identidade dos praticantes na cidade não poderia ser associada à marginalidade das galeras, antes, deveriam ser representadas por jovens praticantes do esporte, que gostavam de estabelecer mediações com outros grupos do *skate*. Entretanto, o assassinato do *skatista*, Israel Gomes de Almeida, trouxe consigo vários questionamentos diante da população. Entre os problemas, destacamos o seguinte: os *skatistas* estariam vinculados a membros de galeras? Essa discussão trouxe constrangimentos aos esportistas.

Por isso, em 15 de fevereiro do ano 2000, o Jornal Folha de Boa Vista escreveu a matéria intitulada de: Prefeitura apoia campeonatos de *skate*. Desta forma, a reportagem abordava a organização realizada pelos *skatistas* junto à Prefeitura da cidade, para promover a Copa, Israel Gomes de Almeida. Portanto, entendemos que o grupo buscava por meio do evento, mais que uma homenagem prestada ao *skatista*, vítima de um integrante de galera. Contudo, buscavam afirmar a identidade de esportistas. Sendo assim, o Jornal Folha de Boa Vista no ano 2000, retrata o ocorrido

Israel Gomes de Almeida era um *skatista*. Tinha 16 anos quando S.F.S., tirou-lhe a vida. O crime ocorreu na noite do dia 19 de dezembro de 1999. Alegando legítima defesa numa história um tanto complicada, o menor não sabe a confusão que criou. **A população taxou os *skatistas* com membros de “galeras”. Inconformados com isso, eles estão tentando de todas as maneiras mostrar que os fatos não são reais [...] Maurício “Pezão” é um porta-voz dos *skatistas*. Ele tenta reduzir o nível de preconceito que está associado ao grupo. Depois da morte de Israel Almeida** (JORNAL FOLHA DE BOA VISTA, fev. 2000, grifo nosso).

⁹⁸A manobra consiste em realizar um giro de 180 graus com *skate* na transição da rampa da mini-ramp, encaixar a frente do *skate* e depois descer novamente.

⁹⁹A discussão do local e global e de como os *skatistas* estão inseridos em uma interconexão é apresentada no capítulo primeiro da dissertação.

Portanto, dar-se a entender, que o circuito de *skate* iniciado em fevereiro de 2000, tinha como finalidade mostrar a população boavistense, que os *skatistas* não eram membros de galeras. E, que, a morte do *skatista* Israel não poderia ser associada ao grupo, pois, ainda que a população boavistense estivesse relacionando os fatos do assassinado às práticas *skatistas*, a Copa, tinha a intenção de desvincular as representações *skatistas* das ações dos membros de galeras. Ainda que, entre os *skatistas* alguns fossem considerados ex-galerosos. A isso, reportagem

A prefeitura apoia mais um campeonato esportivo. As inscrições para a Copa Israel Gomes de Almeida de *Skate* estão abertas desde o dia 1^a de fevereiro. Depois da morte do *skatista* Israel, a Associação de *Skate* de Boa Vista sentiu a necessidade de desvincular o praticante da figura do integrante de galera. **Maurício Lima, o “Pezão”, presidente da associação, afirma que mais que praticar um esporte, o skate tem ajudado a recuperar jovens da marginalidade. Alguns dos skatistas são ex-membros de galera** (Recorte do Jornal Folha de Boa Vista. Arquivo do Marcelo, o Come-Rato, grifo nosso).

Desta maneira, a matéria está marcada por uma disposição em desvincular o estereótipo marginal do grupo, uma vez que em muitas das falas *skatistas* na reportagem, enfatizam a perspectiva da identidade relacionada ao esporte *skate*, como quando Mário¹⁰⁰ Santana ao ser entrevistado diz “troque seu terçado por um *skate*. A gente não está por aí pichando muro”. Assim, fica evidente que entre os membros de galeras as pichações em muros da cidade eram algo comum e, para os *skatistas*, o ato de pichar não os representa identitariamente, pois o *grafite* seriam suas marcas na cidade.

Ainda, observando a comparação dos *skatistas* a galerosos, pela entrevista do *skatista* Magno, esse acrescenta novos elementos identificadores da identidade galerosa, como o uso dos terçados. Desta forma, os terçados (facões) eram utilizados nas brigas de galeras pelas disputas territoriais em bairros da cidade, bem como nas praças e festas. Enquanto que, os *skatistas* “carregavam os *skates*” pelas ruas de Boa Vista, o que novamente iriam intencionar-se e representar-se como esportistas (FOLHA, 2000; MARQUES, 1999).

Em outra parte da reportagem, Maurício, o “Pezão”, demonstra que havia vários outros estereótipos estigmatizantes em relação aos *skatistas*. Dessa maneira, o Jornal constantemente tenta construir a identidade por meio da esportivização. Sendo assim, o repórter vai remeter-se à posição do Maurício ao afirmar que “a competição será para tirar da população a imagem de marginal dos *skatistas*”. Deste modo, torna-se evidente pela fala dos *skatistas* no Jornal, a vontade de desconstruir representações galerosas atribuídas ao grupo.

¹⁰⁰ O nome do *skatista* não foi corretamente escrito na reportagem, devendo ser substituído por Magno Santana, irmão do *skatista* Marcelo Santana, o “Come-Rato”.

Porquanto, Maurício coloca que: “Associação de *Skate* de Roraima regularmente vai até os bairros periféricos da capital para ensinar a prática do *skate* a outros jovens”, demonstrando a identidade *skatista* por meio de práticas esportivas (FOLHA, 2000).

A identidade galerosa autorrepresentada e combatida pelo grupo dos *skatistas*, encontrou um novo problema na sociedade. Pois, ao utilizarem na Praça do Ayrton Senna a quadra de tênis como território temporário para andar de *skate* entraram em conflito¹⁰¹ com os tenistas, devido ao uso daquele espaço. Entretanto, não se sabe ao certo se o conflito ocorreu pelo uso do som alto com músicas, ou devido às representações galerosas ao grupo.

O ocorrido foi que, os *skatistas* apropriando-se daquele local para andar de *skate*, utilizavam bem alto o som com músicas, enquanto praticavam manobras. Isso gerava disputas pelo território. No entanto, diferente das brigas territoriais entre galeras, que no caso, seriam resolvidas por meio de terçadadas, pauladas e tiros com armas de fogo, Maurício, enfatizara o diálogo como forma de amenizar conflitos territoriais: “nós acertamos tudo. Agora, não ouvimos mais som tão alto. Aliás, a gente nem escuta mais música”. Com isso, os *skatistas* se autorrepresentava na identitária de não violentos, se diferenciando dos membros de galeras (FOLHA, 2000).

Por conseguinte, analisamos certa contradição na reportagem quando comparada a entrevista dada por Maurício, o “Pezão”, em 2017, no período do final de 1999 e os primeiros meses do ano 2000, ao tratar da permanência do grupo no território do Parque Anauá após a morte do Israel Gomes de Almeida. E, assim, a matéria relata que alguns *skatistas* deixaram de frequentar o Parque Anauá para andar no Complexo Poliesportivo do Ayrton Senna.

Entretanto, um pequeno grupo continuou no Parque, conforme explica o Jornal: “depois da morte de Israel Gomes de Almeida, a maioria dos *skatistas* partiu para o Complexo Poliesportivo” e, entre estes atletas, alguns resolveram permanecer no Parque Anauá, como o caso dos “10 adolescentes [...]”. Entre eles estão Diego Coelho Fogaça, 14 anos, e Sérgio de Paula, 15 anos” e acrescenta uma frase na fotorreportagem “A gente vai continuar no Parque Anauá mesmo depois da morte do Israel” dando a entender, os motivos das mudanças (FOLHA, 2000).

No entanto, as contradições observadas nas informações do Jornal sobre o período vivenciado pelos *skatistas*, após a morte do Israel Gomes, se dar em relação ao possível abandono do Parque Anauá para andar de *skate* na quadra de tênis, quando comparado à

¹⁰¹O conflito nesse sentido deverá ser entendido como discussões verbais e, não como brigas de galeras.

entrevista de Maurício¹⁰²

fizemos um campeonato em 98 no Maria das Dores. Ai chegamos com o prefeito, Marluce, Ottomar, Emerson: E ai? O que vocês querem? Nós queremos uma pista de skate na praça Ayrton Senna. Não, que não pode! Quando foi em 99, eles disseram: Arruma um lugar pra ficar. Não tinha nada na quadra de tênis. Era mais quebrada. A gente arrumou e ficou lá com os obstáculos. [...] Ai em 2000... Quando dá dia 19.12.1999, acontece a ida do Israel, acontece aquela quebra... Ai acontece e acaba tudo, e o Emerson disse: Vamos homenagear o cara. Ai em 2000 todinho a gente homenageou o cara.

Portanto, percebemos que as mudanças nos territórios, não se deram por causa da morte do *skatista*, antes, havia o interesse do grupo no espaço da praça do Ayrton Senna, na quadra de tênis, para com a finalidade de andar de skate. Diante disso, não se pode relacionar as mudanças territoriais feitas pela maioria do grupo, a partir do conceito de disputas territoriais entre *skatistas* e galerosos, como tenciona o Jornal. Contudo, os acontecimentos que ocorreram no período, tanto a morte do *skatista*, como as mudanças de territórios, trouxeram consigo novos significados a identidade do grupo, permitindo uma maior visibilidade perante a população boavistense. Ainda que, a autorrepresentação desses são percebidas no estigma da própria identidade diante da alteridade boavistense.

O Jornal apresenta outro aspecto da identidade *skatista* em contraste com os filhinhos de papai¹⁰³, em relação a condição de não receberem apoio dos familiares nas práticas do esporte. Assim, o repórter esclarece que os *skatistas* “estudavam e trabalhavam” para praticarem o esporte, enquanto que os “filhinhos de papai”, não faziam jus a esta condição e recebiam todo apoio da família. Desta forma, ser filhinho de papai era não possuir recursos necessários para andar de skate, e depender financeiramente dos pais. Entretanto, o grupo dos *skatistas*, por não contar com tais privilégios, não aceitava às comparações com os filhinhos de papai. Todavia, parte do grupo não concordava com as representações relacionadas às dificuldades financeiras vivenciadas pelo grupo (FOLHA, 2000).

Em 29 de fevereiro de 2000, o Jornal, o Diário, lança uma matéria intitulada: 1ª etapa de copa de skate é realizada com sucesso. O texto jornalístico aborda os principais momentos da competição informando que a disputa “na I Copa Israel Gomes de Almeida de Skate, levou os esportistas a machucarem os joelhos, grunhirem insatisfeitos com as próprias manobras e a serem ovacionados pela torcida”. A reportagem detalha a quantidade de competidores “50

¹⁰²Idem, 2017.

¹⁰³Kehl (2004) aborda a discussão em **a juventude como sintoma da cultura**, sobre o conceito de filhinho de papai, comparando com a dos jovens de baixa renda. Outro trabalho, que discute sobre os filhinhos de papai, está no trabalho intitulado, **Um estudo psicossocial dos significados e sentidos expressos nas músicas de MV Bill**, aqui os autores Hinkel e Prim (2009), realizam através das músicas do MV Bill, comparações entre jovens pobres e jovens ricos na expressão filhinho de papai.

skatistas”, e que a prefeitura patrocinou o campeonato, junto com algumas empresas. Simultaneamente, destaca a fotorreportagem com a presença do próprio prefeito Ottomar de Souza Pinto, que na época, se encontrava no último ano de mandato e preanunciava sua candidatura a reeleição (O Diário, 29 de fev. de 2000).

A reportagem enfatiza ainda, a homenagem ao *skatista* assassinado por um membro de galera: “Israel era *skatista*. Morreu em dezembro de 99, depois de ser esfaqueado por um integrante de galera. Estava na pista de *skate* do parque Anauá quando foi atacado”. Depreendemos desse trecho da reportagem que a identidade *skatista* está ligado ao esporte, ao retratar a disposição do grupo em organizar o campeonato para homenagear o atleta. Outro aspecto observado pelo texto em apreço é a presença da mãe do *skatista* homenageado, Livoneide Gomes de Almeida, que esteve na quadra de tênis do Complexo Ayrton Senna para prestigiar o evento. Além disso, um registro digno de nota, foi o incidente que marcou o evento. Um dos atletas, apelidado de Chaparral “quebrou a perna enquanto estava aquecendo-se. Acabou tendo que ver todo o espetáculo engessado”. Essa disposição do referido atleta, que mesmo machucado preferiu continuar no evento, reafirma a solidez dos laços de brodagem entre o grupo (O Diário, 29 de fev. de 2000).

Dando prosseguimento a análise do texto jornalístico, podemos perceber como ele aborda a condição das redes de relações estabelecidas entre os *skatistas* da cidade de Manaus e os esportistas em Boa Vista. O texto ressalta, que essa rede de relações entre os competidores mencionados, se diferencia das disputas territoriais das galeras de Boa Vista. Uma vez que, os galerosos não aceitavam a divisão de territórios com grupos rivais, e a reportagem deixa claro que as relações sociais entre os *skatistas*, apesar do caráter competitivo, se mostravam como uma prática esportiva regulamentada em espaço de sociabilidade, conforme podemos ver nesse trecho: “para mostrar manobras novas e trocar informações vieram do Amazonas três *skatistas*. Ganharam aplausos dos mais de cem colegas que estavam na quadra”. Portanto, os participantes de grupo de *skate* de outros estados, não afetariam o território da quadra de tênis em Boa Vista, antes, a identidade do grupo era reafirmada enquanto esportistas do *skateboard* (O Diário, 29 de fev. de 2000).

Sendo assim, os contrastes entre as galeras de Boa Vista e os *skatistas*, representadas nas entrevistas do grupo e através das falas em jornais de grande circulação, demonstravam o quanto o grupo de *skate* procurava se afirmar como esportistas perante a sociedade na identificação de praticantes de esportes radicais. Sendo que, as representações atribuídas em relação aos aspectos de marginalizações deveriam ser relacionadas aos membros e integrantes

de galeras. Desta maneira, a identidade do grupo era posicionada perante a sociedade boavistense pelas práticas do esporte *skate*.

5 ICONOGRAFIA DO SKATE EM BOA VISTA

O capítulo apresenta a iconografia¹⁰⁴ do *skate* em Boa Vista no período em discussão. Podem ser percebidos nas imagens os territórios do *skate*, além da identidade do grupo.

Figura 1 Fotografia – *Skatistas* de Boa Vista- RR na cidade de Manaus - AM



Fonte: Marcelo, o Come-Rato – Arquivo pessoal.

Na fotografia aparecem da esquerda para direita, a partir do *skatista* de roupa toda preta os *skatistas*: Líber Uchoa, André, o “Negão”, Magno, o “Cabeça”, Audione, o “Formiga”, Alex, o “Cachaça”, Marcelo, “o Come Rato”, Joelbe, o Mará, Sullivan, o “Chaparral”, o Grilo (apelido), Charles, o Mucura, e Alex o “Cabecinha” (*skatista* de Manaus). No ano 2000 os *skatistas* boavistense receberam patrocínio da Prefeitura de Boa Vista para participarem de dois campeonatos de *skate* que aconteceriam na cidade de Manaus – AM (DELLY; BRITO, 2000).

¹⁰⁴ Iconografia é o ramo da História da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma (PANOFSKY, 1986, p. 47).

Figura 2

Fotografia – II Circuito de *Skate* na Pista do Pricumã no ano de 2001



Fonte: Marcelo, o Come-Rato – Arquivo pessoal

Na fotografia aparecem a Prefeita de Boa Vista da época, Teresa Jucá com uma blusa vermelha com as mãos nos ombros do *skatista* profissionais da cidade de São Paulo - SP, Eduardo, o Anjinho e ao lado, sentado na cadeira, Erik Balboa. Bem como ao seu lado, Charles, o Mucura, dono da Adrenalina Skate. Na Frente do Eduardo, o “Anjinho”, com o microfone nas mãos, Maurício, o “Pezão”.

Figura 3 e 4

Fotografia - Mauricio “Pezão” – Boa Vista - RR (figura a esquerda)¹⁰⁵; Mauricio – Sobral - Ceará “Pezão” (figura a direita)



Fonte: Folhaweab e Acervo pessoal do Mauricio “Pezão”

Mauricio Rocha Lima, mais conhecido como “Pezão”, é único *skatista* profissional de Roraima, começou andar de *skate* nos anos 80. Já viajou diversos lugares pelo Brasil participando de campeonatos e atualmente é considerado um dos maiores *skatistas* de Boa Vista – RR.

Na **figura 3** à esquerda, Mauricio “Pezão” está realizando uma manobra em uma rampa conhecida como 45 (arco de 45 graus) na Pista do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna. A **figura 4** a direita, Mauricio “Pezão” está na Pista de Skate na cidade de Sobral - CE, realizando um salto (manobra) segurando na prancha do *skate* sem nenhuma proteção na rampa conhecida como *Quarter* (metade de um *Half Pipe*).

¹⁰⁵ **Mauricio “Pezão”**. Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/Noticia_Impressa.php?id=101283> Acesso em: 09 de Jan 2018.

Figura 5

Imagem – Jornal O Diário. 29 de fevereiro de 2000



Fonte: Jornal, O Diário. Arquivo pessoal do Marcelo, “o Come-Rato”

O Jornal apresenta a 1ª etapa da Copa de Skate em Homenagem ao skatista, Israel Gomes de Almeida, que aconteceu na quadra de tênis no Complexo Poliesportivo Ayrton Senna. Na fotorreportagem, no canto esquerdo aparece o Prefeito, Ottomar de Souza Pinto fazendo a entrega das premiações, ao lado do Max Delly, o “Perna”. Próximo do Max Delly, está Ricardo, o “Gog”, dono da loja Sequinhos Sk8. Ao fundo de boné, o skatista, Jimmy Melo e, recebendo a premiação, Pedro, o Tatá. Na imagem, verifica-se a sacola da premiação pertencente à loja de Skate Sequinhos Sk8, patrocinadora do evento.

Figura 6

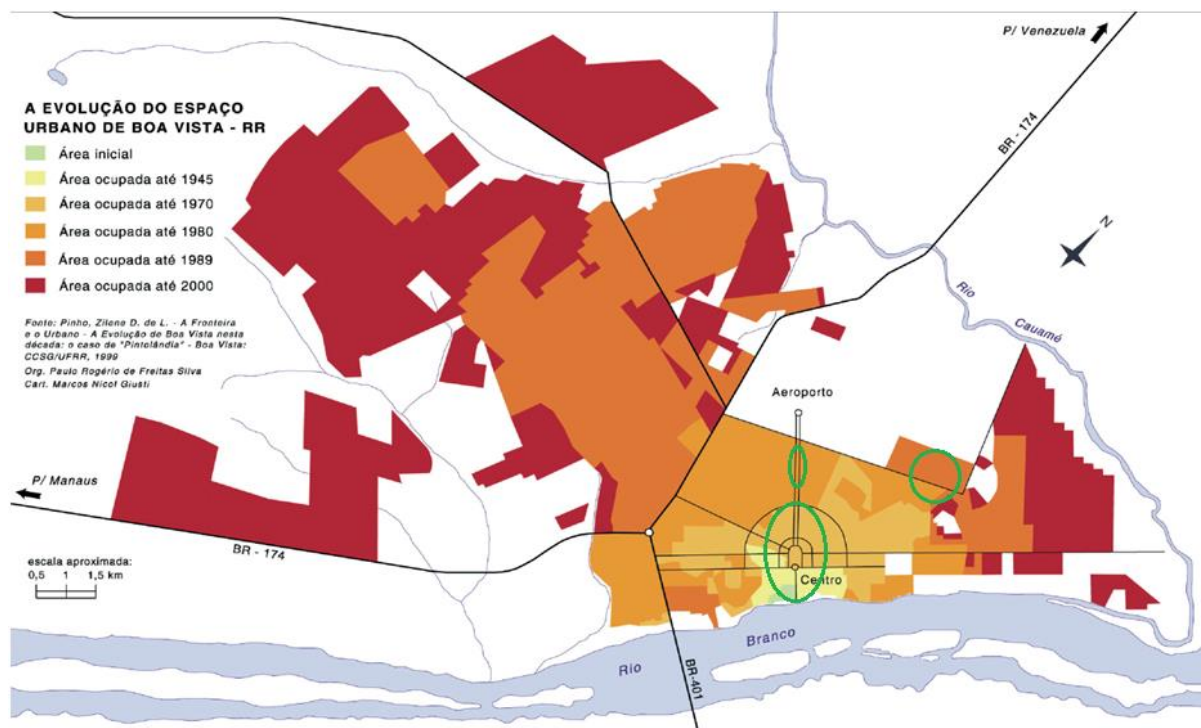
Fotografia – 2ª Etapa da Copa, Israel Gomes de Almeida, na pista de *skate* do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna, ano 2000



Fonte: Arquivo do *skatista*, Marcelo, o “Come-Rato”

Na fotografia, ao fundo da imagem no canto esquerdo, aparecem à faixa com a mensagem de agradecimento ao prefeito Ottomar de Souza Pinto e a Senadora, Marluce Pinto. Vários *skatistas* circulando pela pista e, na rampa principal, ao meio da pista, o *skatista* Marcelo, o “Come Rato”, realizando uma manobra saltando um obstáculo. Percebe-se também, a mesa da premiação, bem como, a presença de populares assistindo o evento.

Figura 7

Imagem¹⁰⁶ – A evolução do *skate* em Boa Vista – RR

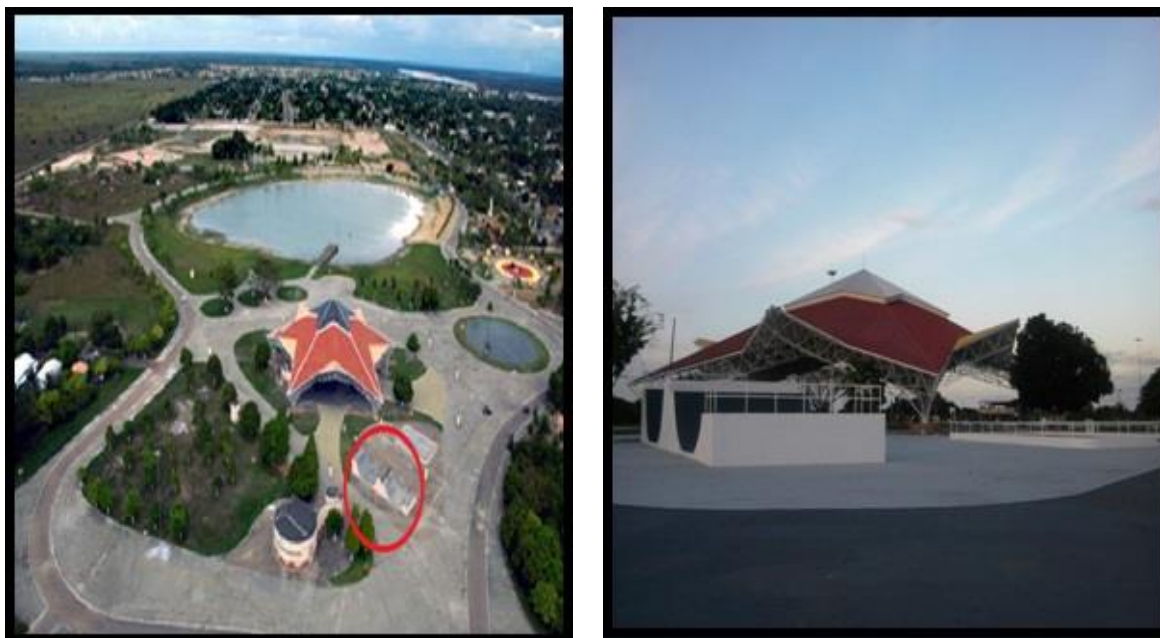
Fonte: Pinho Zilene D. de L.

Nesta imagem são apresentadas as construções dos territórios e as territorializações em espaços urbanos como lugar das práticas do esporte e lazer dos *skatistas* e, como na cidade de Boa Vista através das políticas públicas desenvolvidas por alguns governos, permitiu a partir do final dos anos 80 a criação de novos espaços para lazer e esporte, sendo inicialmente o Parque Anauá, local utilizado pelos *skatistas* como território do *skate* e, a partir de ano de 1999, a Pista de *Skate* do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna. Os lugares circulados na imagem apresentam os territórios nos espaços urbanos utilizados pelos *skatistas* em Boa Vista para práticas do esporte. Assim, estes lugares se caracterizaram por aéreas que apresentam mobiliários urbanos, considerados adequados para as realizações de manobras de *skate*.

¹⁰⁶ SILVA, Paulo Rogério de Freitas. **Boa Vista: gênese espontânea e gênese induzida.** IN: **REVISTA ACTA GEOGRÁFICA.** ANO III. Nº 5. P.63-71, JAN./JUN/2009. p. 69.

Figura 8

Fotografia – Vista Aérea do Parque Anauá (imagem à esquerda); Pista de *Skate* do Parque Anauá (imagem à direita)



Fonte: Website

O Parque Anauá é um grande conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Boa Vista. A construção do Parque se iniciou em 1981, durante o governo de Ottomar de Sousa Pinto. Para realizar o projeto foi contratado o arquiteto cearense Otacílio Teixeira. A primeira etapa de construção, data do mesmo ano. A área inicial estimada em 100 hectares não foi totalmente ocupada, mesmo quando se iniciou a segunda etapa, em 1982.

Entre os muitos espaços de convivência do esporte e cultura do Parque, destacam-se o prédio da Escola de Música do Estado, o Horto Florestal, o Anfiteatro, pistas de *bicicross*, *skate* e *speed-way*, área coberta para shows, o Museu Integrado de Roraima, o Centro de Educação Especial, o Ginásio Poliesportivo, *playground*, o lago, quadras esportivas, a fonte luminosa, lanchonetes e muitas áreas verdes e calçadão para caminhadas ou pedaladas¹⁰⁷.

¹⁰⁷Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista - FETEC. **Inventário do Patrimônio Cultural de Boa Vista**. B. Vista. Ióris, 2011. p. 42.

Figura 9

Imagem - Recorte da Revista Tribo Skate, ano 2001

geral...

1º Campeonato Interno de Skate de Santa Maria/DF
 Dia: 11/02/2001
 Realização: Igreja Renascer em Cristo
 Apoio: Administração de Santa Maria, 14º CPIMIN, Doce Dia Cestas, comunidade local
 Patrocínio: Over Street Skate Shop, Black Alien, Drop Dead, Sims, Hideout, Child

Mirim
 1º Ronan
 2º Dinho "Cabeçudo"
 3º xxx
 4º Rodrigo "Queixada"
 5º Tiaguinho

Iniciante
 1º Vander "Cabeça"
 2º Daniel
 3º Geison "Mão de Vaca"
 4º Jonatan "Macaco"
 5º Dudu "Funabem"

Amador 2
 1º Marlon "Nariz"
 2º Adriano "Bucheça"
 3º Junior "Chanhina"
 4º Fabio "Pé de Cachorro"
 5º Ednei "Maguito"

1ª Etapa do II Circuito Municipal de Skate de Boa Vista 2001
 Data: 10 e 11/03/2001
 Locais: pista de skate - Praça do Pricumã; pista de skate do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna/RO
 Organização: Associação de Skate de Boa Vista - Roraima
 Patrocínio: prefeitura de Boa Vista, Fundação de Educação, Ciência e Cultura de Roraima - FECEC, Adrenalina Skate Shop, Skate Company, Fiksperto, Equipe 28

Feminino
 1º Edmídam de Oliveira "Garrafinha"
 2º Miliard de Oliveira "Mile"
 3º Leidiane "Dida"
 4º Anarrila "Maluca Doida"
 5º Vanusa "Buriti"

Iniciante I
 1º Luciano do Pricumã (Fiksperto)
 2º Kleber "Vasquinho"
 3º Arthur "Soneca" (Fiksperto)
 4º Marcelo "do 13" (Equipe 28)
 5º Júlio Cesar "Negão do Boi" (Adrenalina)

Amador II
 1º Alex "Cachaça" (Adrenalina)
 2º Liber "Cabeça" (Adrenalina)
 3º Joelbe "Maranhense" (Equipe 28)
 4º Magno "Pacaraima" (Fiksperto)
 5º Dadau

Amador I
 1º Marcelo Santana "Comi Rato" (Fiksperto)
 2º André Fabiano "Tarobinha"
 3º Maurício "Peção" (FECEC)
 4º Adriano "Garrote"
 5º Jymmi Iran "Olhão" (Equipe 28)

Campeonato Ilha do Mel
 Data: 04/03/2001
 Local: Shopping Colinas - São José dos Campos/SP
 Organização: Rastafari
 Patrocínio: Ilha do Mel, Billabong, Reef, Volcom, Quicksilver, Double M

Amador
 1º João Carlos "Geminho" (Ilha do Mel, Volcom)
 2º Fábio Pires (Possol, Twister, Reef)
 3º Douglas Fernandes (Possol, Reef)

Iniciante
 1º Martin (Reef, Possol, Rusty)
 2º Buiú (Ilha do Mel)
 3º Max Caetan

1º Street Skate Correria
 Data: 04/03/2001
 Local: estacionamento do Suzano Shopping
 Realização: Correria Street, Q' Loucos
 Produções
 Patrocínio: Crazy, New, Brutus, Formula, Catch the World, Sims, This Way, Inc 3 One World, Agacé, Venom, Qix, M 10, Narina, SB Shoes, Skip,

Programa-se:
 • 2ª Etapa do Circuito Brasileiro Amador Drop Dead Skatepark 2001, 12 e 13 maio (infantil, mirim, iniciante e feminino) e 19 e 20 (amador 2 e amador 1).
 • Dias 28 e 29 de abril a 2ª Etapa do Circuito Tent Beach de Mini Ramp, nas categorias mirim, iniciante e amador.
 • 2ª Etapa do Circuito Estadual Crall/ New nos dias 25, 26 e 27 de maio, em Mogi das Cruzes (Action Now), nas categorias feminino, mirim, iniciante e amador.

Com total envolvimento da Fundação de Educação, Ciência e Cultura de Roraima, o skate toma novo vulto nesse estado do Norte do país. Para essa etapa, levaram como convidados os profissionais Erik Balboa e José Eduardo Anjinho, que fizeram demos no local. Na foto acima, as meninas da área. Na outra a pista do Pricumã. Ao lado, Adriano Garrote, skatista amador com seu rockslide.

Allegres competes am e ini do evento de São José dos Campos.

Leandro Chico, fis tailêde noturno em Suzano.

O pro Zikkira esteve em Suzano. Fis nosegrind. • A premiação.

Freedom Fog, Black Sheep
 Apoio: Salute, H.F. Corretora, Surfinn, Pontal, Associação 100% Skate Ferraz, Rik Wil, Elicar, Stage, Drop Dead, Empório Bothânico, DM, Fly Wave, Tracker, Typo
 Cobertura: Tribo Skate e 100%

Mirim
 1º Igor Smith
 2º Wilhan S. Cedros
 3º Caique F. Moraes "Spock"
 4º Thiago R. Miranda
 5º Antonio A. Junior "Mamona"

Iniciante
 1º Vanderley Arame (Narina, Reef)
 2º Leandro de Andrade (Saguão)
 3º Rafael Racha Cuca (Correria, Q' Loucos)
 4º Thiago Ribeiro
 5º Denis Silva (Narina)

Amador
 1º Cleber Sakamoto
 2º Eduardo Venturini
 3º Claudiomiro "M"
 4º Tartaruga
 5º Henrique "Fique"
 6º Alexandre Dantas
 7º Fabiano "Break"
 8º Gerson Souza
 9º Sidnei Dantas
 10º Marcelo Akasava

Fonte: Revista de Skate Tribo, Ano. 2001, p. 86 – Arquivo do Ricardo

A revista da Tribo Skate, criada em 1991, surgiu com a intenção de ocupar o espaço aberto pelo fim da Overall e assumiu a responsabilidade de representar a cultura do skate no Brasil. A partir de então, a ideia dos skatistas, fotógrafos e ex-integrantes da Overall, Cesar Bragança Gyrão e Fabio Bolota, cresceu e se tornou uma referência na informação e divulgação do skate no país (CHAVES&BRITTO, 2000). A revista retrata a classificação do campeonato de skate ocorrido no ano 2001 nas Pistas de Skate: Praça do Pricumã e Complexo

Poliesportivo Ayrton Senna, com a participação dos Profissionais do *Skate* de São Paulo, Erik Balboa e Eduardo, o Anjinho, através do apoio da Fundação de Educação, Ciência e Cultura de Roraima - FECEC, órgão ligado a Prefeitura de Boa Vista. Observamos ainda na revista, algumas meninas que também praticavam o esporte no ano de 2001.

Figura 10 e 11

Fotografias – Transformações na Pista de *Skate* do Ayrton Senna de 1999 a 2001



Fonte: Arquivo Pessoal. Marcelo, o “Come-Rato”



Fonte: Arquivo Pessoal. Marcelo, o “Come-Rato”

Nas fotografias é possível identificar as alterações realizadas no tamanho do *quarter* (rampa em forma de meia lua). Na **figura 10** o primeiro *quarter* fora construído na gestão do Prefeito Ottomar de Souza Pinto, tendo as inclinações da transição da rampa semelhante ao *Half Pipe*. Na **figura 11**, ao analisarmos a fotografia, percebemos as algumas mudanças. Sendo que, estas, ocorreram após a reforma da pista, realizadas na gestão da Prefeita, Teresa Jucá, com a diminuição das proporções da rampa ganhando a forma de *quarter*. Aparecem na imagem o *skatista* Ewerton, o Tom, de camisa branca e *short* preto próximo ao *quarter* ao lado esquerdo. Ewerton, fora vítima de atropelamento de caminhão no centro da cidade de Boa Vista, no ano de 2016, vindo a falecer como consequência deste acidente¹⁰⁸.

¹⁰⁸COSTA, Emily. **Morre skatista atropelado por caminhão no Centro de Boa Vista**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rr/oraima/noticia/2016/09/morre-skatista-atropelado-por-caminhao-no-centro-de-boavista.html>>. Acesso em 05 fev. 2018.

Figura 12

Fotografia – *Grafites em Boa Vista – Territórios do Skate*



Fonte: Acervo digital Max Delly, o “Perna”.

O *grafiteiro* Max Delly “Perna” apelido que foi atribuído ao seu estado, Pernambuco, foi um dos principais idealizadores da *Zine 29* que retrata também o *grafite*, o mesmo ficou conhecido nos anos posteriores na cidade de Boa Vista, como o primeiro *grafiteiro* “Era época de eleição e um candidato a vereador que tava apoiando os *skatistas*, eu falei com ele que fazia *grafite*. Na verdade eu até menti pra ele, sugeri que fizesse um *grafite* lá na pista e o cara acreditou. Aí eu tive que fazer. Ele me deu 10 latas de *spray* e eu disse – caramba vou ter que me garantir...”. Ele foi para o Parque Anauá, no *half* (pista vertical de *skate*) e ficou das nove da noite até às quatro da manhã. *Grafitou* uma paredona enorme, com mais de 3 metros de altura. “Eu fui lá. Estourei o dedo todo. Foi quando eu senti a pressão do *spray* continuado.

Você perde até a força na mão¹⁰⁹”. Esse relato demonstra a primeira experiência com o *grafite*.

A fotografia do *grafite* na quadra de Tênis no Complexo Poliesportivo Ayrton Senna, apresenta para a cidade de Boa Vista um dos seus grandes trabalhos do *skatista*: as formas de peixes no muro da Quadra de Tênis. Max, o “Perna”, *grafitou* muitos outros pela cidade até fundar a escola do *grafite* em parceria com o Projeto Crescer, através da Prefeitura Municipal de Boa Vista no ano de 2003 (SALOMÃO & PINHEIRO, 2005).

¹⁰⁹DELLY, Max. **Muita treta nos muros de Boa Vista**. Entrevistador: Marcelo Perez. Disponível em <<http://www.overmundo.com.br/overblog/muita-treta-nos-muros-de-boa-vista>>. Acesso em: 05 de fev. de 2018.

Figura 13 e 14

Imagem – Jornal, Brasil Norte. Ano, 1999

Boa Vista, Roraima, domingo, 14 de novembro de 1999

BRASINORTE 12-B **ESPORTE**

ESTILO PRÓPRIO

Skate: emoção e adrenalina sobre rodas

Criado em meados dos anos 60, na Califórnia, o Skate atravessa um de seus melhores momentos no Estado de Roraima

Por Silvio Luiz

De todos os esportes radicais, o skate está a frente de todos. Pelo menos essa é a opinião do grupo de skatistas que anda pelas ruas de Boa Vista e tem encontrado marcado todas as tardes na pista do Parque Anauá, a única da cidade.

Com um estilo próprio, os skatistas podem ser facilmente reconhecidos pelas roupas e músicas que curtem. Basta ter um bom Hard-Core, um Rap, ou até mesmo um Hip-Hop rolando nas caixas que lá estão eles, com suas calças largas e cadidas e camisetas folgadas. Nos tênis, o silvertape (fita adesiva que serve como remendo) é artigo essencial.

Tranquilos, os skatistas formam um grupo diferente dos demais. Não gostam de brigas, apenas de fortes emoções e de preferência, em cima do skate. "Nos damos bem com diversos amigos",

de Biker's. Foi quando se deu a morte do skate. Muitas pistas fecharam e muitos abandonaram o esporte.

Alguns skatistas perderam suas pistas, suas revistas, e se lançaram a andar na rua, usando tudo que achavam no cotidiano como obstáculo, daí se deu o **street skate**.

Em meados dos anos 70, houve o racionalismo de água nos EUA e as pessoas esvaziavam suas piscinas. Foi aí que os skatistas perceberam que essas piscinas vazias poderiam ser ótimos obstáculos.

O Torneio, que conta com patrocínio da Prefeitura de Boa Vista, Fecc, Grupo Barrudada, Senquinhos SK-8 e Adrenalina Skate Shop, terá a participação de alguns skatistas amazontenses.

de Biker's. Foi quando se deu a morte do skate. Muitas pistas fecharam e muitos abandonaram o esporte.

Alguns skatistas perderam suas pistas, suas revistas, e se lançaram a andar na rua, usando tudo que achavam no cotidiano como obstáculo, daí se deu o **street skate**.

Em meados dos anos 70, houve o racionalismo de água nos EUA e as pessoas esvaziavam suas piscinas. Foi aí que os skatistas perceberam que essas piscinas vazias poderiam ser ótimos obstáculos.

O Torneio, que conta com patrocínio da Prefeitura de Boa Vista, Fecc, Grupo Barrudada, Senquinhos SK-8 e Adrenalina Skate Shop, terá a participação de alguns skatistas amazontenses.

Fonte: Arquivo pessoal. Marcelo, o "Come Rato".

Continuação do Jornal na próxima página.

Murcuca. Murcuca é um dos exemplos do crescimento da modalidade no Estado. O skatista é proprietário da loja 'Adrenalina', na rua Agnello Bittencourt, no Centro, uma das duas especializadas na comercialização de produtos exclusivos para skate. A outra loja em Boa Vista é a 'Sequinhos', que fica na avenida das Guianas. "O skate é um esporte que atrai gente praticante de todas as classes sociais porque não requer muitos gastos. E isso tem ajudado em seu crescimento", atesta.

Charles explica para se montar um bom skate são necessários um shape (madeira que fica em cima), um par de trucks (eixos), oito rolamentos, quatro rodas, oito parafusos e uma lixa autocolante. "Não custa mais de R\$ 130", calcula.

Para Pezão, uma espécie de líder entre os skatistas, andar de skate é mais que emoção e adrenalina, é um estilo de vida. "Muitos jovens curte drogas e gostam de andar em competições", acrescenta.

O skate apareceu no princípio dos anos 60 na Califórnia. Era em uma época aonde reinava o surf, praia e a curtição total sobre uma prancha. Mas, naqueles dias de ondas, os mesmos surfistas pegaram as rodas de seus pais, e coloriram em shape, para surfar em terra firme.

No início, os skates eram muito primitivos, apenas uma tábua e quatro rodinhas. O crescimento se deu de uma maneira tão grande, que muitos dos jovens da época aderiram ao esporte. Surgiram os primeiros skatistas. Era uma época aonde o free style dominava. No ano de 1965 se comercializaram os primeiros skates fabricados industrialmente e começaram as primeiras competições.

Em meados dos anos 70 aconteceu um fato que chocou a maior parte de todos os skatistas. A revista "Skateboarder", que era uma das mais importantes sobre o assunto, anunciou a sua mudança de planos, cobrindo, então, assuntos sobre competições.

O SKATE apresenta estilo próprio e inconfundível

O skate apareceu no princípio dos anos 60 na Califórnia. Era em uma época aonde reinava o surf, praia e a curtição total sobre uma prancha. Mas, naqueles dias de ondas, os mesmos surfistas pegaram as rodas de seus pais, e coloriram em shape, para surfar em terra firme.

No início, os skates eram muito primitivos, apenas uma tábua e quatro rodinhas. O crescimento se deu de uma maneira tão grande, que muitos dos jovens da época aderiram ao esporte. Surgiram os primeiros skatistas. Era uma época aonde o free style dominava. No ano de 1965 se comercializaram os primeiros skates fabricados industrialmente e começaram as primeiras competições.

Em meados dos anos 70 aconteceu um fato que chocou a maior parte de todos os skatistas. A revista "Skateboarder", que era uma das mais importantes sobre o assunto, anunciou a sua mudança de planos, cobrindo, então, assuntos sobre competições.

DICAS PARA AS MELHORES MANOBRAS

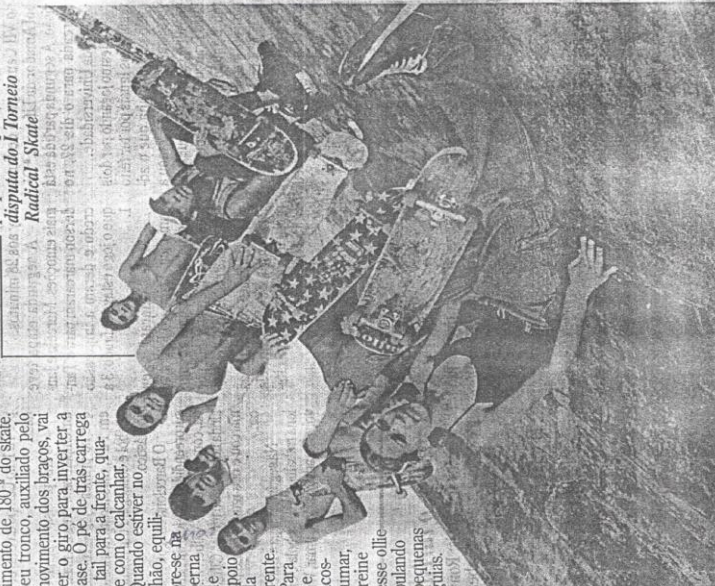
Ollie - Pegue velocidade. Posicione um pé da frente no centro do skate e o outro na ponta do tail, de forma que fique bem confortável e equilibrado. Em seguida abaixe e flexione os joelhos, fazendo pressão com a perna de trás e alivando a da frente, fazendo o skate subir. O movimento do corpo é muito importante e os braços ajudam muito. É importante manter a cabeça sempre para frente e quando bater o tail no chão e começar a subir, chute o skate com o pé da frente. Quando o maior seu ollie, mais suas pernas tem que flexionar para aliviar o impacto do retorno ao chão.

360 Kick Flip - O pé de trás deve estar chapado no tail e o da frente um pouco atrás dos parafusos. Espere chegar ao obstáculo e pressione o tail como se fosse dar um shove. 360 c, ao mesmo tempo dê um toque no pé da frente para girar o flip. Espere o skate fazer a volta completa para encaixar nos pés.

Tente voltar na base. Front Side Ollie 180° - Pegue uma velocidade razoável e posicione os pés como no ollie normal. Quando bater o ollie, vire o corpo para a frente. Mantenha o corpo equilibrado e vire acompanhando o movimento de 180° do skate. Seu tronco, auxiliado pelo movimento dos braços, vai ser o giro para inverter a base. O pé de trás carrega o tail para a frente, que se com o calcanhar, o skate quando estiver no chão, equilibra-se na perna de apoio da frente. Para se acostumar, treine esse ollie pulando pequenas guias.

vertical. Parte vertical da rampa (90°). Wallie - andar de skate sobre um obstáculo. Freestyle - modalidade em chão plano sem obstáculos. Pouco visto. X Games - campeonato de esportes radicais, incluindo skate (street, vert, double vert). Feito atualmente onde você está de frente ao objeto. ESPN.

SKATISTAS preparados para a disputa do I. Torneio Radical Skate



Fonte: Arquivo pessoal. Marcelo, o "Come Rato".

O interessante desse Jornal publicado no ano de 1999 é pensar a visibilidade que o skate em Boa Vista vinha ganhando na sociedade até a morte do skatista, Israel Gomes de Almeida, pois, na reportagem, fora construída toda a história do skate até pensar os praticantes do esporte na cidade de Boa Vista. Na **figura 13**, aparece o skatista, Marcelo, o "Come Rato", executando uma manobra no Parque Anauá. Já na **figura 14**, temos da esquerda para direita: a Adriana, sentada no chão do half-pipe, ao lado Adriano, o Garrote, logo depois o Barbudo (apelido), Alex, o Cachaça, agachado na pista. Atrás do Adriano, Marcelo, o "Come Rato". Entre o Adriano e o Barbudo, aparece o Ewerton, o "Tom", de

boné. E, bem atrás, André, o “Negão”, que fazia parte da equipe 28, a turma de *skatistas* do colégio Maria das Dores Brasil – MDB.

Figura 15

Fotografia – Evento sobre a morte do *skatista*, Israel Gomes de Almeida



Fonte: Arquivo do *skatista*, Marcelo, o “Come-Rato”

A fotografia acima, registra o evento que teve como objetivo a abertura do II Circuito de skate, com a importância de apresentar para a sociedade o contraste entre os *skatistas* e os galerosos. Desta maneira, a Fundação de Educação, Ciência e Cultura de Roraima – FECEC promoveu o evento para discutir os problemas de marginalidade entre os jovens em Boa Vista.

Na fotografia, sentada na mesa de debate da esquerda para direita, o *skatista*, Erik Balboa de São Paulo, profissional que se apresentaria na abertura do circuito, a mãe do *skatista* assassinado no Parque Anauá, Livoneide Gomes de Almeida, ao lado, a prefeita de Boa Vista, Teresa Jucá, e os demais componentes da mesa eram parte da equipe da prefeitura.

6 CONCLUSÃO

Na elaboração do texto dissertativo procuramos apresentar a discussão voltada à identidade dos *skatistas* boavistenses em territórios construídos nos espaços urbanos da cidade. Evidenciamos ainda, como os praticantes do esporte em contrastes com a alteridade buscaram posições identitárias esportistas. Estas posições na identificação da identidade esportista puderam ser concebidas, quando entraram em contraste com a identidade galerosa. Dessa forma, as representações *skatistas* vieram a ser confundidas com grupos galerosos, devido à morte do *skatista* Israel Gomes de Almeida, vítima de um grupo marginal no Parque Anauá no ano de 1999.

Nesse sentido, as dificuldades encontradas ao analisar os agentes pesquisados, se deram pelas próprias definições da identidade e alteridade no grupo, visto que, exigiu durante a pesquisa mergulhar profundamente na trajetória do grupo na cidade de Boa Vista. Pois, quando trabalhamos identidade, compreendemos que a flexibilidade da identidade além de ser variável e móvel, não se limita a espaços e territórios fixos, mas, sendo transitória em sua complexidade está relacionada à cultura e as mediações culturais do seu tempo.

A discussão abordada sobre identidade *skatistas* em Boa Vista, pelos autores citados nesta dissertação, são atualmente de interesse de diversos grupos sociais, sendo que revela as diversas facetas da vida urbana, na qual todos nós estamos inseridos e, que trás em si, grande fascinação aos estudantes da identidade dos grupos urbanos na perspectiva dos Estudos Culturais.

Portanto, partindo destas premissas, o conhecimento sobre a identidade dos *skatistas* em Boa Vista através das práticas e representações, são temas discutidos entre vários pesquisadores, tornando-se tema de teses de doutoramento, dissertações de mestrados e monografias. Sendo que, a pesquisa está inserida em todas as mudanças sociais vivenciadas no globo a partir das novas formas de comunicação global. É, sem sombra de dúvida, sensacional pesquisar identidade, ao mesmo tempo em que requer certo cuidado, pois os teóricos que discutem a temática da identidade não se vinculam apenas a disciplina específica, mas transitam em um caleidoscópio de informações, o que para compreender as práticas e as representações, exige uma mobilidade na inveterada interdisciplinaridade das ciências humanas.

Enquanto explorava na pesquisa as informações obtidas para este trabalho, constantemente me sentia desafiado, pois em Boa Vista e na Universidade Federal de Roraima, pouca paixão existiam para temas acadêmicos voltados para abordar as práticas e

representações de grupos urbanos em práticas esportivas. Apenas as Universidades e Faculdades do Sul e Sudeste tratam de temas como este, para falar de identidades juvenis. Embora, não possa negar que os trabalhos voltados para outras temáticas, como territórios, espaços urbanos, migrações e transições culturais da cidade, contribuíram para a realização da pesquisa.

Apresentar a dissertação em forma de construção da identidade dos *skatistas* em Boa Vista, somente foi possibilitado pela forma como o *skate* ganhou certa visibilidade nos anos posteriores à construção da Pista de *Skate* no Parque Anauá, afinal, não tinha como negar a existência do grupo com o monumento daquele porte em meio às visitas do Parque. Além do que, na época, comparado ao restante do país, existiam proibições para com os praticantes do *skate* em espaços urbanos.

Portanto, representar o *skatista* nas suas práticas como um agente que constrói e ressignifica o espaço social através das práticas esportivas e lazer, fora tão desafiador quanto “desmistificar” a representação de marginalizado, muitas vezes elaborada pelo *skatista* em sua autorrepresentação na sociedade boavistense, mesmo sendo a visão que muitos deles carregavam em algumas falas e representações durante as reportagens analisadas ao longo da pesquisa em jornais, entrevistas, imagens das revistas e fotografias pessoais do grupo.

Por conseguinte, a dissertação sempre possibilitará visitar novos lugares do *skate*, conhecer novos agentes e criar novos personagens. O *skate* é tema atual, com sua própria cultura, fazendo parte da sociedade “moderna” e está em diversos lugares de nosso País. O foco de abordagem voltado para construção da identidade cultural dos *skatistas* em Boa Vista foram os trilhos utilizados para analisar este tema inesgotável, sendo possível a cada nova inquietação entre os pesquisadores, novas análises sobre a temática do *skate*.

O exemplo disso está na ocorrência do *skate* ter virado olímpico em 2016. Contudo, muitos *skatistas* rejeitam a ideia do *skate* sair da sua contraculturalidade e posto em regras esportivas. O temor entre os praticantes do esporte, se dar no que diz à perda da “essência” do *skate*. No entanto, outros *skatistas* discordam desse ponto de vista e não veem problema na inclusão do esporte em jogos de verão que ocorrerão em 2020 no Japão. Assim, as fissuras na identidade e nas posições dos *skatistas*, possibilitam novas abordagens para serem pesquisadas.

Enfim, a pesquisa foi fundamental na perspectiva de trabalhos dissertativos para entender a visão sobre a qual as identidades são construídas e, como as práticas e representações nos territórios em espaços urbanos são formadas para dar visibilidades a

grupos marginalizados. Além da contribuição social que a análise proporcionou para novos pesquisadores em Boa Vista ao longo da escrita dissertativa.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Amarildo Nogueira. **Políticas Públicas e Produção do Espaço Urbano de Boa Vista – Roraima (1988-2011)**. Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG-GEO). Mestrado. Instituto de Geociências (IGEO). Boa Vista – Roraima: Universidade Federal de Roraima, 2013.

BARRETO, Adriano A. **O discurso carismático e a rotinização do carisma na Skate Plaza do Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas – Ponta Grossa – PR**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012.

BARROS, Marta Gardênia. **Jornalismo Marginal – as construções sógnicas do jornalismo comunitário**. Monografia (Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo). Universidade Federal de Roraima. Boa Vista – RR, 2004.

BRASIL NORTE. **Estilo Próprio. skate: emoção e adrenalina sobre rodas. Criado em meados dos anos 60, na Califórnia, o Skate atravessa um de seus melhores momentos no estado de Roraima**. Boa Vista, 14 de nov. de 1999.

BEZERRA, Débora Andrade Panplona. **O Movimento Rastafári: Da Jamaica para identidade e cultura em Fortaleza**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

BRANDÃO, Leonardo. **História, educação e práticas corporais juvenis**. Interfaces da Educ., Paranaíba, v.2, n.6, p.95-104, 2012.

_____. **Um convite ao lazer: O surgimento do skate através das páginas da revista POP (1972 – 1979)**. Fronteiras Revista de História, Dourados, MS, v. 12, n. 22, jul. /dez. 2010.

_____. **Corpos deslizantes, corpos desviantes: A prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989)**. 2006. (Pós-Graduação em História) Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2006.

_____. **Da cidade transfigurada à cidade transformada: culturas juvenis e a prática do skate (1970/1980)**. In.: Revista História e Cultura, Franca-SP, v.1, n.2, p.7-20, 2012.

_____. **De Jânio Quadros a Luiza Erundina: uma história da proibição e do incentivo ao skate na cidade de São Paulo**. Projeto História, São Paulo, n. 49, pp. 293-302, abr. 2014.

_____. **A Mega Rampa e o desenvolvimento do campo esportivo**. In: XVI Encontro Regional de História ANPUH-RIO: Saberes e práticas científicas, 16, 2014, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2014. p. 2-7.

BRANDÃO, C. F. **A teoria dos processos de civilização de Norbert Elias: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese**. (Tese de Doutorado) Marília, S.P.: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2000.

BRITO, R. G. Paes. **Skate e fotografia: A contribuição das revistas especializadas para o desenvolvimento do skateboard como cultura**. 2007. (Pesquisa Científica em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Faculdade Metropolitana Londrinense, Londrina. 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papius, 1996.

_____. **Como é possível ser esportivo?** In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.136-163.

_____. **Coisas ditas**. trad. R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. ed. Brasiliense. São Paulo. 2004.

BROOKE, Michel. **The concrete wave: the history of skateboarding**. EUA: Warwick House Publishing, 1999.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro, ed. Jorge Zahar. 2005.

BRUSQUE, Edmar. **O surf, o skate e o snowboarding e suas conexões com elementos do desing**. Florianópolis, CEART/UDESC, 2006 - Monografia (Graduação) Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC - Centro de Artes.

CARRANO, P. C. R. **Juventudes e cidades educadoras**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CAIAFA, Janice. **Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

COHRE - CENTRO PELO DIREITO À MORADIA CONTRA DESPEJOS. **Conflitos urbano Ambientais em Capitais Amazônicas: Boa Vista, Belém, Macapá e Manaus**. Impressão: Gráfica Calábria. Apoio: Embaixada da Holanda no Brasil. 2006.

CORREIA, R. L. **O espaço urbano**. 4ª ed, 2ª reimpressão. São Paulo: ed. Ática, 2000.

CORREIA, Max Delly de Melo. **Apropriações Do Espaço Público Destinado ao Lazer e as Resignificações Produzidas Por Diferentes Socializações**. Monografia (Ciências Sociais com Habilitação em Antropologia) Universidade Federal de Roraima – UFRR, Boa Vista – RR, 2008.

CHAVES, Cesinha; BRITTO, Eduardo. **A onda dura: 3 décadas de skate no Brasil**. São Paulo: Parada Inglesa, 2000.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. 2.ed. Difel, 2002.

_____. **O Mundo como Representação**. Estudos Avançados. Jan./abr. vol. 5, nº11.p. 173-191. 1991.

COSTA, Rogério H. da. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 6.ed. Rio de Janeiro. Bertand Brasil. 2011.

DIAS, Mariana Andreotti; DOMINGUES, Áquila Maris. **Agregação do espaço urbano por jovens skatistas de Curitiba**. In: XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana – XII SIMBURP. 2011. Belo Horizonte. Anais XII SIMBURP. Acesso em: 02 ago. 2016.

DIAS, Giuslaine de O. **Skateboard para além do esporte: manifestação social e movimento cultural**. 2011. 190p. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais com habilitação em Sociologia) - Universidade Federal de Brasília, 2011.

DELLY, Max.; BRITO, Marcelo. **A Primeira Zine de Boa Vista, 29**. ed. 1, Ano I, 29. Nov. 2000

FOLHA DE BOA VISTA. **Taxistas protestam contra violência**. Dez. de 2000.

_____. **Prefeitura apoia campeonato de skate**. Fev. de 2000.

ELIAS, N. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. 2000. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FIORETTI, E. Campo. **Políticas públicas para cultura como fator de desenvolvimento econômico e social no estado de Roraima**. 2009. (Mestrado em Ciências Econômicas) Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Universidade Federal de Roraima. 2009.

FILHO, A. Rosa; SOUSA, Rodeval M. Andrade. **Território e territorialidade: um estudo sobre as gangues de jovens em Boa Vista Estado de Roraima, Brasil**. Revista Geográfica Venezolana. V.57, julho/Diciembre, 2016.

FRIEDLANDER, Paul. **Rock and Roll – uma história social**. Rio de Janeiro: Record, 2002

GALLO, I. C. D'ÁVILA. **Varia Historia**. Belo Horizonte, vol. 24, nº 40: p.747-770, jul/dez 2008.

GOMES, P.C.C. **Geografia fin de siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões**. In: CASTRO, I. E. e CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. 15ª ed., São Paulo: ed. Loyola, 2003.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.

_____. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. *Educação & Realidade*, v. 22, n.2, jul. /dez. 1997.

_____. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro. ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 10. ed. 2005.

_____. **A questão multicultural**. In: Da diáspora: Identidades e mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. Da diáspora: **identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HINKEL, Jaison; PRIM, L. de Fátima. **Estudo psicossocial dos significados e sentidos expressos nas músicas de MV Bill**. Estudos de Psicologia, v. 14 n. 2, maio-agosto/2009, 151-158. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v14n2/a08v14n2.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2017.

HONORATO, Tony. **Uma história do skate no Brasil: do lazer à esportivização**. Publicado em: Associação Nacional de História – Núcleo Regional de São Paulo. Anais do XVII Encontro Regional de História: O Lugar da História. Coordenação Geral Sylvia Bassetto, Campinas: UNICAMP, 2004.

_____. **A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 95-112, jan. /mar. 2013

IANNI, Otávio. **Era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1996.

IB SK8 ZINE, 1999, p. 6. Impressão da Revista. Arquivo pessoal do skatista, Marcelo Azevedo.

KEHL, M. R. **A juventude como sintoma da cultura**. In: NOVAES, R.; VANNCHI, P. (Org.). Juventude e Sociedade: trabalho, educação e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

LAZZARIN, L. Fernando. **A Negociação da Identidade. Cultura e Grafite em Boa Vista**. Visualidades. Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual – Fav I UFG, V. 5, n.1 Jan-Jun/2008.

LARA, Arthur Hunold. **Grafite: arte urbana em movimento**. (Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo–USP. São Paulo, 1996, 160p.

LEAL, César Barros. **A Delinquência Juvenil: seus Fatores Exógenos e Prevenção**. Rio de Janeiro, Aide Editora, 1993.

LEI Nº 1.492, DE 17 DE JANEIRO DE 2013: **Define o serviço de táxi lotação como transporte alternativo privado, estende o benefício da gratuidade e meia passagem dos estudantes a essa modalidade de transporte e dá outras providências**.

LIMA, Maria G. Leite de. **O Índio na Mídia Impressa em Roraima**. (Dissertação de Mestrado em Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP). Campinas – SP, 2001.

LIMA, Daygles M. de Souza. **Juventude, identidade e violência na perspectiva dos socioeducandos em cumprimento de medida socioeducativa no CSE-RR por ato infracional de natureza grave**. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo-RS, 2017. 315p.

MACHADO, G. M. Carraro. **De "carrinho" pela cidade: A prática do *street skate* em São Paulo**. 2011. 268 p. Tese Doutorado – Programa de Pós-Graduação em antropologia social. Área de concentração: antropologia – Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, São Paulo, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Elogio da razão sensível**. 2. ed. Petrópolis: Vozes. 2001.

_____. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

MAGNANI, J. G. **Lazer dos trabalhadores**. Revista São Paulo em Perspectiva (São Paulo), v.2, n.3, p.37-39, jul. /set.1988.

_____. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3 ed. São Paulo, Hucitec/UNESP. 2003.

_____. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. RBCS Vol. 17 no 49 junho/2002.

MARQUES, José da Guia. **Brincando de brigar e de matar. Um estudo antropológico sobre as galeras de Boa Vista e a banalidade da violência**. (Monografia em antropologia). Universidade Federal de Roraima – UFRR. Boa Vista – RR, 1998, 83p.

MAGALHÃES, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines – João Pessoa**: Marca de Fantasia, 2003.

MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.

MONTEIRO, Paula. **Globalização, identidade e diferença**. Novos Estudos - CEBRAP, n. 49, p. 47-64, nov. 1997.

MONTIEL, Edgar. **A nova ordem simbólica: A diversidade cultural na era da globalização**. In: SIDEKUM, Antônio (Org.). *Alteridade e Multiculturalismo*. Rio Grande do Sul: Ijuí Ed: UNIJUI, Ijuí, 2003.

MOURTHÉ, Claudia Rocha – **Mobiliário Urbano em Diferentes Cidades Brasileiras: Um estudo comparativo**. São Paulo, FAU/USP, 1998 – Dissertação (Mestrado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Estruturas ambientais Urbanas) - Universidade de São Paulo – FAPESP – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo.

MORAES, R; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva: processo construído de múltiplas faces**. *Ciência & Educação*, v.12, n.1, p.117-128, 2006.

ORTIZ, Renato (org.). 1983. **Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. p.82-121.

OLIC, M. Bacic. **Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do skate**. In. Biblioteca digital de periódicos. *Revista de Antropologia*. V. 15. N. I, 2014. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/campos/article/view/43208/27038>>. Em 27 de nov. de 2017.

O Diário, 29 de fev. de 2000. **1ª etapa da copa de skate é realizada com sucesso**.

PALMA, Daniela. **A praça dos sentidos: comunicação, imaginário social e espaço público**. Tese (Doutorado) - Ciências da Comunicação/Escola de Comunicação e Artes/USP. São Paulo, 2010.

PANOFISKY, E. **Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença**. In: *Significado nas Artes Visuais*. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed.1986, p. 47-65.

PEREIRA, Francisco Paes. **O Centro Sócio Educativo no olha da mídia Roraimense: entre a proposta e a prática**. Monografia (Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo). Universidade Federal de Roraima – UFRR, Boa Vista – RR, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história Cultural**, 2ª Ed., Belo Horizonte. Ed. Autentica, 2008.

PISSINI, Eliana Fraulob. **A Questão Ambiental nos Jornais Impressos de Roraima**. (Monografia) – Universidade Federal de Roraima, UFRR, 1998.

PINHEIRO, Maria das N. Magalhães; FALCÃO, Márcia Teixeira; OLIVEIRA, Sandra K. Saldanha de. **Processo de urbanização e mudanças na paisagem da cidade de Boa Vista/RR**. In: **Roraima 20 anos – as geografias de um novo Estado**. (Org's) Paulo Rogério de Freitas Silva e Rafael da Silva Oliveira. Boa Vista: EdUFRR, 2008.

PIETRO, Douglas. 2012. **“Quem é skatista”**. *Revista Cemporcento Skate*, n. 175, p. 22.

Prefeitura apoia campeonato de skate. *Jornal Folha de Boa Vista*, 15 de Fev, 2000.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

Revista Tribo **Skate**. Ano 1995, p. 04.

_____. Ano 1997, p.48.

_____. Ano 2001, p. 86.

RICCA JÚNIOR, Jorge. **O corpo e o texto da cidade**. Ide (São Paulo). 2009, vol.32, n.48, p. 118-129.

ROSE, Tricia. **Um estilo que ninguém segura: Política, estilo e a cidade pós-industrial no hip-hop**, in HERSCHMANN, Micael (org). Abalando os anos 90:funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

ROMERA, L. A. **Juventude, lazer e uso abusivo de álcool**. 2008. 135f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RODRIGUES, Ricardo. **BU: O caminho faz a galera. Boa Vista**. Editora da UFRR, 2012, 97 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SALOMÃO, I. COLANGELO; PINHEIRO, M. Carolina. **Projeto Crescer. Boa Vista - RR**. FGV. 2005.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru, SP, ed. Universidade do Sagrado Coração. 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SIEMS-MARCONDES, Maria E. Romano. **Educação especial em Roraima: história, política e memória**. 2013. 359p. Tese (Doutorado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos - SP, 2013. p. 144).

SILVA, P. R. F. **Espaço e tempo: reflexões sobre os agentes modeladores do urbano roraimense**. Revista reflexões e práticas geográficas (Online). Maceió/AL, v. 1, n. 1, p. 58-81, jul. /dez. 2014.

SIDEKUM, Antônio. Alteridade e Interculturalidade. In: SIDEKUM, Antônio. (Org.). **Alteridade e multiculturalismo**. Ijuí: Unijuí, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. **Boa Vista: gênese espontânea e gênese induzida**. In: REVISTA ACTA GEOGRÁFICA. Ano III. Nº 5. p. 63-71, JAN/JUN/2009, p.63.

_____. **Dinâmica territorial urbana do estado de Roraima – Brasil**. Programa de Pós-

Graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, 2007 (Tese de Doutorado).

SÉRGIO, Paulo. **Problemas urbanos: Galeras desafiam a sociedade**. Folha de Boa Vista. Boa Vista, 30 de dez. 1998, p. 6.

SOUZA, Carla Monteiro de. **Roraima e as Migrações**. In. Textos e Debates. n. 9 (agosto – dez) Boa Vista/ RR: UFRR, CCH, 2005.

SOUZA, Gustavo. **Novas sociabilidades juvenis a partir do movimento hip-hop**. Animus: Revista interamericana de comunicação midiática/Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais Humanas. - Vol. III n 2 Santa Maria, NedMídia, 2004

SOUZA, Carla Monteiro de. **Boa Vista/RR e as migrações: mudanças, permanências, múltiplos significados**. Revista Acta Geográfica, Ano III, nº5, jan./jun. de 2009. p.39-62. Disponível em: <<https://revista.ufrr.br/actageo/article/download/218/377>>. Acesso em: 21 de nov. 2017.

STAEVIE, Pedro Marcelo. **Expansão urbana e exclusão social em Boa Vista – Roraima**. Oculum Ensaios, Campinas, n. 13, p. 68-87, 2011. Disponível em: <<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/viewFile/142/129>>. Acesso em: 21 de nov. 2017.

TESSARINE, J. Benedito. **O mobiliário urbano e a calçada**. Dissertação (Mestrado de Arquitetura e Urbanismo) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008, 117p.

UVINHA, R. R. **Juventude, Lazer e Esportes Radicais**. São Paulo - SP. Manole, 2001.

Ulf Hannerz. **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional**. In: Revista Mana. Abr. 1997, vol.3. nº 1, p.7-39.

VALE, Ana Lia Farias. **O "Ceará" em Roraima. Migração de cearenses: 1980-1999**. Jaboticabal: FUNEP, 2005.

_____. **Nordeste em Roraima: Migração e Territorialização dos nordestinos em Boa Vista**. Boa Vista: EdUFRR, 2014, 245p.

VERAS, Antonio T. de R. **A produção do espaço urbano em Boa Vista – Roraima**. 2009. 235 p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Área de concentração: Geografia Humana) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

VIEIRA, Fagner Pereira. **Diversidade e produção de estereótipos: um estudo etnográfico da formação e atuação do soldado policial militar em Roraima**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Amazonas, 2011. Manaus: UFAM, 2011.

VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Coords.). **História do corpo: as mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, pp. 197 – 250. In: BRANDÃO, Leonardo. **A Cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural**. Dourados: ed. UFGD, 2011.

VILLAÇA, N.; GÓES, F. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SITES:

Alan "Ollie" Gelfand. Disponível em: <<http://www.skatecuriosidade.com/skaters/alan-ollie-gelfand>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

BICICROSS. Disponível em: <http://www.apbmex.com.br/_upload/repository/Site/Apresentacao_APBMEX_2009.pdf>. Acesso em: 07 de nov. 2017.

MODALIDADES. Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/pags/street.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

VERTICAL. Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/pags/vertical.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

ANEXOS



REVISTA ZINE 29, ANO 2000. BOA VISTA - RR

O POR QUE DO 29?

NO COMEÇO, PORÉM CONSIDERADA O FIM, ENTRE O MONTE RORAIMA E MANAUS ESTÁ UMA PEQUENA CIDADE CHAMADA BOA VISTA, ONDE, DE DOIS ANOS PARA CÁ, VEM CRESCENDO UM ESPORTE DIFERENTE. PORÉM PRATICADO EM TODO O MUNDO. É A PARTIR DISSO QUE SURGE O 29 UMA ZINE QUE VAI DAR CONTINUIDADE A UMA HOMENAGEM DE UMA GRANDE REVISTA (100%) QUE LANÇOU A EDIÇÃO 28! EM HOMENAGEM A ISRAEL GOMES DE ALMEIDA. A 29 É A CONTINUAÇÃO DA 28, QUE SURTIU A FIM DE TENTAR DA TOTAL APOIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO SKATE EM BOA VISTA

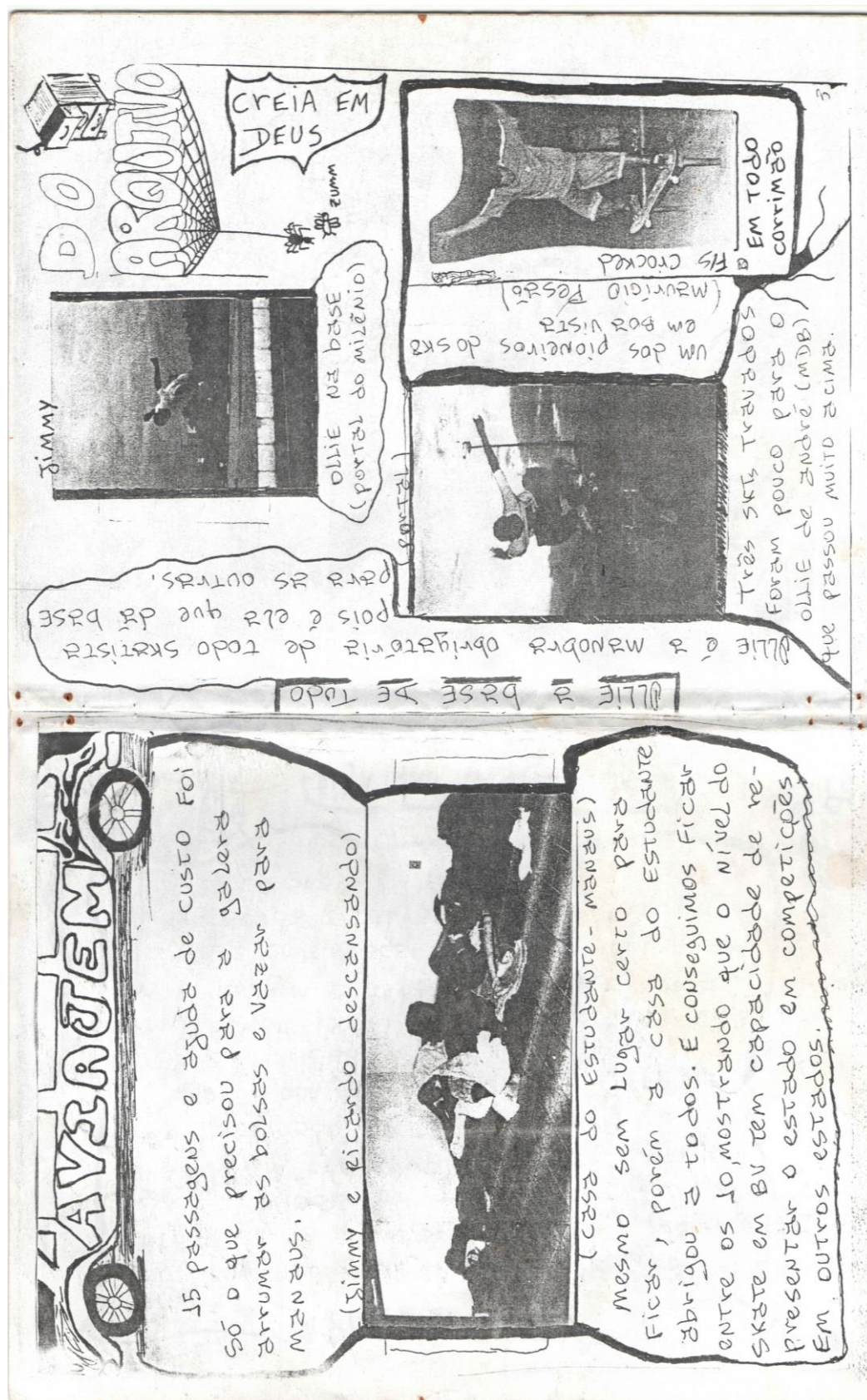
DIGA NÃO A VIOLÊNCIA E SEJA MAIS FORTE

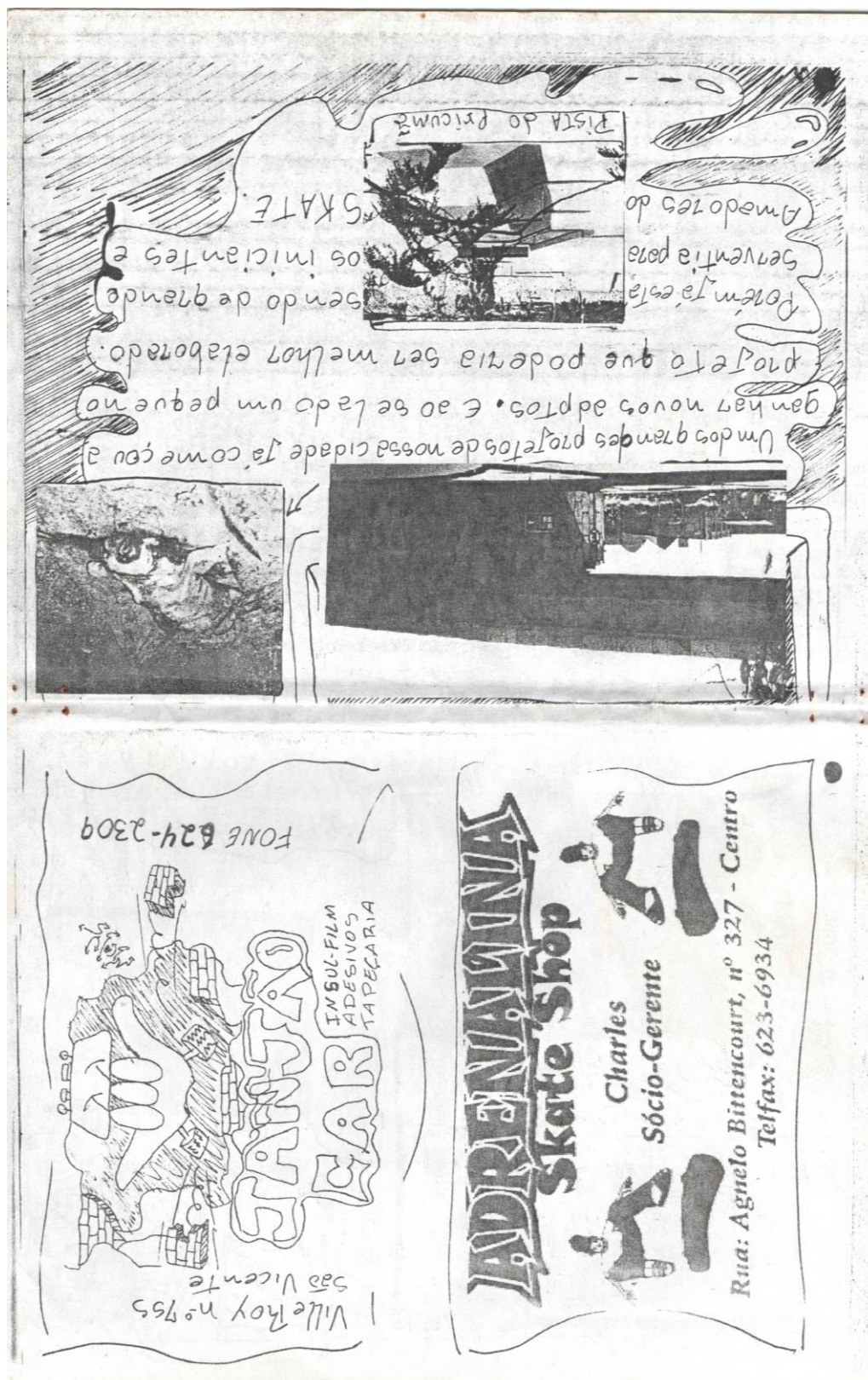
FAZENDO TUDO PELO SKATE!

TIOR & CIA
TUDO EM MATERIAL PARA SKATE

NO BOA VISTA SHOPPING FONE: 224-4222 / 9206

Fonte: Arquivo pessoa, Jimmy Melo.

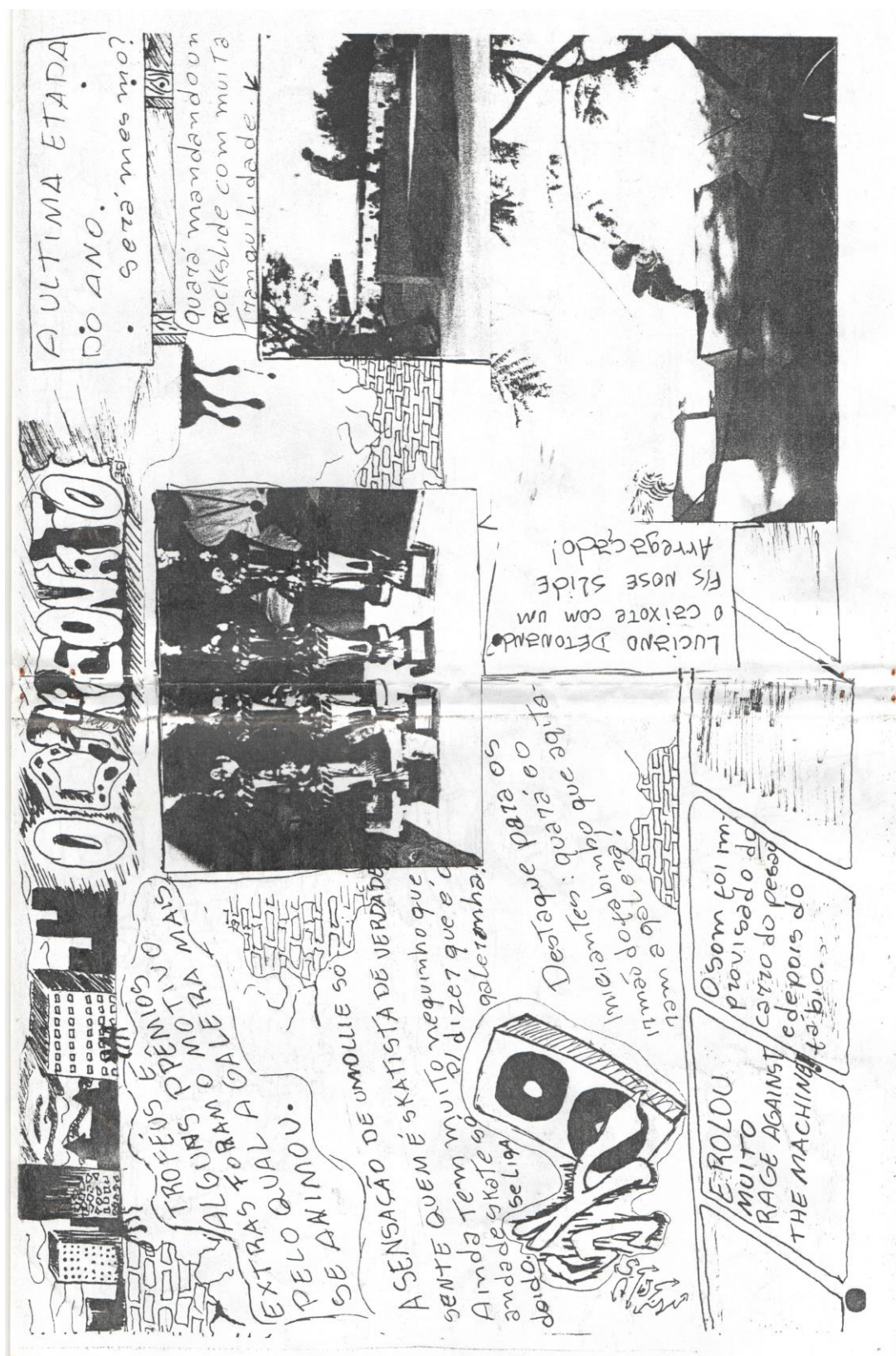




Fonte: Arquivo pessoal, Jimmy Melo.



Fonte: Arquivo pessoal, Jimmy Melo.



Fonte: Arquivo pessoal, Jimmy Melo.



Fonte: Arquivo pessoal, Jimmy Melo.



Fonte: Arquivo pessoal, Jimmy Melo.

NÃO É SÓ NA PRÓXIMA EDIÇÃO!

Pois a base da série, manobras técnicas
e vários picos de Boa Vista e muito
mais além da sua imaginação!
ATÉ A PRÓXIMA E VÁLEU POR VOCÊS
EXISTIREM!

ABRA os olhos e
Acorde p/ vida
SEJA HUMILDE



Diga não às drogas ou
você acaba assim.

BOA VISTA AQUI?

Se vocês quiserem falar com agente como
por exemplo: sugestões, críticas, elogios e fotos
atregando nos manobras, faça o seguinte
Fones: 224-4064
623-1486
NA PRÓXIMA EDIÇÃO
ONOSSO E-MAIL É CAIXA
POSTAL.

Pega a manha pra
aprender a bater
também se arranha

→ WILLIAN (NEGÃO)
UMA FRATURA NO JOELHO
ESTRAGOU O DIA DO CARA
QUE PODERIA TER LEVADO
O CARA QUE O CAMPEONATO!





A primeira *zine* de *skate* em Boa Vista, fora idealizada pelos *skatistas* Marcelo, o “Bocão”, e Max Delly, o “Perna”, que também se consagrou como o primeiro *grafiteiro* em Boa Vista. A *zine* recebeu o nome de 29 (vinte e nove) por causa da Revista de *skate* 100%, no qual, lançou em sua edição de número 28 uma homenagem ao *skatista* assassinado por integrantes de galeras no Parque Anauá no ano de 1999. A revista está cheia de fotografias contendo *skatistas*, territórios nos espaços urbanos, além de desenhos de *grafites*. Mostra um pouco do cotidiano dos *skatistas* em Boa Vista nos anos de 1999 e 2000. O fato de ser posta integralmente nesse trabalho foi motivada pela ausência da mesma entre os *skatistas*, sendo encontrada apenas uma edição no arquivo pessoal do autor da dissertação. A segunda edição fora lançada no ano de 2002, posteriormente não teve novas edições.



Fonte: Arquivo pessoal, Jimmy Melo.

